UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

CAROLINA NERY

Aritectura:
**A apropriação do Espaço Urbano através da Arte Participativa, na
metodologia do Diagrama de Deleuze**

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Aritectura:
A apropriação do Espaço Urbano através da Arte Participativa, na
metodologia do Diagrama de Deleuze**

CAROLINA NERY

Dissertação apresentada para a obtenção do
título de Mestre em Estética e História da Arte
pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades
em Estética e História da Arte.

Linha de Pesquisa: Produção e Circulação de
Arte.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Hunold Lara.

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo e Publicação
Biblioteca Lourival Gomes Machado
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

NERY, Carolina

Arctectura: A apropriação do Espaço Urbano através da Arte Participativa, na metodologia do Diagrama de Deleuze; Orientador Arthur Hunold Lara – São Paulo, 2018.

158 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte – USP, São Paulo, 2018.

1. Arquitetura. 2. Arte 3. Diagrama de Deleuze. 4. Política

Nome: Carolina Nery

Título: Arctectura: A apropriação do Espaço Urbano através da Arte Participativa, na metodologia do Diagrama de Deleuze

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Estética e História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte.

Linha de Pesquisa: Produção e Circulação de Arte.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Hunold Lara.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Sou especialmente grata à minha família. Esta pesquisa desenvolvida em grande parte da área de humanas, surgiu de um rizoma inicial, da subjetividade, da minha formação. Devido a admiração por projetos realizados, desde meu avô, mãe, tia, que foram grandes colaboradores para uma sociedade mais justa, parti de conhecimentos que inspiraram as minhas escolhas, me mostraram a importância de compartilhar o que para nós é verdadeiro.

Ao orientador e amigo, Prof. Dr. Arthur Hunold Lara, sempre paciente e solícito, pelo seu auxílio, disposição e por me incentivar em todos os momentos. Além de tê-lo como referência por seus projetos e pesquisas que promovem uma reflexão sobre a relação da cidade e seus Afetos.

À Universidade de São Paulo, ao Programa Interunidades em Estética e História da Arte, aos funcionários Joana e Paulo pelo suporte. Ao professor Artur Matuck, pela amizade e preocupação em proporcionar encontros que foram essenciais para a minha formação.

Ao Ricardo Stuari, meu marido, pelo incentivo e correção desta pesquisa, pela sua assistência antes, durante e após o nascimento da nossa filha. Sem seu companheirismo não seria possível a realização deste projeto, não ficariam completas as pesquisas que fizemos e faremos pelo mundo.

À minha filha Maria Victoria que é a minha luz, motivo da maturidade e discernimento para fechamento desta pesquisa.

À minha mãe, amiga de todos os momentos, principalmente durante estes anos de dedicação aos estudos. Também é uma referência, professora ativista, participou de projetos e me apresentou o trabalho do Mestre Paulo Freire, grande incentivadora e parceira, razão pela qual eu fui capaz de chegar até aqui. Meu pai Roberto Nery, *In Memoriam*, a quem eu dedico meu lado criativo, me ensinou a não ter barreiras para praticar o que se deseja. Meu avô Severino, *In Memoriam*, político que defendeu interesses sociais e criou organizações, responsável pela minha compreensão prática de atividades sociais.

À minha sogra que esteve presente durante a gravidez e no auxílio à correção gramatical deste trabalho.

À minha avó Albina que me ensinou muito, também ativista no bairro onde nasci e a tia Ivani, assistente social, aluna de Luiza Erundina, autora de projetos sociais, dos quais muitos eu pude acompanhar. Personagens fundamentais neste projeto também por terem se dedicado aos cuidados e carinho com a Maria enquanto eu escrevia. Ao meu primo Eduardo José que esteve sempre presentes em projetos e foi responsável pelo depoimento anexado a esta dissertação

Ao meu tio Ademir, que desenvolve muitos projetos sociais ligados na cidade de Bragança, além de estar sempre ao meu lado em auxiliou como Doutor na correção deste trabalho.

À minha irmã Carine, sobrinha Louise, e cunhado Danilo pela paciência e amparo durante a realização da pesquisa na Austrália e por estarem sempre presentes.

À minha cunhada Renata, Renato e Larinha pelo carinho que nos receberam no Peru, foi de inestimável importância para o entendimento da cultura local, conhecimento agregado à esta pesquisa.

A todos os colegas mestrandos e doutorandos do Programa Interunidades em Estética e História da Arte que se além fazerem parte nesta pesquisa, se tornaram grandes amigos, em especial ao Sandro Cajé, Daniel Perseguim, Ivi Brasil, Antônio de Pádua, Aila Regina, Fabi Mitsue, Edson Luiz e Joseane Alfer. Ao professor e amigo Marcelo Denny.

Aos entrevistados, e a todos que participaram direta ou indiretamente desta pesquisa, promovendo debates e oferecendo: incentivo, apoio, suporte, interação e amizade.

The right to the city is far more than the individual liberty to access urban resources: it is a right to change ourselves by changing the city. It is, moreover, a common rather than an individual right since this transformation inevitably depends upon the exercise of a collective power to reshape the processes of urbanization. The freedom to make and remake our cities and ourselves is, I want to argue, one of the most precious yet most neglected of our human rights.
(HARVEY, 2010)

TÍTULO

Aritectura: A apropriação do Espaço Urbano através da Arte Participativa, na metodologia do Diagrama de Deleuze

RESUMO

O processo de fusão entre a arte e a arquitetura, é chamado nesta pesquisa de Arquitectura, sendo esta uma experimentação de práticas realizadas no ambiente urbano.

Foram investigados projetos de arte urbana com o objetivo de criar possíveis ações políticas. Atribui-se assim, ao profissional arquiteto a função de fomentador de ações, compreendendo a cidade contemporânea.

Citamos projetos artísticos que partem de uma interação com o espaço urbano e criticam o poder opressivo, apontando como poderiam ou não ser contextualizados dentro da teoria do Diagrama. De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guatarri o Diagrama possui alguns aspectos, entre eles: aspecto geo-espacial, aspecto aritmético e aspecto afetivo. Na tentativa de exemplificar uma estratégia e elucidar a teoria realizamos uma *performance* na cidade de Jundiaí, nos pautando nos aspectos do Diagrama.

A partir da escolha do Diagrama de Deleuze foi possível criar uma abordagem baseada em processos, onde a ação é mais efetiva se entendida dentro de uma organização metodológica.

Passa-se a entender o espaço urbano como fomentador de afetos e de relações sociais em uma construção da cidade a partir do olhar de quem a constitui.

Convergimos diferentes áreas a fim de criar uma democratização no espaço urbano, para isso, foi investigado o controle social utilizado pelo Poder, para possibilitar maior liberdade de usos.

PALAVRAS CHAVES: Arquitetura, Arte, Diagrama de Deleuze, Política.

TITLE

Aritectura: The appropriation of Urban Space through the Participative Art, in Deleuze's Diagram methodology

ABSTRACT

The process of merging art and architecture in this research is Arquitectura named, being an experiment in urban environment.

We investigated urban arts projects, in order to create potential political actions. Therefore, the professional architect gains the function as developer of actions, understanding the contemporary city.

We also mentioned artistic projects based in urban spaces interaction, which criticize the oppressive power. We analyzed the possibility to contextualize inside Diagram's theory, agreeing with Gilles Deleuze and Felix Guattari in: spatial aspect, arithmetic aspect and affective aspect. Trying to exemplify a strategy and elucidate the theory, we made a performance art in Jundiaí city, gathering the Diagram's aspects.

From the Diagram choice was possible to create an approach based in process, the action is more effective if better understood in a methodological organization.

The urban space comprehension becomes a relational and an Affect social fomenter in the city construction, through the inhabitant perspective.

The range of different areas converged in urban space practices, studying the social control, normally used by the Power reaching democratic spaces.

KEY WORDS: Architecture, Art, Deleuze's Diagram, Politic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

DIAGRAMA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA - 1	21
IMPLANTAÇÃO DOS SÉCULOS III E IV D.C 2	29
CAPA DO LIVRO PANÓPTICO - 3	32
PANÓPTICO VISTO DE CIMA - 4	32
FIGURA PANÓPTICO VISTO DE DENTRO - 5	33
<i>PERFORMANCE</i> , 2017, FOTO: CAROLINA NERY - 6	44
<i>PERFORMANCE</i> , 2017, FOTO: CAROLINA NERY - 7	44
FOTO DOS PARTICIPANTES NO SESC CFP, 2017, FOTO: PAULO ZEMINIAN - 8.....	45
MAQUIAGEM PARA REALIZAÇÃO DA <i>PERFORMANCE</i> , 2017 - 9	45
MAQUIAGEM PARA REALIZAÇÃO DA <i>PERFORMANCE</i> , 2017 - 10.....	45
ENFRENTAMENTO DA POLÍCIA CONTRA ESTUDANTES SECUNDARISTAS - 11	50
MAPEAMENTO DAS FAVELAS, SÃO PAULO, FIGURA 12.....	52
MORRO DA PROVIDÊNCIA, FOTÓGRAFO E ARTISTA JR - 13.....	53
MORRO DA PROVIDÊNCIA - 14	54
MORRO DA PROVIDÊNCIA. 2008. FOTO: JR - 15	55
GRAFITE DENUNCIANDO OS ATAQUES REALIZADOS COM AVIÕES ESTADUNIDENSES NO YEMEN. 09 DE SETEMBRO DE 2017.FOTO: REUTERS (KHALED ABDULLAH) - 16	56
CENAS DO FILME DOMÍNIO PÚBLICO - 17.....	58
OLIMPIC FAVELA, RIO DE JANEIRO, FOTO DO WEBSITE DO ARTISTA MARC OHREM-LECLEF - 18.....	59
OLIMPIC FAVELA, RIO DE JANEIRO, FOTO DO WEBSITE DO ARTISTA MARC OHREM-LECLEF, - 19.....	60
IMMIGRANT MOVEMENT INTERNATIONAL QUEENS - 20	61
<i>SURPLUS VALUE</i> , TATE GALLERY, 2012 - 21	62
<i>BORRANDO LA FRONTERA</i> , FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, 2011 - 22	63
FOTO JR - 23	64
MOCÁK, FIGURA 24.....	65
PAULO BRUSCKY, ARTE POSTAL, ANOS 70, IMAGEM RETIRADA DO <i>WEBSITE</i> DO ARTISTA - 25	66
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY - 26.....	68
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY - 27.....	68
ZAT, 2016, FOTO : CAROLINA NERY - 28.....	68
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY 29.....	68
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY - 30.....	69
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY - 31.....	69
ZAT, 2016, FOTO: CAROLINA NERY - 32.....	69
NÁPOLES SUBTERRÂNEA, FOTO DO <i>WEBSITE</i> GUIA DE MILÃO - 33	72
NÁPOLES SUBTERRÂNEA, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 34	72
NÁPOLES SUBTERRÂNEA, FOTO DO <i>WEBSITE</i> GUIA DE MILÃO - 35	72

PAREDE AUSCHWITZ, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 36	73
PAREDE AUSCHWITZ, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 37	73
TREM EM ATENAS PICHADO, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 38.....	73
ESTAÇÃO DE TREM PICHADA, 2015, FOTO: CAROLINA NERY 39.....	73
MURO GRAFITADO EM ATENAS, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 40	74
BANHEIRO PÚBLICO NA PRAIA DE ATENAS QUE OCUPADA VIROU MORADIA, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 41 ..	74
GRAFITE MURO CRACÓVIA, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 42	75
MENINOS DA RUA PAULO, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 43.....	76
MENINOS DA RUA PAULO, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 44.....	76
PEST BOYS, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 45.....	76
RUAS DE BUDAPESTE, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 46.....	77
RUAS DE MUNIQUE, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 47.....	78
RUAS DE MUNIQUE, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 48.....	78
VULCÃO VESÚVIO, NÁPOLES ITÁLIA, 2015, FOTO: CAROLINA NERY - 49.....	78
WE THE PEOPLE, 2016, IMAGEM RETIRADA DO <i>WEBSITE</i> DO ARTISTA - 50	83
<i>TRANSFORMA</i> , FOTO RETIRA DO <i>WEBSITE</i> DO ARTISTA - 51	85
<i>TRANSFORMA</i> , FOTO RETIRA DO <i>WEBSITE</i> DO ARTISTA 52.....	85
BELVEDERE DO MASP, IMAGEM RETIRADA DA REVISTA DIGITAL ARCHDAILY - 53	87
PAREDE PINTADA DE CINZA - 54.....	89
O OSSÁRIO, FOTO RETIRADA DO WEBSITE DO ARTISTA - 55.....	90
O OSSÁRIO, FOTO RETIRADA DO WEBSITE DO ARTISTA - 56.....	90
QUIPOS, 2017, FOTO: CAROLINA NERY - 57	101
QUIPOS, 2017, FOTO: CAROLINA NERY - 58	101
O HOMEM VITRUVIANO - 59	103
DESENHO DE NEWTON - 60	104
DISCO DE NEWTON - 61.....	104
DIAGRAMA DA ROSA, FIGURA 62	106
MODULOR - 63	107
DIAGRAMA 2, REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA - 64.....	108
DIAGRAMA 3, REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA - 65	109
DIAGRAMA 4, REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA - 66	111
ENTROPIA - 67.....	115
DIAGRAMA DE EDIFÍCIOS NO MUNDO, CLASSIFICADOS POR ALTURA, CIDADE, PAÍS E USOS, FIGURA 68.....	118
EDIFÍCIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO, CLASSIFICADOS POR ALTURA E USOS -69.....	118
DIAGRAMA 5, REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA - 70.....	119
DIAGRAMA 6, ESTRUTURA DO PODER JUDICIÁRIO - 71.....	119
MAPA DE DENSIDADE DEMOGRÁFICA, FIGURA 72	129
CARTOGRAFIA AFETIVA DO CENTRO DA CIDADE DE JUNDIAÍ - 73.....	129

CENTRO DE JUNDIAÍ - 74	129
CENTRO DE JUNDIAÍ - 75	129
ANTIGA COMPANHIA PAULISTA DE FERROVIA, 2014, FOTO: CAROLINA NERY - 76	131
ANTIGA COMPANHIA PAULISTA DE FERROVIA, 2014, FOTO: CAROLINA NERY - 77	131
ANTIGA COMPANHIA PAULISTA DE FERROVIA, 2014, FOTO: CAROLINA NERY - 78	131
LEVANTAMENTO DA ÁREA DE FLUXOS - 79	139
FLUXOGRAMA - 80	140
CARTAZ DO EVENTO - 81	141
<i>PERFORMANCE</i> IMAGINE SE, 2016, FOTO: BÁRBARA TREVISAN - 82	142
<i>PERFORMANCE</i> IMAGINE SE, 2016, FOTO: BÁRBARA TREVISAN - 83	142
<i>PERFORMANCE</i> IMAGINE SE, 2016, FOTO: BÁRBARA TREVISAN - 84	142
<i>PERFORMANCE</i> IMAGINE SE, 2016, FOTO: BÁRBARA TREVISAN FIGURA 85	143

SUMÁRIO

CAP. 1. A ARQUITETURA DA URBANIDADE	22
1.2. ARTECTURA: A ARQUITETURA, AS ARTES E A SOCIEDADE.....	26
1.4. MOVIMENTO-AÇÃO.....	40
1.5. O ATIVISMO E O PROFISSIONAL	49
CAP. 2. ENTENDENDO ASPECTOS DIAGRAMÁTICOS NA ARTE URBANA	51
2.1. A ARTE DENÚNCIA NA IMAGEM DO BRASIL.....	57
2.2. INTERVENÇÃO, DA RUA PARA O MUSEU	63
2.3. OCUPAÇÃO ESPONTÂNEA DOS ESPAÇOS URBANOS.....	71
CAP. 3. ARTE A ARQUITETURA E A POLÍTICA	80
3.1. A ARTE QUE AFETA.....	82
3.2.1. MICHEL TUFFERY	84
3.2. A ARTES E OS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	86
A MEMÓRIA É UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA	88
3.3. A ARQUITETURA MUSEU.....	91
3.3.1. A ARTE PARTICIPATIVA.....	95
CAP. 4. O DIAGRAMA.....	99
4.1. DIAGRAMAS CONHECIDOS.....	102
4.2. O USO DO DIAGRAMA.....	107
4.3. DIAGRAMA COMO MÁQUINA DE GUERRA.....	110
4.4. DIAGRAMA DE DELEUZE.....	115
4.4.1. O DIAGRAMA DE FOUCAULT ANALISADO POR DELEUZE	116
4.5. O DIAGRAMA COMO RELAÇÃO DE PODER	117
4.6. O DISCURSO E O DIAGRAMA	121
CAP. 5. LEVANTAMENTO APARTIR DO DIAGRAMA DE DELEUZE	123
5.1. CARTOGRAFIA MICRO GEOPOLÍTICA DA CIDADE DE JUNDIAÍ	128
5.2. A ARITMÉTICA DA AÇÃO.....	132
5.3. PROCESSOS INVESTIGATIVOS REALIZADOS NA CIDADE DE JUNDIAÍ	139
5.4. O DISPOSITIVO.....	142
CONCLUSÃO.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS	148
WEBSITES	151
FILMES	153

DICIONÁRIOS	154
ANEXO	155

INTRODUÇÃO

O Professor Doutor Guilherme Wisnik (2015) compôs a mesa: Da Primavera dos Povos às cidades rebeldes, para pensar a cidade moderna, parte do Seminário Internacional Cidades Rebeldes¹. Este evento tornou-se significativo para entender a relação entre processo de urbanização, relações sociais e política. Repensar o espaço urbano foi o foco principal desta pesquisa. Apontar possíveis soluções a fim de se aprofundar nesta investigação, foi imprescindível para destacar ações e metodologias que têm como objetivo criar uma cidade mais humana. Citou Wisnik:

[...] a vinculação entre capital financeiro, crédito e urbanização remonta aquele momento que a gente poderia tomar pouco quase como um *Big Bang* do processo nosso contemporâneo. Onde justamente na proximidade de uma revolução social, ao contrário disto, o que se dá é uma reação autoritária, e que se sustenta, e que de alguma maneira resgata o capitalismo em sua crise naquele momento. Através de grandes obras de urbanização. Isto é a reforma de Paris [...] então ali naquele momento com Hausmann e com Luis Bonaparte² o que se faz é, um vasto programa de urbanização que tem um papel de absorção do capital excedente, e ao fazer isso, gerando emprego, aquecendo a economia e criando um mercado consumidor. Este processo alicerçado em crédito financeiro das instituições que justamente financiaram quase vinte anos de obras na cidade, dão uma matriz de relação econômica urbana que só faz aumentar até hoje [...] David Harvey³ mostra como isso gera-se um novo estilo de vida [...] (em Paris) Belle Époque, o Art Nouveau como estilo estético é a arte da burguesia triunfante [...] encarna na arte e na arquitetura a ideia de fetiche e obsolescência porque é uma arte efêmera, ela é feita para durar pouco. Os próprios objetos que a Arte Nouveau produz são objetos de viram signos de distinção social eles gastam rápido [...] Após duas décadas que coincide com o fim da Guerra Fria é um momento em que a urbanização toma sozinha este papel de estabilizador do sistema capitalista em crise que eventos de grande apelo midiático como Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, expos etc. para não dizer eventos de outras naturezas, no caso esportivas sobretudo, tenham mudado e se tornando eventos essencialmente imobiliários. Os escândalos da FIFA recentes atestam isso (2015). [...] o México que é um país de terceiro mundo, tinha sofrido um terremoto nove meses antes do evento e fez uma Copa do Mundo (1986) sem maiores investimentos nem problemas. E passados pouco

¹ Seminário Internacional Cidades Rebeldes. São Paulo. SESC, Boitempo Editorial, 9 e 12 de junho de 2015.

² O ano de 1848 trouxe uma das primeiras crises claras, por toda a Europa, tanto de capital excedente ocioso quanto de desemprego. Ela golpeou duro particularmente Paris e resultou numa fracassada revolução de trabalhadores desempregados e daqueles burgueses utópicos que viam numa república social o antídoto para a ganância e a desigualdade que caracterizaram a Monarquia de Júlio. A burguesia republicana reprimiu violentamente os revolucionários, mas fracassaram em resolver a crise. O resultado foi a ascensão ao poder de Napoleão Bonaparte, que armou um golpe em 1851 e se autoproclamou imperador no ano seguinte. Para sobreviver politicamente, ele valeu-se de ampla repressão aos movimentos políticos alternativos. A situação econômica ele tratou por meio de um amplo programa de investimento em infraestrutura, tanto interna como externamente. Neste último caso, isto significou a construção de estrada de ferro por toda a Europa em direção ao Oriente, assim como apoio a grandes obras, tal como o Canal de Suez. Internamente, significou consolidar a rede ferroviária, construir portos e ancoradouros e drenar pântanos. Isto acarretou, acima de tudo, a reconfiguração da infraestrutura urbana de Paris. Bonaparte declarou Georges-Eugène Haussmann encarregado das obras públicas urbanas em 1853. Evidentemente, Haussman entendeu que era sua missão ajudar a resolver o problema do excedente de capital ocioso através da urbanização. A reconstrução de Paris absorveu um enorme quantum de trabalho e capital pelos padrões da época, o que, associado com a supressão das aspirações da força de trabalho, consistiu no principal meio de estabilização social.

³ Wisnik (2015) refere-se ao livro *Direito à Cidade* do Professor David Harvey baseado no livro de Henry Lefebvre, *Direito à Cidade*.

mais de vinte anos estes eventos geram um aparato imenso e necessidade de obras gigantescas que só alimentam este sistema da especulação que é predatório em essência. (WISNIK, 2015)⁴

De acordo com o Professor:

- A cidade, o urbanismo, carrega em sua essência o estilo de vida, a separação social e a especulação imobiliária.
- A nova arte cria um modismo, as mídias iluminam este novo modo de viver.
- A espetacularização dos grandes eventos acena o livre acesso das empreitadas que prejudicaram as classes menos abastadas e não chega ao conhecimento de muitos.
- A ação política social, os movimentos sociais se enfraquecem para dar lugar ao sistema capitalista de exploração.

A cidade desenhada para sustentar a estrutura capitalista deixa de ser um direito da sociedade, que é limitada ao uso dos espaços. A mídia é a principal ferramenta de direcionamento dos valores culturais, o modismo, a nova arte, a ideia de triunfo da burguesia.

Muito tempo se passou, entretanto, o objetivo da reforma urbana continua sendo o mercado⁵, a arte sendo um instrumento de mudança social e segregação social (ARANTES, 1998), (LIPOVETSKY, SERROY, 2015), (COUQUELIN, 2001), (RANCIERE, 2009) e a mídia direcionando os valores culturais (MESSAGI, 2016), que é apropriado por uma sociedade seduzida pela espetacularização (DEBORD, 1997).

Nesta investigação a profissão do arquiteto parte da sociedade que se torna protagonista, num papel fundamental na construção da cidade, baseado no livro de Nelson F. dos Santos⁶, 1985. Santos (1985) cria uma abordagem sobre como seria a cidade se cada profissional desempenhasse seu papel no desenho urbano e, através da criação de Seis Novas Cidades de Roraima idealiza um método de criação do projeto urbano como um jogo de cartas. A obra do professor proporcionou uma perspectiva diferenciada na maneira de repensar a cidade.

⁴ Transcrição parcial da aula assistida do Seminário Cidades Rebeldes, acontecido de 09 a 12 de junho de 2015. Também disponível no Canal Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=0cVHd_EX2ME. *Open Access*. Acessado dia 08 de julho de 2018.

⁵ RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTOS HUMANOS GLOBAIS. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/>. *Open Access*. Acessado em 13 de julho de 2018.

⁶ Nelson Ferreira dos Santos, Arquiteto Urbanista, antropólogo e professor universitário, faleceu aos 46 anos em 1989, escreveu diversos livros e artigos, publicados no Brasil e exterior.

A pesquisa se estrutura em três pilares: a arquitetura dentro de uma perspectiva de afetividade, levantando questões que interferem direta e indiretamente no crescimento da cidade. Na investigação de projetos artísticos com cunho político que proporcionem uma experiência cognitiva. Estudo de metodologia que substitua os métodos convencionais utilizados pelo arquiteto, através de uma transição que resgata valores humanos.

Esta desconstrução parte da arquitetura transitória, de impermanência, realizada pelo coletivo que são grupos sociais que usufruem do espaço urbano. O projeto passa a ser entendido como um processo artístico, por destacar-se da construção convencional realizada pelo profissional arquiteto e que pode ser provisória. Caracteriza-se assim como uma intervenção urbana com viés político devido a metodologia utilizada para este fim.

Foi utilizado o Diagrama de Deleuze baseado na filosofia de Gilles Deleuze, além de autores tais como: Félix Guatarri, Michel Foucault e Jacques Ranciere, outros também foram citados. São teóricos que tratam da questão das relações sociais e chamam atenção para a necessidade da politização dos indivíduos, para melhor conhecerem as amarras que conduzem ao controle social, que também é promovido pelo desenho urbano atual, como veremos.

Para identificarmos a possibilidade de criação metodológica do Diagrama em uma obra urbana fizemos o levantamento de algumas obras para melhor compreensão de como seria se fosse realizada dentro da teoria. De acordo com Deleuze e Guatarri o Diagrama possui os seguintes aspectos: espaciais (geográficos), aritmético (organizacional) e afetivo (se promove ou não um afeto).

O problema a ser levantado é como melhorar a qualidade de vida da cidade e quais convenções podem ser adotadas para este fim. Esta qualidade de vida relaciona-se com uma cidade mais humana, mais justa, para que seja possível transitar e reivindicar por direitos, fazendo arte. Através da democracia é possível desenvolver economia própria (RANCIERE, 2014) e pode surgir uma sociedade que é capaz de se sentir parte do ambiente urbano, trata seu espaço com respeito e admiração, porque participa da sua evolução.

As ações relatadas foram classificadas como sendo processos artísticos performáticos porque são ações que dão liberdade de criação, são construções efêmeras que compõem a cidade, parte de projetos que dignificam o espaço e se tornam mais importante do que a própria edificação permanente. Estes processos inspiram ao desenvolvimento de hábitos e valorização humana.

Ao se aprofundar na investigação foi constatado que o caminho mais preciso de compreensão para desenvolvimento da prática foi entender a metodologia. O método, a diagramação é a base do trabalho do arquiteto, aos poucos o detalhamento de projetos,

metodologias também foram aplicados nas artes, em todas as áreas: “A forma de investigação, a opção metodológica, extraída fundamentalmente da sociologia, interfere nas pesquisas a respeito da organização do trabalho...” (GUTIERREZ,1986)⁷. Foram escolhidas intervenções que tiveram uma função na cidade e através de uma organização causaram uma movimentação, ou alcançando melhorias ou produziram alguma experiência cognitiva.

A metodologia trata de um modelo utilizado sem regras pré-concebidas, erros ou acertos, de uma definição formatada, dependente de uma interpretação cognitiva, da imanência⁸, da participação da alteridade e como se relacionam as subjetividades. Um modelo customizável, ou seja, passível de personalização, de adequação de acordo com a situação.

O Diagrama de Deleuze⁹ determina uma estrutura organizacional que exemplifica o conceito pós-estruturalista e, ao mesmo tempo é representativo e relacional. Entendemos a necessidade de dar autonomia ao coletivo, descentralizando o poder, descentralizando a autoria. Partimos do entendimento sobre o panóptico, da arquitetura vigiada, criando repertório para questionar o espaço que foi imposto, contrastando com o espaço desejado. A interação é a prática como forma de reapropriação de novos lugares, fisicamente, na busca de elementos identitários. Foi valorizado o processo de realização projeto, resultando num processo que chamamos de Arctectura.

Partindo desse princípio, a abordagem foi construída de maneira que o arquiteto dá ao projeto a sua interpretação como artista, realiza intervenções e estabelece relações. Investigamos processos que possibilitaram maior aproximação entre a arquitetura e a sociedade através das artes. Os Museus citados são edifícios públicos que promoveram e promovem ações temporárias. Espaços ociosos recebem uma função através das ações de coletivos, são exemplos: Casa Amarela, Casa do Povo, Ouvidor 63, Ocupa-Ação em Jundiaí, entre outros. A arte pode causar diversas interferências positivas em diferentes escalas da arquitetura urbana, modificando a paisagem. Promove entretenimento e desempenha uma importante tarefa dentro da sociedade: interação coletiva, troca de conhecimento e cria ambientes autônomos.

⁷ Publicação da Revista de Administração de empresas: GUTIERREZ, Gustavo Luís. A metodologia Científica e o estudo das organizações. Rio de Janeiro. 1986

⁸ A linha estruturalista, outrora direção-mor dos estudos científicos e, atualmente, corrente mal compreendida em seus atuais desenvolvimentos, lançou seus alicerces sob uma compreensão simbólica das coisas do- mundo. Como explica Deleuze (1974, p. 272), o estruturalismo não buscou seus fundamentos no real nem no imaginário, mas no simbólico: Ora, o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico. É a recusa de confundir o simbólico com o imaginário, bem como com o real, que constitui a primeira dimensão do estruturalismo.

⁹ A teoria do Diagrama não foi retirada de um livro, porém de recortes de várias obras, por este motivo a pesquisadora não pode colocar um ano específico de uma publicação.

A arquitetura não se restringe a obras construídas, ela pode ser virtual, utópica ou artística, como instalações, folias (pavilhões), etc. A construção de uma nova cidade pode ser realizada com o olhar de quem a entende a partir do Afeto:

Enquanto [*quamdiu*] o Corpo humano for afetado de uma maneira que envolva a natureza de um corpo externo, a Mente humana contemplará o mesmo corpo como presente e, conseqüentemente, enquanto a Mente humana contempla um corpo externo como presente, isto é, o imagina, o Corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza do mesmo corpo externo; logo, enquanto [*quamdiu*] a Mente imagina coisas que aumentam ou favorecem a potência de agir de nosso corpo, o Corpo é afetado de maneiras que aumentam ou favorecem sua potência de agir e, conseqüentemente, a potência de pensar da Mente é aumentada ou favorecida; e por isso a Mente, o quanto pode, esforça-se para imaginar tais coisas.(ESPINOSA, 2015,p. 259)

Espinosa (2015) especifica o termo Afetar de maneira engenhosa. É possível entender como o afeto pode transformar o indivíduo. No decorrer dos capítulos dessa pesquisa vimos como somos dissuadidos de diversas formas da possibilidade de sermos afetados.

O Afeto torna-se uma resistência política e é entendido como uma dissolução da barreira entre o individualismo e a prática do coletivo.

O uso do termo Coletivo refere-se a diversos grupos que se movimentam no ambiente urbano em busca de direitos políticos. Pelo direito de ocupar a cidade com protestos, ações, arte, pelo direito de pagar menos pelo transporte público, pelo direito à informação, à educação, etc. São coletivos que contribuem para haver menos privação de direitos e esses grupos ocupam espaços urbanos desenvolvendo ações artísticas. Aprofundamos a investigação a fim de compreender quais desses grupos realizavam projetos que possuem como característica o Afeto.

O mediador de um projeto, quando aplica o conceito do Diagrama de Deleuze em sua prática, torna-se um artista ativista, porque se insere em uma percepção do contexto, analisa a diversidade, o coletivo. Cria possibilidades de inclusão das diferenças, interagindo e conectando, recriando uma nova cartografia.

A teoria vincula-se ao conhecimento obtido na Práxis¹⁰ aplicada ao cotidiano, fazendo com que a arte seja um instrumento de maior interação com os espaços urbanos e com a arquitetura. São práticas coletivas que não podem deixar de ter um caráter político e social, ao mesmo tempo artístico, culminando em uma posição crítica através da ação direta realizada dentro do espaço urbano.

¹⁰ Termo utilizado pelo teórico Paulo Freire para se referir à aplicação da teoria na prática de maneira pedagógica na obra Pedagogia do Oprimido de 1974.

Assim como Deleuze e Guatarri elegem o rizoma¹¹, é possível fazer uma analogia ao Diagrama de Deleuze. São elementos que não cessam a conectarem-se às cadeias, formado por Máquinas Abstratas¹² traçam planos de consistência desestratificados, fluxos contínuos ou diagramatizam o que se passa com linhas de fuga de desterritorialização absoluta.

Deleuze e Guatarri explicam essa ideia a partir de Nietzsche sobre a Vontade de Potência, do Desejo, como prática política, de como a filosofia pode ser entendida, como é explicado na obra *O que é a filosofia* (Deleuze, 1991). Aplica-se a uma prática de reterritorialização¹³, da construção de um projeto político nas artes e na produção de subjetividade.

O arquiteto urbanista analisa tecnicamente as partes de um todo, como um espaço a ser povoado, reorganizando áreas residenciais, comerciais, industriais, parques, áreas de proteção ambiental, etc. Criam-se gabaritos: taxas de ocupação, coeficiente de aproveitamento e leiaute. O que nos escapa como profissionais é manter o controle da organização urbana sem que as leis sejam mudadas a ponto de privilegiar empresas ligadas à área de construção, criando modelos contemporâneos de panópticos.

Como profissionais, nos cabe olhar para a cidade não mais como um desenho a ser idealizado, mas como um campo controlado que privilegia as classes abastadas, as construtoras e colabora com a especulação imobiliária. Existe uma periferia que convive com crimes, que está fora da cartografia, é o mapa que transforma pessoas em números e manchas no mapa, como veremos adiante.

Quanto aos detentores da riqueza e do poder, sentem-se eles sempre ameaçados. Justificam seu privilégio diante da comunidade gastando suntuosamente suas fortunas: edifícios, fundações, palácios, embelezamento, festas. [...] a produção de produto substituiu a produção de obras e de relações sociais, ligadas a essas obras, notadamente na cidade. (LEFEVBRE, 2001, P.13)

Existe a necessidade de redesenhar o espaço urbano, realizar um novo Diagrama a partir do olhar de quem ocupa a cidade, das relações, os afetos, as multidões. Deve fazer parte

¹¹ Caule longo, horizontal e subterrâneo, geralmente em forma de raiz que, rico em nutrientes e reservas, emite novos ramos: a íris e o gengibre possuem rizomas.

[Figurado] Fundamento que baseia ou legitima firmemente alguma coisa; raiz: esta questão será o rizoma do projeto. Disponível em Dicio: <https://www.dicio.com.br/rizoma/>. *Open Access*. Acessado em 09 de maio de 2018.

¹² Iremos explicar detalhadamente o termo mais adiante.

¹³ Ato ou efeito de tornar ou tornar-se territorial (ex.: *a territorialização da política através do poder local*).

Ato ou efeito de atribuir território. Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<https://www.priberam.pt/dlpo/territorializa%C3%A7%C3%A3o>. *Open Access*. Acessado em 09 de Maio 2018.

Atribuir território é tomar parte de um espaço geográfico, reterritorializar é tomar parte novamente de um território.

da expectativa do profissional urbanista arquiteto as micropolíticas, pois elas indicam como esse profissional, o arquiteto, entre todos os outros, deverá atender a cidade contemporânea: trabalhar com grupos que compõem as multidões, conhecer peculiaridades desse conjunto que se sente esquecido no meio urbano e nos faz questionar de quem é a cidade.

É oportuno analisar a arte como parte de um movimento político, de democratização, porque é um meio de criar pequenos pontos de ação que não são entendidos como a arquitetura convencional, é uma forma de criar ações pontuais. A relação é propiciada pela arte autônoma, de uma arte que interrompa a lógica tradicional, que deixa de ser guiada por um Estado laico, que pode ser religioso com preferências às representações abstratas (islâmico ou tolerante às representações figurativas...) que dita as regras da comunidade.

Partimos do princípio que a cidade é onde se organizam as relações, que deveria ser entendida como um espaço democrático e a intervenção artística, como arquitetura temporária, por exemplo. A intervenção urbana surge para revalidar a identidade de diversos grupos, opondo-se à arte de mercado, diferente da arte destinada somente ao mercado.

“Se assim a arte for destinada a um mercado, a palavra democracia não designa nem uma forma de sociedade nem uma forma de governo [...]”. (RANCIERE, 2014, p. 68). Ranciere elucida princípios de uma arte social que se distancia do que se destina ao comércio. Esse por sua vez e na maioria das vezes carrega valores que se submetem ao capitalismo sem escrúpulos, sustenta interesses que não condizem com os da população. Procuramos refletir sobre aspectos políticos que criticam e nos possibilitam escolhas, que evidenciam o valor humano, baseado em práticas discursivas retiradas de obras de Gilles Deleuze e Félix Guatarri: “A liberdade de expressão é explicada através dos desejos almejados pela sociedade. O desejo que concebe através de uma ação conjunta entre duas articulações; uma de conteúdo e outra de expressão”. (DELEUZE, GUATARRI, 2014, p.75).

A compreensão do caminho percorrido se explica na evolução da investigação de como a cidade é vigiada, assim traça-se um perfil de comportamento. Citaremos as amarras criadas pelo poder para dominar a sociedade, entre elas a mídia, o panóptico e outras situações que são parte intrínseca da vida nas cidades. Assim entendemos como o comportamento do cidadão pode estar livre de interferências, ações podem resultar em liberdade de expressão.

Aplicação do Diagrama de Seleuze na Metodologia Arctectura

Diagrama Representação gráfica da organização metodológica - 1

Cap. 1. A Arquitetura da Urbanidade

A arquitetura dentro de uma perspectiva de afetividade, questões que interferem direta e indiretamente no crescimento da cidade.

1.1. O Microcosmo da Urbanidade Contemporânea

As aproximações entre as práticas desenvolvidas dentro do contexto urbano referem-se às atividades que foram compreendidas a partir da vivência nas grandes metrópoles. Por isto nos aprofundamos em questões que se referem a situação política culminando em uma reflexão sobre os atuais acontecimentos. Estes acontecimentos ilustram a segregação de classes sociais e de como a arquitetura se relaciona em diferentes escalas num mesmo contexto. Desde um edifício que implica em um comportamento específico até a composição urbanística que explica as relações sociais.

Cada gestão governamental se encarrega em criar e excluir leis que modificam e reconstituem o leiaute da cidade, alguns se munem de especialistas, outros agem de acordo com princípios próprios. O estudo parte de questões que pontuam as afetividades a partir de decisões políticas que resultam uma idiossincrasia do indivíduo e automaticamente abrange o coletivo em suas relações. Por este motivo nos esforçamos em explicar a relação da cidade com a sociedade de uma micro para o macro visão e vice versa.

A cidade é composta por leis urbanas, cada gestão privilegia algum grupo, assim o espaço urbano se modifica, junto com as leis e a diagramação de diferentes projetos.

Segundo Françoise Choay (1979), na obra *Urbanismo*, o processo de urbanização inicia-se na Europa, a partir do que eram as cidades medievais e barrocas. O planejamento urbano seria adaptável às necessidades da sociedade que nela habita e, apesar de não beneficiar as diferentes classes sociais, favoreceu os capitães da indústria e os financistas, enquanto a classe média e operária deslocava-se para o subúrbio junto com as indústrias. Consolidaram-se centros urbanos como: bairros residenciais, novas igrejas e grandes avenidas.

Pode-se definir esquematicamente essa ordem nova por um certo número de características. Primeiro, a racionalização das vias de comunicação, com a abertura de grandes artérias e a criação de estações. Depois a especialização bastante ativada dos setores urbanos (quarteirões de negócios de novo centro, agrupados nas capitais em torno da Bolsa, nova igreja, bairros residenciais na periferia destinados aos privilegiados). Por outro lado, são criados novos órgãos que, por seu gigantismo, mudam o aspecto da cidade: grandes lojas (em Paris, *Belle Jardinière*, 1824, *Bom Marché*, 1850), grandes hotéis, grandes cafês (“à 24 billards”), prédios para alugar.

Finalmente, a suburbanização assume uma importância crescente: a indústria implanta-se nos arredores, as classes média e operária deslocam-se para os subúrbios e a cidade deixa de ser uma entidade espacial bem delimitada (em 1861, o subúrbio de Londres representa 13% da aglomeração total, e o de Paris, 24% em 1896). (CHOAY: 1979, p.4).

Das casas de campo formam-se as vilas, das vilas formam-se as sedes municipais e por fim as cidades, grandes metrópoles. Hoje a cidade encontra-se num processo de contínua verticalização, ocupada por edifícios com numerosos apartamentos de metragem reduzida em relação aos mais antigos. A habitação se tornou o apartamento, o conjunto habitacional, o condomínio de casas, prédios e favelas.

Conforme Henri Lefebvre (2001), após a industrialização inicia-se uma política de privatização de locais urbanos públicos, e com isso a ação de grupos que procuram se manifestar é sufocada pela limitação do uso dos espaços.

A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidade de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. (LEFEBVRE, 2001, p.105)

A ideia de esquadramento da cidade é facilmente vendida para uma sociedade que foi levada a acreditar que problemas se resolvem com aquisição de bens, esses bens se traduzem em ilhotas, que são criadas dentro de espaços fechados de moradia. São os chamados condomínios, que prometem a segurança.

Conforme website da Revista PINI de arquitetura (2016), a Parceria Pública Privada (PPP) é uma iniciativa da gestão de Dilma Rousseff (2015)¹⁴, no Brasil. No caso da PPP realizada no centro de São Paulo o objetivo foi beneficiar a população da região da Luz e Bom Retiro (bairros do centro da cidade de São Paulo) propiciando maior facilidade de acesso de casa para o trabalho.

Entretanto há uma falta de interação com a cidade e é criada uma segregação. Esta segregação resulta em problemas sociais que constituem densas manchas no mapa da cidade e são: espaços residenciais cercados, estacionamentos e metros quadrados ocupados por grandes galpões como lojas de departamento e shopping centers.

¹⁴ De acordo com LEI Nº 11.079, de 30 de dezembro de 2004, modificada em 2015.

Já não se pode analisar a cidade como malha urbana e edifícios, à medida que o uso dos espaços torna-se restrito, e compõem vazios urbanos que ocupam a cidade.

Exemplos de controle são as “BIDs” (*Business Improvement District*), que acontecem em diversos lugares do mundo. O primeiro foi criado em 1965, em Toronto no Canadá, espalhando-se posteriormente pela América do Norte e Europa (STEEL, SYMES, 2005).

Os chamados BIDs são bairros totalmente vigiados com câmeras e seguranças e com zeladores próprios. Os moradores pagam uma taxa extra para que os cuidados com o bairro¹⁵ sejam exercidos. São empresas que realizam as funções do poder público e tratam de manter a vigilância sob as ações de cada transeunte. Assim, não há movimento algum sem ter sido antes previsto, não existem ações populares, movimento, ativismo político, intervenção coletiva na cidade, porque a população paga para que exista uma ordem, sendo assim controlados, não Afetam, não são Afetados¹⁶.

Teóricos tais como Michael J. Sandel, professor da Universidade de Harvard, criticam a iniciativa de criação de distritos que segregam a cidade e excluem os mais pobres e os moradores de rua. A iniciativa contribui para uma série de melhorias para o bairro, melhorias que estão ligadas à estética, ao comércio e a reposição de equipamentos urbanos. Entretanto estas melhorias não se aprofundam na questão do direito à cidade, da antropologia urbana e deixa a desejar nas demandas ligadas à cultura. Publicação do Professor Doutor Darren Noy para o projeto de legislação da Região Oeste/EUA: *Strategizing the Right to the City: Business Improvement Districts and Homeless People*. Escreveu:

Enquanto alguns dão créditos aos BIDs, com o renascimento dos centros urbanos, a sua prevalência provocou polêmica. Os proponentes alegam que trabalharam para criar ruas limpas, um ambiente acolhedor e aumento das receitas da cidade (MacDonald, 1996; Beach, 2007). Eles acusam os BIDs de terem permitido que as empresas privadas formassem ativamente e coletivamente a atmosfera e a cultura do distrito, ao mesmo tempo em que promoviam um senso de orgulho e posição entre os proprietários de empresas. Os críticos, no entanto, acusam os BIDs de exacerbar a divisão entre os que têm dinheiro e os que não possuem, permitindo a secessão de áreas ricas da governança geral da cidade (Davies, 1997). Michael Sandel (1996: 311) argumenta que “à medida que os serviços municipais declinam nas áreas urbanas, os moradores e empresas em distritos de luxo conseguem se isolar dos efeitos, avaliando-se as normas para fornecer coleta de lixo privada, limpeza de rua e proteção policial

¹⁵ CIDADANIA do Espaço, original: MAINMISE sur les villes. Direção de Claire Laborey, Autoria: Claire Laborey, Marc Evreux. Produção: CHAMAEROPS PRODUCTIONS, ARTE FRANCE, 57 minutos, França, 2015. Acessado em: arquivo do Canal Curta, 12 de março de 2018.

¹⁶ O Afeto é a maneira com que o filósofo Ranciere se refere ao que nos interfere de alguma forma, no sentido de instaurar um tipo de reflexão.

cidade como um todo”. Outros criticam os BIDs por patrulhar espaços públicos em nome de empresários e residentes ricos, excluindo os pobres e desabrigados de sua área (MacDonald, 1996). Outros ainda criticam os BIDs de serem instituições fundamentalmente antidemocráticas que substituem o governo local e a supervisão da comunidade pelo domínio das empresas em nome de seus interesses (WRAP 2008). (NOY, 2010, p.7, 8, tradução nossa) ¹⁷.

Conclui-se que a sociedade atual segue os paradigmas de uma sociedade de consumo. Procuramos detectar o perfil do cidadão para entender como se pode fazer uma política contemporânea que desperte um senso crítico maior do que um idealismo que cegue, a política de ação que tem como palco a cidade, a urbanidade, a arquitetura.

A qualidade de vida na cidade parte do senso cognitivo e, associado ao controle está a velocidade, explica Paul Virilio (2008)¹⁸, ela colabora para a falta de observação crítica. Nas redes sociais rendem milhares de compartilhamentos em questão de milésimos de segundos e não há investigação verossímil da informação. A arquitetura é parte desses enunciados. Como nas mídias sociais, ela passa pelos olhos de quem a habita, o cidadão não se aprofunda em notá-la e aceita o que a ele é imposto. São diversas maneiras de apresentar o mesmo objetivo, do controle pelo Poder.

A estética das cidades também se pronuncia na mesma forma, como nos enunciados das redes sociais que se pautam apenas em frases de efeito, se prolifera em compartilhamentos atestando informações equivocadas, sem conteúdo crítico.

A prerrogativa da estética inclui um contexto de harmonia, de aceitação, de padronização. Já dizia Kant (1790) frente às questões relacionadas ao belo pitoresco e o e ao belo sublime; é sobre elas e sua inter-relação que funda a crítica do juízo que é composta pelo

¹⁷ [...] While some credit BIDs with the revival of urban centers, their prevalence has provoked controversy. Proponents claim they have worked to create clean streets, a welcoming environment, and enhanced city revenues (MacDonald 1996; Beach 2007). They see BIDs as having allowed private business to actively and collectively shape the atmosphere and culture of the district while fostering a sense of pride and place among business owners. Critics, however, accuse BIDs of exacerbating the divide between those with Money and those without by allowing the secession of wealthy areas from the overall city governance (Davies 1997). Michael Sandel (1996:311) argues, “as municipal services decline in urban areas, residents and businesses in upscale districts manage to insulate themselves from the effects by assessing themselves surtaxes to provide private garbage collection, street cleaning, and police protection unavailable to the city as a whole “. Others criticize BIDs as patrolling public space on behalf of merchants and wealthy residents, while excluding poor and homeless people from their area (MacDonald 1996). Still others criticize BIDs as fundamentally anti-democratic institutions which replace local government and community oversight with rule by business on behalf of their interests (WRAP 2008).¹⁷”(NOY, 2010, p.7, 8)WRAP Working Paper: Strategizing the Right to the City: Business Improvement Districts and Homeless People. Project.Disponível em: <http://wraphome.org/wraparchives/downloads/strategizingright.pdf>. Open AcCess. Acessado em 12 de abril de 2018.

¹⁸ PAUL Virilio: Pensar a Velocidade, Título Original: PAUL Virilio : penser la vitesse. Direção: Stephane Paoli, Produção: La Generale de Production, ARTE FRANCE, França, 1h 31 minutos, 2009. Acessado em: arquivo Canal Curta, 18 de Janeiro de 2018.

julgamento de um grupo seletivo. O belo se caracteriza de acordo com Kant, por regras, não por emoções. Jacques Ranciere (2018) explica como se dá a formação de comunidade tanto em política quanto nas artes, alimentando uma forma de criar um grupo, um Mundo¹⁹.

O profissional arquiteto, que trabalha com a cidade, deve estar atento e deve se comprometer em criar espaços democráticos. Entender esses caminhos nos leva a procurar pelo direito à cidade, à democracia, pela ocupação livre dos espaços. Na Prática (capítulo 4) é possível entender como uma ação pode reverter este processo. Algumas ações performáticas têm como intuito reatar as conexões da cidade com o indivíduo.

1.2. Arctectura: a arquitetura, as artes e a sociedade

Partindo do conceito da arquitetura como um processo de construção física (tectus) designada para criação de cidades e edifícios, nos apropriamos da significação do ofício do arquiteto para criação do termo Arctectura. A arte, como prática performática interage com a arquitetura²⁰, parte de um corpo coletivo, e torna possível atingir determinado objetivo.

A área urbana representa hoje grande parte do ambiente que abriga a sociedade, a dedicação dada a essa pesquisa segue uma diretriz que procura entender a cidade como palco de relações e manifestações sociais.

A intervenção urbana pode se caracterizar através da ação coletiva de um grupo que será determinado a partir do desenvolvimento do Diagrama de Deleuze. Sem regras pré-estabelecidas, deve ser atualizada a cada intervenção, administrada pelos participantes que terão o arquiteto/artista como captador de informações e dispô-las em um diagrama. O Diagrama deverá representar a subjetividade do grupo, especificidades de um determinado contexto, delimitando o projeto geograficamente e criando uma meta.

Segundo Carlos Nelson F. dos Santos, é fundamental conhecer cada pequeno espaço como parte integrante de um contexto dentro da cidade e desenvolver projetos funcionais além da estética. “[...] Eis o equívoco das propostas racionalistas analíticas: elas falharam em passar para o espaço real a importância que lhe atribuíam a nível de projeto.” (SANTOS, 1988, p. 25). Essa crítica opõe-se a intervenções realizadas sem a participação social.

¹⁹ Mundos é o termo utilizado por Ranciere para se referir a diferentes grupos.

²⁰ [...]. Destacavam-se três categorias diversas para a definição deste perfil: o que o arquiteto deve conhecer o que deve *saber* e o que deve saber-fazer. Estas três categorias podem-se aplicar, genericamente, a qualquer profissão; de fato, existem diferenças significativas entre o conhecimento, o saber e o saber-fazer. [...]. Daí que assuma caráter fundamental no processo metodológico do projeto a avaliação e a retro-alimentação. Isto constitui a afirmação de que, em arquitetura, a teoria é, basicamente, reflexão crítica sobre a prática. E esta reflexão crítica corresponde à toda a tríade vitruviana: questões de construtibilidade, de utilidade e estéticas.

Disponível na Revista Vitruvius em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/843>. Open Access. Acessado em 09 de maio de 2018.

A maioria das pessoas, portanto, costuma saber mais sobre seus espaços cotidianos do que é capaz de processar conscientemente. O racionalismo modernista transformou o espaço em descontinuidade, em desfragmentação. Segundo Santos (1988) a realização de intervenções artísticas integradas ao planejamento urbano é extremamente importante, já que estamos tratando do elemento inserido em um contexto do espaço urbano.

A construção das cidades acontece de forma desordenada, um exemplo é a cidade de São Paulo: ruas e avenidas não são o suficiente para criarem acessos, muitas vezes são normas que não contribuem para uma organização do tráfego e, pior, se renova a cada transição do governo. A mobilidade urbana que poderia ser uma solução fornece fácil locomoção para as regiões centrais e mais abastadas, as regiões periféricas sofrem com a distância e longos períodos dentro de conduções lotadas.

São poucos os espaços destinados à cultura e entretenimento. No lugar de praças, são as construções que ocupam terrenos e atendem a um mercado de exploração imobiliária, leis beneficiam empreiteiras e não auxiliam na preservação de edifícios tombados pelo patrimônio histórico. Partem de diretrizes de projetos essencialmente racionalistas, sem humanização, sem a participação da sociedade. A profissão do arquiteto se reduz diante de tantas imposições Estatais²¹ e preferências dadas ao empresário da construção civil.

Conclui-se que uma possível maneira de desenvolver o trabalho do arquiteto é pautar os projetos na construção de relações. É a base do desenvolvimento do processo diagramático que parte do pensamento de Deleuze. É a teoria investigada em obras do autor, na busca na identidade da multidão em meio a novas revoluções, do papel do arquiteto / artista como construtor.

Os diagramas utilizados na arquitetura

Na arquitetura tradicional três quesitos iniciais são fundamentais para a realização de um projeto: o organograma, que é a organização diagramática espacial desde um contexto de entorno até pontual, o fluxograma que descreve os fluxos e circulações e o *briefing* que é o levantamento das necessidades do cliente.

²¹ Refere-se às legislações que sofrem alterações a cada mudança de gestão, baseiam-se mais em privilégios do que melhorias, informação adquirida através da prática profissional da pesquisadora.

A autoria do projeto é a articulação do arquiteto, é o momento em que o profissional utiliza seu conhecimento técnico e artístico para executar o desenho²².

Daniel McCallum criou o primeiro organograma que se conhece, no sec. XIX. McCallum trabalhava em uma ferrovia e percebeu a necessidade de uma organização para entender o dimensionamento de uma empresa de grande porte, usando critério de departamentalização geográfica.

A criação de um organograma deve levar em consideração a representação da organização em determinado momento e pode, portanto, mudar. Para isto ele deve ser flexível e de fácil interpretação, permitir entender as responsabilidades, as funções e a quem devem se reportar. Deve ser um gráfico que representa a estrutura formal, os diversos setores, suas posições e respectivas interdependências, via hierárquica, itinerário de comunicações, vinculação e subordinação²³.

O organograma, apesar de ser criado para a utilização em empresas, é utilizado na arquitetura para dar uma interpretação organizacional ao projeto que será desenvolvido, apresentando a setorização e usos, como na figura abaixo:

²² Revista Digital AU. Open Access. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/187/exercicio-profissional-como-apresentar-o-projeto-153337-1.aspx>. Acessado em 01 de dezembro de 2016.

²³ Website “Logística Avançada”. Open Access. Disponível em: <https://www.logisticaavancada.com/>. Acessado em 01 de Dezembro de 2016.

Implantação dos séculos III e IV d.C 2

O diagrama acima é um diagrama utilizado no desenvolvimento de projetos de arquitetura, é definido por profissionais que possuem habilidade e especialização para desenvolvê-los. Nesse caso, trata-se de uma implantação: “Os muros de circundação dos séculos III e IV d.C. em três cidades da Gália: Périgueux, Senlis e Tours. Estas fortificações defendem o núcleo central da cidade – com a catedral (1) e o castelo (2) – incorporando, em alguns casos, o anfiteatro (3). ” (BENEVOLO, 2005, p.254)

No livro *A Cidade Como um Jogo de Cartas* é um exemplo de uma aplicação metodológica diferenciada, apesar de ter sido escrita em 1985, é atual. Explica a necessidade de se adotar um olhar diferenciado sobre como pensar a cidade. Assim o livro se inicia:

Várias questões são pertinentes: mais uma vez vai se começar do zero, fingindo que não existe toda uma experiência acumulada? O que tem de ser revisto? As “cidades do futuro” devem ignorar as práticas correntes e as lógicas de uso do espaço consagradas historicamente? Vale a pena “correr o risco”, propor um desenho conformador, quando prestigiados modelos de abordagem urbana estão privilegiando os enfoques da economia política, fora dos quais tudo não passaria de epifenômeno desprezíveis. Modelos e tipologias físicas podem escapar às sedução do autoritarismo e conformar linguagens libertadoras? Como fazer para que se tornem instrumentos de domínio amplo? É possível, em lugar das habituais utopias onde uma perfeição congelada e neutra e perseguida através de um único e definitivo esforço, construir uma cidade no presente e com várias possibilidades de declinação em outros tempos? (SANTOS, 1988, p.16)

O professor desenvolveu o seu pensamento fazendo um comparativo da participação de cada cidadão como uma carta que deverá compor o jogo das cartas do tarô, da importância de cada carta como um elemento fundamental a ser acrescido na composição do jogo. Explica que a cidade é formada por diversos tipos de profissionais que são especialistas em certas áreas e que cada um desses profissionais é uma das cartas que deverão compor o jogo. Descreve as intenções políticas que envolvem o desenho do espaço urbano e dá ênfase ao pensamento de Foucault (1987) à sua narrativa. Expõe a relação do Panóptico, metodologia de projeto que tem como intuito: controlar, cercar e delimitar. Cita Foucault dizendo que a construção do panóptico não é a essência do poder, apenas seu diagrama, produzido através de uma forma ideal:

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tende a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse espelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. (FOUCAULT, 1997, p.166)

Novamente somos levados a uma explicação de como o senso cognitivo pode criar acessos e consequentemente melhorar a qualidade de vida nas cidades, é uma iniciativa que pode partir tanto do arquiteto quanto do cidadão.

1.3. O Panóptico

Primeiro diagnóstico sobre os limitadores de possíveis intervenções sociais no espaço urbano

O panóptico, conceito utilizado na arquitetura, é fundamental para entender os meios de controle social. Compreende-se a interação coletiva como um meio de resistência libertária, também as possíveis intervenções capazes de reintegrar ações que elucidem o desenvolvimento teórico.

O sistema panóptico é citado porque traz uma abordagem que se refere à arquitetura como normativa do controle, tanto como barreira física, como barreira psicológica, ambas as considerações foram investigadas.

Pan-óptico refere-se a um ponto ou posição central de onde se tem visão periférica ou que permite uma visão completa²⁴. O termo foi desenvolvido a partir do projeto arquitetônico do filósofo jurista Bentham (2000). Eram cartas que compunham um tratado escrito em Crecheff, na Rússia. Dali as cartas foram enviadas à Inglaterra no ano de 1787; das cartas foi editado o livro O Panóptico de Jeremy Bertham (2000):

Tratava-se de um novo modo de garantir o poder da mente sobre a mente, em um grau nunca antes demonstrado; e em um grau igualmente incomparável, para quem assim o desejar, de garantia contra o exagero. Sua essência consiste, pois, na centralidade da situação do inspetor, combinada com os dispositivos mais bem conhecidos e eficazes para ver sem ser visto. Você ficará satisfeito em observar que, embora o ponto mais importante seja, talvez, o de que as pessoas a serem inspecionadas devam sempre sentir-se como se estivessem sob inspeção ou, pelo menos, como tendo uma grande possibilidade de estarem sob inspeção (BERTHAM, 2000, p.17).

²⁴ Disponível em Dicionário Michaelis online. <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pan-optico>. *Open Access*. Acessado em 24 de novembro de 2016.

CONTENDO A

IDÉIA DE UM NOVO PRINCÍPIO DE CONSTRUÇÃO

APLICÁVEL A

QUALQUER SORTE DE ESTABELECIMENTO, NO QUAL PESSOAS DE
QUALQUER TIPO NECESSITEM SER MANTIDAS SOB INSPEÇÃO;

EM PARTICULAR ÀS

CASAS PENITENCIÁRIAS,

PRISÕES, CASAS DE INDÚSTRIA, CASAS DE TRABALHO,	CASAS PARA POBRES, MANUFATURAS, HOSPÍCIOS,	LAZARETOS, HOSPITAIS, E ESCOLAS:
---	--	--

COM

UM PLANO DE ADMINISTRAÇÃO

ADAPTADO AO PRINCÍPIO:

EM UMA SÉRIE DE CARTAS,
ESCRITAS NO ANO DE 1787, DE CRECHEFF, NA RÚSSIA
BRANCA, A UM AMIGO NA INGLATERRA.

POR JEREMY BENTHAM,
DE LINCOLN'S INN, ESQUIRE.

Capa do Livro Panóptico - 3

Panóptico visto de cima - 4

Figura Panóptico visto de dentro - 5

A figura 3, a capa de introdução do livro, refere-se às aplicações que podiam ser dadas ao panóptico no projeto, é descrita assim: prisões, indústrias, locais de trabalho, casas para pobres, fábricas, hospícios, hospitais e escolas. Bentham considera um novo princípio de construção, destinado a locais onde as pessoas devem ser mantidas sob inspeção. Na figura 4 entendemos como funciona o projeto de arquitetura vista de cima, e na figura 5 é possível analisar a disposição do layout internamente. O desenvolvimento de projetos arquitetônicos que atendam a um sistema de controle foi e é largamente utilizado. O sistema aprimorado com o uso da tecnologia contribuiu ainda mais para a boa *performance* da arquitetura de controle.

Se faz necessário observar os caminhos do controle social para compreender como ele é utilizado. A troca entre indivíduos pode levar a uma ação política.

Foucault (1987) faz uma análise levantando as consequências de não se desconstruir o papel do autor: a desconstrução da autoria também é parte da autonomia do coletivo, porque descentraliza o poder, criando uma proposição democrática. No caso desta pesquisa, o arquiteto é considerado autor criador dos espaços da cidade e o principal gestor na detenção das formas no desenvolvimento do projeto.

Foucault (1987) apresenta sua percepção de uma sociedade marcada por estratégias utilizadas por agentes de poder. Ele cita uma instigante reflexão sobre os panópticos criados

por barreiras físicas e psicológicas que vão desde o tratamento de pacientes em manicômios à educação disciplinar direcionada.

O autor sugere uma imposição subliminar do individualismo através do poder, maquinado há tempos, para esfacelar o coletivismo:

O princípio de clausura não é constante, nem indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares [...] É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. (FOUCAULT, 1987, p. 169)

Nota-se em seu discurso a necessidade dos que detém o poder em implantar um sistema de antioletivismo²⁵ na medida em que o indivíduo é facilmente controlável.

Na falta de conhecimento sobre como o controle é pensado para ser exercido sobre o cidadão, não existe a possibilidade de escolha, de se desvencilhar. Sem se desvencilhar, o indivíduo permanece adestrado²⁶.

O Panóptico é limitador dos três aspectos utilizados para desenvolvimento do Diagrama: limita-se: no espaço, na organização, na afetividade.

Sobre o Desejo, o Despanóptico

O Desejo refere-se à vontade de exercer uma determinada aspiração, o termo parte de uma visão de Nietzsche, a partir da Vontade de Potência e de Espinosa em sua teorização sobre o Afeto. Por Espinosa é citado em *Ética* III:

A essência da Mente é constituída por ideias adequadas e inadequadas [...] Mas como pelas ideias de afecções do Corpo e da Mente é necessariamente cônica de seu esforço. Este esforço, quando referido à só Mente, chama-se Vontade; mas quando é referido simultaneamente à Mente e ao Corpo chama-se *Apetite*, que, portanto não é nada outro que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente segue aquilo que serve à sua conservação; e por isso o homem é determinado a fazê-lo. Em seguida, entre *apetite* e *desejo* não há nenhuma diferença senão que o *desejo* é geralmente referido aos homens enquanto são cônica de seu *apetite*, e por isso pode ser assim definido: *o Desejo é o appetite quando dele se tem consciência*. De tudo isso, constata-se então que não nos esforçamos, queremos, *apetecemos*, nem *desejamos* nada porque o julgamos bom; ao contrário, julgamos que algo é bom porque nos esforçamos por ele, o queremos, *apetecemos* o *desejamos*. (ESPINOSA, 2015, p. 253, 254).

²⁵ Antioletivismo - Palavra utilizada pela pesquisadora compreende uma maneira de dispersar formação de coletivos.

²⁶ O adestramento é um termo utilizado por Foucault para explicar as amarras do indivíduo dentro do controle social.

Nietzsche enfatiza a Vontade de Potência como uma força humana capaz de identificar a realização de emoções, sentimentos e afetos.

Para se manifestar por direitos o cidadão deve realizar o desejo de ir e vir. Nietzsche cita:

Ora, foi a *moral* que protegeu a vida do desespero e do salto no nada, naqueles homens e classes que foram violentados e oprimidos por *homens*: pois é a impotência contra homens, *não* a impotência contra a natureza, que gera a mais desesperada amargura contra a existência. A moral tratou os detentores do poder, os violentos, os “senhores” em geral, como inimigos, contra os quais o homem comum tem de ser defendido, *isto é, antes de tudo, encorajado, fortalecido*. Foi a moral, portanto, que ensinou, mais profundamente a *odiar*, e *desprezar* aquilo que é traço característico fundamental dos dominantes: sua *vontade de potência*. Abolir, negar, decompor essa moral: seria encarar o impulso melhor odiado com uma sensação e valorização *inversas*. Se o sofrendor, o oprimido, *perdesse* a crença de ter um *direito* a seu desprezo, pela vontade de potência, ele entraria no estágio da desesperação sem esperança. Esse seria o caso, se esse traço da vida fosse essencial, se se verificasse que mesmo naquela vontade de moral somente essa “vontade de potência” está embuçada, que também aquele odiar e desprezar é ainda uma vontade de potência. O oprimido veria que ele está *sobre o mesmo chão* que o opressor, que ele não tem nenhuma *prerrogativa*, nenhuma *superioridade hierárquica* em relação a esse. (NIETZSCHE, 2014, p. 394).

A linguagem clássica de Espinosa nos remete à relação afetiva da conscientização da relação entre corpo e mente, leva à determinação em realização de algum feito. É o apetite por realização de algo que impulsiona. Nietzsche destaca a força que o oprimido pode se imantar para se sobrepôr ao opressor. Assim, Deleuze e Guatarri, que se inspiram nestes autores, dão aos termos uma concepção que se destina à unicamente a maneira de politizar as ações, como veremos.

Uma prisão invisível, uma visão além das amarras.

Segundo diagnóstico sobre os limitadores de possíveis intervenções sociais no espaço urbano

O Professor Doutor Pelbart (2017) exhibe em suas palestras²⁷ um panorama político e social marcado pelo abuso de poder, que vai desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, a criatividade. Assim como diz Foucault (2008) em sua teoria sobre a Biopolítica, tudo foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes quer se evoque as ciências, o capital, o Estado, a mídia²⁸.

²⁷ Curso frequentado pela pesquisadora: CURSO LIVRE USP. Nomadismo no Espaço e no Pensamento, 2016, São Paulo.

²⁸ Publicação em periódico eletrônico: Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. *Open Access*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Multitude> Acessado em 28 de outubro de 2016. PELBART, Peter Pál. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. *Open Access*. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acessado em 06 de Junho de 2016.

O enunciado e a linguística como discurso são ferramentas de poder, portanto a mídia, sendo controlada pelo poder, institucionaliza-se. Institucionaliza-se a maneira de compreender, de agir e consequentemente da realização do Desejo dos coletivos. Controlam-se as multidões, a sociedade e automaticamente o indivíduo.

Um exemplo da maneira de como é realizada a fragmentação dos grupos a fim de manter um controle, a partir da abordagem de Lipovetsky e Serroy (2015), sobre o tema modismo. Os autores observam o uso da moda na competição de classes sociais, entre a aristocracia preocupada com a magnificência e uma burguesia ávida em imitá-la. Ele se refere à valorização social que pode estar ligada a uma nova posição e a representação do indivíduo e aos diversos grupos, na vontade de exprimir uma vontade única. Por outro lado, está o artista que cria na obrigação de cumprir restrições:

Na etapa 1 do capitalismo artista domina, portanto, a nítida e incisiva oposição entre criação e série, modelo e cópia, qualidade e quantidade, arte e indústria, moda e fabricação em massa. Essa dicotomia corresponde a uma organização social marcada por uma forte compartimentação das culturas de classes e das condições materiais destas. O que explica que a criação artística permaneça restrita, durante toda essa fase, a limites relativamente estreitos da vida econômica e social. (LIPOVETSKY, SERROY, 2015, p.156)

Ao mesmo tempo em que o homem sem criticar explora o mundo material, é realizada a racionalização intensiva das tarefas produtivas. Nota-se a presença do poder que se tem sobre a aparência, da diferenciação marginal. O efêmero, cuja normalidade não é imposta pela disciplina, é classificado pela discriminação e pela espetacularidade.

O controle e o descontrole através da mídia

Para entender como o sistema chamado Poder age sobre o indivíduo é imprescindível percorrer o caminho que o cerca. A construção das cidades perpassa a estrutura física, os espaços arquitetônicos se fundiram às tevês ligadas nas salas de espera e nas casas, os celulares fazem parte da rotina de todas as idades.

Não existe troca de olhares na circulação da faixa de pedestres, enquanto se aguarda para ser atendido, na fila, a vida virtual nos mantém fora da circulação da cidade. O comportamento se torna individual, pouco se conhece sobre a vida urbana que se apresenta através das redes sociais, das ferramentas de busca e das telas da tevê. O indivíduo se torna vulnerável, facilmente controlável.

Nas vilas e ruas antigamente trocavam-se conhecimento sobre os vizinhos que se ajudavam e participavam da vida coletiva. O armazenamento de dados passou para as mãos de

grandes empresas que usufruem da informação: visualizam, capturam, buscam, compartilham e analisam. O pequeno empresário não alcança os veículos de comunicação. O espaço urbano ganha grades, o coletivo se torna o cidadão, solitário e inseguro na cidade, ele opta pelo apartamento, a cidade se enche de prédios, pequenos comércios já não existem, existem galpões e shopping centers.

Messagi (2016)²⁹, da Universidade do Paraná, analisa a liberdade da informação e explica a relação da mídia jornalística com o receptor: o leitor ou o ouvinte.

De acordo com Messagi (2016), por conta da tecnologia existe um sentimento de não pertencimento que é muito forte. Uma produção de identidade que não é local, causando um sentimento de desterritorialização. Quando não se pertence a um lugar, mas ao mundo, o risco de perder a identidade é muito grande. Passou-se a existir uma construção de fronteiras além de cidades ou de um país. A comunicação se desenvolve na tecnologia e é também afetada por ela.

Cita o autor:

Desde o século XIX, mais precisamente em 1808, o papel político do jornal deveria ser entendido como um veículo de informação, mas isso não acontece. Nos dias de hoje, o jornalismo é opinativo e foi desenvolvido com um subsídio estatal onde a relação se torna simplesmente um noticiário informativo em acordo com o aumento da verba publicitária. Não existe uma separação entre a informação e a disputa do poder, quem controla dita o discurso. (MESSAGI, 2016)

Conforme o professor, não estão isentas as mídias independentes. Elas jogam o jogo econômico e político, se posicionam de acordo como se desenvolveram no país, pela tradição histórica desses veículos no Brasil e pela veiculação com o poder que elas sempre tiveram desde sempre. Portanto, não são desinteressados e acabam não cumprindo seu papel social. Concluímos a partir desse depoimento, que o controle social se apresenta nas cidades como uma pirâmide de relação de poder; manipulando informações e dando pouca oportunidade de expressão entre as diferentes classes sociais. Com isso, assume-se que o poder de voz pertencente apenas a um determinado autor (ou a alguns autores), responsáveis pela disseminação de informações e decisões as quais não necessariamente condizem com desejos e necessidades dos grupos tão diversos e com culturas tão diferenciadas existentes nas grandes metrópoles.

²⁹ Entrevista realizada pela rádio USP, exibida no dia 12/03/2016 A Percepção da Liberdade de Expressão do Jornalista em sua Atuação Profissional

Diversidade em Ciência. São Paulo: Rádio USP, 12/03/2016. Programa de rádio realizado pela Rádio da Universidade de São Paulo.

Daí vê-se a necessidade de desenvolver trabalhos capazes de lidar com a alteridade, no sentido de reconhecimento da cultura e da identidade, dentro de um contexto histórico e de maneira libertária.

Se a mesma base de organização do *Business Improvement District* “BID” fosse idealizada a favor do morador da cidade, ou seja, que não se destinasse especificamente ao mercado, mas que partissem da iniciativa comunitária, seus projetos poderiam ser desenvolvidos para a comunidade, destinando-se à melhoria da qualidade de vida. Se a coleta de dados fosse utilizada para gerenciamento de subjetividades, troca de conhecimento, talvez não estivéssemos tão vulneráveis às armadilhas do controle social.

A internet hoje tem um grande alcance de popularidade, adquirindo enorme influência sobre os leitores. Com alguns softwares livres existe uma pequena possibilidade de democratização de acessos, entretanto existe o controle através da chamada *Big Data*, termo explicado abaixo, que faz um mapeamento do perfil do usuário permitindo uma conexão entre as empresas e o produto que o usuário procura. O produto a ser vendido depende de campanhas caras além do controle do que pode ser dito em blogs, redes sociais, etc.

O termo *Big Data* refere-se ao armazenamento de dados: sua visualização, captura, busca, compartilhamento, transferência, análise e nos dá dimensão de sua complexidade e de como poderia ser utilizado. Há diversas opiniões sobre como pode ser realizada a captura de dados e o uso desta coleta para a realização de projetos para cidades inteligentes. Entretanto há controvérsias. A publicação da revista acadêmica Springer traz uma reflexão sobre esses usos, por Rob Kitchin:

Dados aplicados em iniciativas para cidades inteligentes são retratados como sendo benigno e carente de ideologia política. Dados são simplesmente dados: elementos naturais e essenciais que são abstraídos do mundo em neutro e objetivo, sujeito a restrições técnicas. Sensores e câmeras não têm política ou agenda. Eles simplesmente medem luz, calor ou umidade, e assim por diante produzindo leituras e imagens que refletem a verdade sobre o mundo. [...] o urbanismo big data é inerentemente uma coisa boa, procura tornar uma cidade mais segura, mais eficiente, produtiva, sustentável e assim por diante, empregando práticas técnicas rigorosas que capturam, processam e analisam grandes quantidades de dados neutros e objetivos. Dados, no entanto, são mais complicado do que isso. [...] os dados gerados são um produto de escolhas e restrições, moldadas por um sistema de pensamento, *know-how* técnico, opinião pública e política, considerações éticas, ambiente regulatório, e financiamento de recursos. Os dados então são situados, contingente, relacional e enquadrado e usado contextualmente para tentar alcançar certos objetivos e metas.³⁰ (KITCHIN, 2013, p. 8).

³⁰ Tradução nossa de: The politics of big urban data Data within smart city initiatives are portrayed as being benign and lacking in political ideology. Data are simply data: natural and essential elements that are abstracted from the world in neutral and objective ways subject to technical constraints. Sensors and cameras have no politics or agenda. They simply measure light or heat or humidity, and so on producing readings and pictures that reflect the

Esse tipo de tecnologia empregado de maneira democrática pode ser de grande valia, apesar de apresentar certos ajustes a serem feitos. Ajustes que talvez o computador não seja capaz de captar: informações que só podem ser encontradas através do valor humano, da subjetividade, da troca e da cognição.

A realização do Desejo pode ser perigosa para uns e aprazível para outros. Parece-nos natural a predileção de certos grupos por uma determinada conjuntura. Entretanto, uma sociedade que vive presa a armadilhas constantes de informações tendenciosas podem ser ou não passíveis de compreenderem a profundidade de certas narrativas para determinar e respeitar escolhas. O que nos convém é compreender de que maneira o Desejo pode agregar para uma sociedade ativa e consciente sobre seus direitos.

Em resumo, há um rompimento com a realidade, esteja por detrás da tevê, por detrás das *Fake News* da internet do computador ou do celular.

A tecnologia apesar de ser patrocinada pelo capitalismo pode caminhar a favor da sociedade, hoje, o espaço urbano não se limita a um desenho impresso, a arquitetura dos espaços se tornou virtual, não há maneira de diálogo entre a sociedade e o profissional sem estar conectado.

A interação física, uma cidade aprazível e democrática pode criar redes virtuais, que se funde a realidade.

Na estruturação organizacional, um diagrama no desenvolvimento de projetos pode mudar este quadro, um método não convencional. A coleta de dados poderia servir para benefício da população. O Diagrama de Deleuze é um meio de produzir conteúdo, coletar e trocar dados, atualizar e facilitar o desenvolvimento de projetos. Quando diferentes grupos se identificam, a mídia perde o poder de persuasão, a tarefa de produção cultural fica a cargo do próprio grupo. A relação com o consumo na cidade muda, muda também o comportamento por passar por um processo libertário, a relação com o espaço urbano se transforma.

O controle social, oculto de suas reais intenções, interpretado como inofensivo é limitador dos três aspectos utilizados para desenvolvimento do Diagrama: limita-se: no espaço, na organização, na Afetividade.

truth about the world. [...] that big data urbanism is inherently a good thing, seeking to make a city safer, more secure, efficient, productive, sustainable and so on by employing rigorous, technical practices that capture, process and analyze vast quantities of transparent, neutral, objective data. Data, however, are more complicated than that. [...] What data are generated is the product of choices and constraints, shaped by a system of thought, technical know-how, public and political opinion, ethical considerations, the regulatory environment, and funding and resourcing. Data then are situated, contingent, relational, and framed and used contextually to try and achieve certain aims and goals. (KITCHIN, 2013, p. 8).

1.4. Movimento-ação

Pensamento nômade como prática de intervenção temporária

Primeiro diagnóstico sobre possíveis interferências no espaço urbano para realização de ação libertária

O nomadismo dentro de uma perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guatarri explica-se pelo movimento dentro de territórios, está acima de tudo relacionado a transição, o Nômade constitui-se da prática de construção efêmera e também como intervenção temporária. Aplica-se ao contexto de interferência da arquitetura edificada incorporada a arquitetura urbanismo, cidade. A leitura do filósofo explica a importância deste tipo de construção na relação com o comportamento, considerando que a metrópole já edificada foi delegada por uma elite e por um poder econômico. O nômade se insere ao desenho urbano de outra forma: entende seu papel, contribui para uma ação coletiva e recria identidades que foram esfaceladas, além proporcionar uma prática que busca seus direitos. É compreendido pelo grupo e causa estranhamento por quem tenta dominá-los, ao tentar ser repreendido se recolhe e age em outro local, sem oferecer muitas explicações ao dominador.

Peter Pal Pelbart explica sobre o pensamento nômade ³¹:

Há uma forma de Estado que molda indivíduos, saberes, condutas. Que produz sentimentos e sujeitos servis. O sujeito torna-se um sujeito do Estado, que possui uma cidadania de obediência, o Estado produz o sujeito de acordo com sua imagem. (PELBART, 2016)

De acordo com Peter Pal Pelbart, o nômade se caracteriza por uma multiplicidade, não por uma singularidade. Se analisarmos como o nômade é recebido pela sociedade, iremos perceber o porquê do repúdio do Estado em relação à imagem do nômade. Utilizando o termo Máquina de Guerra, Guatarri e Deleuze³² referem-se ao coletivo que se movimenta de maneira a não ser perceptível pelo Estado, ele age de maneira que não é compreendida para quem não compõe esse coletivo, para quem está de fora. Assim, é possível criar estratégias de ações imprevisíveis. A Máquina de Guerra dentro do conceito nômade age de forma diferenciada das estratégias de guerra comumente utilizadas, funciona através de agenciamentos. Agenciamentos são composições de Desejos³³.

³¹ CURSO LIVRE, 2016, São Paulo. Nomadismo no Espaço e no Pensamento. USP- Unidade Maria Antônia, 8 horas de duração.

³² Obra da coleção Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia 2, volume nº5.

³³ Como explicado no capítulo anterior, termo “Desejo” parte de uma visão de Nietzsche e Espinosa. Opõe-se ao senso comum, buscando a realidade proveniente de práticas discursivas.

O Liso e o Estriado são termos utilizados pelos autores para significar fluxos, para enfatizar as maneiras de realizar leituras ao que se opõe:

Certamente, tanto no espaço estriado como no espaço liso existem pontos, linhas e superfícies. Ora, no espaço estriado, as linhas, os trajetos têm tendência a ficar subordinado aos pontos: vai-se de um ponto a outro. No liso, é o inverso: os pontos estão subordinados ao trajeto. É a subordinação do hábitat ao percurso, a conformação do espaço do dentro ao espaço do fora: a tenda, o iglu, o barco. Tanto no liso quanto no estriado há paradas e trajetos; mas, no espaço liso, é o trajeto que provoca a parada, uma vez mais o intervalo toma tudo, o intervalo é substância.

No liso, portanto, a linha é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica. É um espaço construído graças a operações locais com mudanças de direção. (DELEUZE, GUATARRI, 2012, p.197)

O Liso compõe-se de harmonia e interação, quando pontos divergentes se convergem, o estriado apresenta-se em uma inconstância e tumultua os espaços da cidade. Dentro de uma relação de uma poética visual, Pelbart (2017) situa o estriado e o liso para fazer uma análise que parte da arquitetura e também é encontrada no comportamento de diversos grupos e coletivos. Apesar disso, a cidade é atravessada por estriamentos que são necessários.

O modelo é turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas. É a diferença entre um espaço liso (vetorial, projetivo ou topológico) e um espaço estriado (métrico): num caso, "ocupa-se o espaço sem medi-lo", no outro, "mede-se o espaço a fim de ocupá-lo". Por último, o modelo é problemático, e não mais teorematizado: as figuras só são consideradas em função das *afecções* que lhes acontecem, secções, ablações, adjunções, projeções. (DELEUZE, GUATARRI, 2012, p.26).

Na cidade de São Paulo atual (2018) nota-se um distanciamento entre os indivíduos que compõem a sociedade, devido às manobras utilizadas pela mídia, conforme explicado no capítulo anterior: informação errônea, enunciados sem conteúdos significativos e manipulação. Estas são responsáveis pela formação do pensamento coletivo, e afasta o indivíduo do pensamento nômade, conforme colocado por Pelbart (2016). Esses distanciamentos se formam principalmente nos partidos políticos, nas polarizações e nas cristalizações. Pareceu-nos que a diluição na formação de grupos acontece exatamente no cerne de sua construção, na raiz da formação de um coletivo.

Exemplos de pensamentos nômades são as viagens que fazemos e não nos debruçamos sob as características de outras culturas, permanecemos imunes a outras percepções. O nômade viaja para a ilha de forma rizomática, desconstruindo a civilização que ele carrega na alma, podendo ser uma viagem desterritorializada geograficamente. Todo desafio é construir um

espaço liso no pensamento, para produzir trajetórias, acontecimentos antes inimagináveis, que possam engendrar devires³⁴, o fluxo que certa tradição de pensamento bloqueia.

Entendemos o nomadismo como uma abordagem pertinente ao pensamento libertário, tornando possível a construção do pensamento crítico e o acesso à manifestação coletiva, de forma que é possível se libertar do autoritarismo e de preposições de dominação.

O desenvolvimento de trabalho de interação nas artes deve ser entendido como um conceito para nos livrarmos da lógica de exercício de poder de disciplinar os corpos. O corpo dócil é tratado na obra de Foucault como parte do controle exercido sobre o indivíduo, descreve a figura do soldado como um corpo que se fabrica. Durante a época clássica foi entendido o corpo como objeto e alvo de poder:

[...], pois tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível. E entretanto, de um ao outro, pontos de cruzamento. “O Homem-máquina” de *La Mettrie* é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, 1987, p.118)

A política do Desejo, conforme foi explicado a partir de Deleuze e Guatarri, da execução de uma ação a partir de uma reflexão, dos Afetos, é uma forma de propiciar a democracia, atendendo os desejos das diferentes comunidades.

Na interpretação de Deleuze, a ação de coletivos é válida quando existe uma realização do Desejo. Existindo esta compreensão do individualismo passa-se à concepção do coletivo, percebe-se a vontade de potência, cria-se uma máquina de guerra.

A construção efêmera pode ser nômade, uma arquitetura nômade, uma intervenção urbana, esta possui a auto-gestão. Ela se refaz dentro da metodologia criando uma abordagem que se atenta aos indivíduos, criando um coletivo que se empodera. Age como uma Máquina de Guerra, ou seja, se organiza, estuda, foca em um objetivo e age de forma consciente a fim de atingir a meta.

Iremos analisar algumas obras que possuam como característica uma ação coletiva que possa atuar como uma possível Máquina de Guerra.

³⁴ Devir é um dos principais conceitos criados por Deleuze e Guattari e é essencial para entender como seu pensamento funciona. Os devires se definem em um campo de multiplicidade, desdobramento da diferença, onde as forças que constituem o corpo entram em uma zona de vizinhança, fronteira, uma co-presença: o barco deixa o porto seguro e encontra o mar (é para isso que navios são feitos), algo se transforma ao se relacionar com este oceano de forças. Há uma multiplicação de si no acontecimento, no encontro. (TRINDADE, 2018). Disponível no site Razão Inadequada: <https://razaoinadequada.com/filosofos-essenciais/deleuze/etica-dos-devires/>. Open Access. Acessado em 16 de abril de 2018.

Arte Emergente

Nos dias 21, 22 de agosto de 2017 foi realizado um Simpósio³⁵ com a professora Olga Kisseleva³⁶ e o professor e artista Alain Snyers³⁷.

KISSELEVA (2017) apresentou trabalhos artísticos realizados em diversos Museus, Bienais, possui experiência dentro e fora da Universidade, desenvolve trabalhos que relacionam a política com a sociedade. No *workshop*, parte do Simpósio, foi apresentada a pesquisa da professora realizada durante o ano de 2017 cujo tema foi como o controle social que chegou a ocupar espaços íntimos da vida privada e coletiva. O projeto escolhido questiona a possibilidade de driblar as câmeras de segurança instaladas pela cidade, interceptando-as através da arte *performance*.

Câmeras de segurança têm como objetivo monitorar cada cidadão, suas relações e seu comportamento. Os EUA são um dos países com um número maior de câmeras, mais especificamente, Nova York segundo a professora.

Conforme estatísticas, a cidade de São Paulo tem uma câmera de segurança para cada dez pessoas³⁸. O prefeito de São Paulo (João Dória, PSDB) lança em 2018 um programa que monitora a cidade:

O Projeto City Câmeras é uma iniciativa que tem como objetivo alcançar 10 mil câmeras instaladas em São Paulo nos próximos quatro anos, visando inibir a ação de criminosos e aumentar a segurança e o bem-estar da população. O programa será uma importante ferramenta do poder público para detectar, prevenir e reagir às situações de emergência, ocorrências e manutenção do espaço público. O modelo operacional do sistema terá a integração das imagens que serão transmitidas para o Comando da Guarda Civil Metropolitana e compartilhadas com os demais órgãos de segurança (Polícia Militar e Civil) por um canal de comunicação de dados da internet, sendo possível a realização de uma triagem de ações que acontecem em ruas e avenidas da cidade.³⁹

³⁵ SEMINÁRIO ARTE SITUAÇÃO EMERGENTE, 1.2017, São Paulo. Arte Situação Emergente. SESC CFP. O evento seguiu desta maneira: no dia 21 de Agosto de 2017, na segunda feira, foi iniciado o Simpósio com palestra introdutória do Professor Artur Matuck, as 18:00 seguida de duas palestras, sendo uma de cada artista. Olga Kisseleva das 19:00 às 20:00 e Alan Snyers das 20:30 às 21:30, seguidas de debates, no auditório Lupe Cotrim.

No dia 22 de Agosto de 2017, na terça feira, foram realizados um encontro das 15:00 às 17:30 e um workshop das 19:00 as 22:00, ambos com a artista Olga Kisseleva na sala Multimídia 1.

A pesquisadora foi produtora, mediadora e participou da palestra de fechamento do Congresso.

³⁶ A pesquisadora é chefe do departamento de Artes e Ciência e membro do alto comitê científico da Sorbonne.

³⁷ Alain Snyers, cofundador do grupo francês UNTEL - que colaborou com o artista, filósofo e sociólogo Hervé Fischer entre 1979 e 1980 em experiências de arte sociológica.

³⁸ Disponível no Jornal R7: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/sao-paulo-tem-uma-camera-de-seguranca-para-cada-dez-pessoas-20110526.html>. Open Access. Acessado em 25 de abril de 2018.

³⁹ SÃO PAULO, prefeitura. City câmeras São Paulo. São Paulo:2018.Disponível em: <https://www.citycameras.prefeitura.sp.gov.br/howworks>.Open Access. Acessado em 25 de Abril de 2018.

O que deveria funcionar apenas como equipamento de segurança pública se tornou uma forma de domínio. O monitoramento passa a ser interpretado através de um computador que busca e fornece dados. Com o argumento de que a segurança pessoal do cidadão é necessária para uma vida mais tranquila, o Estado se apropria da triagem das ações registradas pela vigilância e identificação de indivíduos por leitura facial, impossibilitando manifestações populares, ativismos políticos e intervenções urbanas contrárias à agenda oficial. Com isso o cidadão passa a ser conduzido, manipulado e repreendido, tendo sua vida exposta e analisada por algoritmos.

A proposta da professora é interferir na leitura das câmeras, possibilitando uma manifestação pessoal sem que o indivíduo sofra invasão de privacidade. Pinturas que se misturam aos traços faciais podem enganar esta leitura que é realizada através de sombra e luz dos olhos, sobrancelhas, nariz e boca. As sombras do rosto podem ser refeitas com o uso de tinta, assim o computador não consegue identificá-lo.

A *performance* possibilitou várias atividades que tiveram início no Centro de Pesquisa e Formação do SESC. A discussão foi estendida em um *workshop* realizado no prédio da ECA USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo). O resultado foi a realização de atividades que propiciaram diversas maneiras de pensar a questão do controle social e criar uma possibilidade de se emancipar na cidade.

Performance, 2017, foto: Carolina Nery - 6

Performance, 2017, foto: Carolina Nery - 7

Foto dos participantes no SESC CFP, 2017, foto: Paulo Zeminian - 8

Maquiagem para realização da *Performance*, 2017
- 10

Maquiagem para realização da *Performance*, 2017
- 9

Des-território 2 – refugiados

A cidade como espaço de ocupação nômade

A intervenção urbana tem como característica não se fixar em um determinado local da cidade, como uma instalação provisória. Entretanto pode ser permanente, ou uma intervenção que tenha a intenção de ser duradoura. Procuramos entender a intervenção urbana como arquitetura performática, temporária, como ato político.

Augé (2012) explica: os Lugares e não Lugares, através do processo de reconectar a relação entre a multidão e os espaços urbanos através da identidade, das relações e da história. Desterritorializar é um termo utilizado por Deleuze para se referir ao nomadismo como um movimento. Os termos utilizados por Augé (2012), Lugares e Não Lugares, como veremos adiante, se aproximam da teoria de Deleuze e Guatarri, quando especificados como lisos ou estriados. Outra aproximação é a leitura do espaço antropológico de Augé (2012), e da teoria de Ranciere (2009) sobre a importância dos Afetos. A questão dos Afetos como vimos, parte da teoria de Espinosa (2015) se aprofunda em uma visão contemporânea na obra Partilha do Sensível (Ranciere, 2009).

A habitação é um local de referência: atribuímos à moradia nossa relação de retorno, de encontros e desencontros, é onde é depositado nosso interior. Quando esta é abandonada o indivíduo deixa de lado estas atribuições, esta atitude algumas vezes é intencional.

De acordo com o jornal digital Folha de São Paulo, Sírios são a maioria dos novos refugiados no Brasil: 2.252, segundo dados oficiais, seguido por angolanos (1.408), colombianos (1.100), congoleses (959) e palestinos (367), o jornal diz que há 79 nacionalidades diferentes no país⁴⁰.

Françoise Choay (2012) complementa o conceito de relações na medida em que a inovação dá lugar a uma investigação de antigos modelos, os quais criam uma identidade através das referências anteriores, de cultura de vida dos diversos grupos, do imaginário coletivo e das subjetividades e consequentemente da memória.

A memória é um espaço de resistência política, fatos históricos são omitidos cotidianamente nas escolas, nas mídias, é uma forma de apagamento da memória, é forma de colonizá-la.

Andreas Huyssen (2004) apresenta em sua obra ensaios de que mostram o nascimento de uma nova cultura a partir de acontecimentos históricos, ao mesmo tempo em que eventos tais como o Holocausto se globalizam como ideia, cria-se então uma nova abordagem: o Holocausto, como lugar comum universal, é o pré-requisito para seu descentramento e seu uso como um poderoso prisma através do qual podemos olhar outros exemplos de genocídio. (HUYSSSEN, 2004). Assim o autor explica:

A globalização da memória funciona também em dois outros sentidos relacionados, que ilustram o que eu chamaria de paradoxo da globalização. Por um lado, o

⁴⁰ Jornal Folha ilustrada. Open Access. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1766271-guerra-fome-e-perseguiacao-aumentam-o-numero-de-imigrantes-no-pais.shtml> Open Access. Acessado em 05 de novembro de 2016.

Holocausto se tornou se transformou numa cifra para o sec. XX como um todo e para a falência do projeto iluminista. Ele serve como uma incapacidade da civilização ocidental em praticar a anamnese, de refletir sobre sua inabilidade constitutiva para viver em paz com diferenças e e alteridades e de tirar as consequências das relações insidiosas entre a modernidade iluminista, a opressão racial e a violência organizada. (HUYSEN, 2004, p.13).

A relação afetiva entre o cidadão e a cidade é fundamental para entender a organização social. O espaço urbano deve estar preenchido de memórias:

[...] estas marcas anacrônicas, que são os terrenos baldios, os poços das minas desativadas e as respectivas áreas em que se depositam os minérios, as escórias dos altos-fornos, as docas e os estaleiros abandonados têm, antes de tudo, um valor afetivo de memória para aqueles que, por muitas gerações, tinham neles seu território e horizonte e que se esforçam para que não lhes sejam subtraídos. Para outros, elas têm um valor de documento em escala regional, que a memória fotográfica haverá de conservar, mas cuja preservação real parece ter se tornada ilusória por suas próprias dimensões, numa época de urbanização e de reorganização de territórios. (CHOAY, 2001, p.220)

Entre os lugares visitados pela pesquisadora, destaca-se São Luís do Maranhão, onde ficou evidente o descaso com a arquitetura tombada. Não é oferecido nenhum tipo de auxílio para a manutenção dos edifícios históricos que em sua maioria se encontra em ruínas.

Cita Gustavo Marques, arquiteto Urbanista e professor da (Universidade Estadual do Maranhão - UEMA);

[...] são necessárias ações realizadas de forma conjunta pelos órgãos públicos, iniciativa privada e atores da sociedade civil organizada para que o Centro Histórico de São Luís volte a ser frequentado [...] Tais ações incluem atrativos estéticos, culturais, comerciais, entre outros que estimulem as pessoas a irem ao local. ⁴¹

Como vimos, a arquitetura, a morada, é um local de referência, quando perdemos a referência do edifício como memória, o que nos resta são as relações sociais e os afetos.

Da teoria para a prática

Intervenção urbana como pensamento nômade:

[...] Clastres considera que, nas sociedades primitivas, a guerra é o mecanismo mais seguro contra a formação do Estado: é que a guerra mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos, e o guerreiro é ele mesmo tomado num processo de

⁴¹ SANTOS, Leandro. Abandono do Centro Histórico de São Luís é discutido durante evento. São Luís do Maranhão: 2016. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/06/26/abandono-do-centro-historico-de-sao-luis-e-discutido-durante-evento.shtml>. Open Access. Acessado em 25 de abril de 2018.

acumulação de suas façanhas que o conduz a uma solidão e a uma morte prestigiosas, porém sem poder. (DELEUZE; GUATARRI, 2012 p.14)

Deleuze e Guatarri tratam a guerra como uma maneira de organização, o princípio do nomadismo como forma de articulação: a alteridade articulada se preparando para uma guerra significa que estará preparada para uma revolução. Revolução esta que não cria relações com armas propriamente ditas, revela estudos minuciosos de organização engenhosa, se antecipa no alerta sobre como somos adestrados. São as mesmas armas utilizadas pelo poder que nos controla, entretanto se superam, criam abordagens que são claramente construídas por quem participa, mas se apresenta abstrata para quem não está dentro. É um manual de guerrilha intelectual, que conscientiza, esclarece o caminho e propicia uma autonomia.

Dentre os tópicos destacados nesse suposto manual, está a desconstrução da autoria de um projeto desenvolvido pelo coletivo. Tende a deslocar a orientação que parte de um enunciado individual para criar possibilidades de enunciados que se complementam e se intercalam construindo outras possibilidades de formação, uma autogestão coletiva. Dessa forma, diferencia-se do objeto de estado utilizado para o confronto, é apresentada como uma ação política sócio cultural. É constituída em forma desestratificada, impossibilitando a construção de um centro, impossibilitando maneiras de dominação.

A organização parte de meio rizomático contrariando em seu cerne a estrutura do estado. Citam Deleuze e Guatarri:

Os princípios das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; as suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*. (DELEUZE; GUATARRI, 2014, p.10)

A citação se refere às subjetividades, à diversidade e às diversas composições de coletivos, à peculiaridade de diferentes grupos sociais. Para compreender estas diferenças existe a necessidade de manter-se em permanente processo de mudança, ser receptivo, sendo capaz de criar e transformar. Cada uma destas especificidades se torna importante nesse processo que molda os indivíduos como seres únicos. Estas características são customizáveis à medida que se contextualizam, à medida que se muda a localização geográfica, histórica e cultural. Conectam-se e reconectam-se. O rizoma é oposto a uma formação única de raiz, ou uma ramificação, ela se molda à necessidade de cada grupo. Esses aspectos são relevantes na composição de coletivos e de cada indivíduo.

Esse modelo é uma forma contemporânea de pensar e ocupar com a arte o espaço público, através de uma maneira Atualizada ⁴² de entender a construção na cidade contemporânea.

A maneira de organização criada pelo processo de diagramação por Gilles Deleuze incorpora a maneira de exercer o nomadismo, como ação temporária, pensada no contexto de onde o projeto será inserido, de montagem e desmontagem de ações estratégicas de uma construção efêmera. Dessa maneira, as relações se dão entre o grupo e o morador local, não criam vínculos com o Estado, acontecem de maneira silenciosa e tornam-se permissivas à medida que não são exercidas em tempo hábil para serem validadas como atividade, portanto, não podem ser vetadas, ao menos em tese.

Consideramos que a Arctectura possui o rizoma como princípio, pela maneira de conectar-se, desconectar-se e reconectar-se, se moldando e se remodelando de acordo com a necessidade.

A prática de ocupação da cidade, por ações que constituem construções físicas provisórias, podem resultar numa intervenção urbana. Cria possibilidades de construção de novas relações em um urbanismo já consolidado, numa cidade onde a arquitetura se mistura entre o antigo e o novo. A fim de subverter aspectos de controle social demos o nome a esse processo de criação de Arctectura.

1.5. O Ativismo e o profissional

Ocupações das escolas pelos secundaristas, a Máquina Abstrata

Segundo diagnóstico sobre possíveis interferências no espaço urbano para realização de ação libertária.

Em 2016, em diversas cidades do Brasil, escolas foram ocupadas por adolescentes que, em grande parte, sabiam o seu papel como cidadãos. Foi realizada uma entrevista com o educador Eduardo José Dias, que participou da ocupação de uma das escolas do Estado de São Paulo, na cidade de Jundiaí. Esses adolescentes formam grupos de resistência para melhoria no ensino e se posicionam contra programas do governo.

Pois bem, quando o Alckmin anunciou a reorganização escolar e a lista de escolas que estariam no meio, o Eloy⁴³ era uma delas. Isso significava que a escola passaria a

⁴² A Atualização é uma maneira de se referir ao que foi pensado no presente, no estado atual, na configuração e num determinado contexto, expressão utilizada por Deleuze (2015).

⁴³ Escola Estadual Doutor Eloy de Miranda Chaves.

oferecer só o Ensino Fundamental e outra escola da região, o Maria de Lourdes⁴⁴, ofereceria o Ensino Médio. Na prática, sem qualquer diálogo com a comunidade, os alunos seriam remanejados de escola, o que, para muitos, dificultaria ainda mais o acesso à educação. (Informação redigida e enviada por e-mail pelo autor)⁴⁵

Muitos desses jovens que participaram da ocupação sofreram repressão e tortura psicológica da polícia militar que interviu a mando do governo do Estado. Conforme informação cedida por um professor de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo - USP, que acompanhou os estudantes.

Os secundaristas ocuparam o Centro Paula Souza na região da Luz na quinta-feira passada (28/042016). Reivindicam melhorias na merenda escolar e a abertura da CPI da Merenda para investigar a máfia que desvia recursos do lanche no estado de São Paulo. O Centro Paula Souza é responsável por administrar as Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), muitas delas, sem nenhum tipo de merenda.⁴⁶

Enfrentamento da polícia contra estudantes secundaristas - 11
Foto: Jornalistas Livres

⁴⁴ Escola Municipal Maria de Lourdes Gonçalves Barros.

⁴⁵ Entrevista para obtenção de informação sobre a ocupação, em anexo, fornecida pelo Cientista Social e Educador Eduardo José Dias, realizada em 30 de abril de 2018.

⁴⁶ Jornal digital Jornalistas Livres. *Open Access*. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2016/05/secundaristas-sao-arrastados-pela-tropa-de-choque-de-dentro-de-escola-ocupada/>. Acessado em 01 de novembro de 2016.

Ao tratar da teoria de Deleuze sobre a Máquina de Guerra, podemos ilustrar esta ação como uma possível abstração diante da engrenagem do poder que manipula⁴⁷. Os militares a mando do Estado podem interferir nas ações, porém jamais conseguirão barrar a vivência e aprendizado dos adolescentes. Movimentos sociais como os que aconteceram na cidade nos últimos anos, mais precisamente entre 2013 e 2016. Entender essas ações ressignifica a função do profissional arquiteto como responsável pelo desenho urbano. Esse desenho é parte intrínseca da vida cotidiana. É imprescindível entender a cidade não apenas como uma malha urbana, sim como uma rede de interferências. Por isso a profissão do arquiteto pode ter outros significados, além de desenhar o espaço urbano, pode possibilitar acessos: entender a dinâmica da cidade, as implicações de leis e propostas de emendas constitucionais que influenciam diretamente nas relações e modificam a dinâmica e os Afetos na cidade.

Cap. 2. Entendendo Aspectos Diagramáticos na Arte Urbana

Brasil Arte Favela

Levantamento de aspectos em obras críticas:

Em áreas de maior densidade populacional o indivíduo torna-se um número, sendo descaracterizado no meio de um aglomerado composto por diversos grupos de pessoas com realidades sociais muito diferentes, sem infraestrutura básica necessária, desconsiderado pelo entorno das comunidades⁴⁸.

Predomina o abuso de poder econômico e a falta de voz dos menos favorecidos na sociedade: cria-se um status, uma fetichização em torno da cidade. As favelas se deslocam desse quadro, estabelece-se uma segregação em manchas delimitadas no mapa:

⁴⁷ Veremos mais adiante, no capítulo 7.

⁴⁸ Conforme entrevista cedida pela Assistente Social Ivani Zanon, 26 de abril de 2016.

Mapeamento das favelas, São Paulo, figura 12

Procuramos entender de que forma a arte modifica o olhar promovido pelo apagamento.

Em maio de 2011 a favela do Morro da Providência, no Rio de Janeiro, se organizou para a colocação de fotos da remoção de moradores que viviam em áreas de risco. A ação foi promovida pelo francês JR, conhecido por fotografar crianças que vivem em áreas de violência da periferia e colocar estas imagens ampliadas em local de maior visibilidade.

Morro da Providência, fotógrafo e artista JR - 13

De acordo com a revista Digital Archdaily a intensão do fotógrafo e artista JR é revelar identidades antes anônimas, projeto intitulado *Inside Out*, mostra as imagens em preto e branco são colocadas em muros, fachadas, telhados, escadarias criando uma arte fora das galerias e dos museus⁴⁹. As fotografias representam as comunidades e a ação possibilita uma interação.

O projeto traz características de participação e identidade, é importante o processo colonizatório ser desconstruído. Não fica evidente se o fato do artista estar fora da favela, seja capaz de interpretar a real visão de quem sofre o apagamento. O projeto é realizado por um renomado fotógrafo francês JR que imprime seu olhar sobre a favela. Dentro de um contexto

⁴⁹ Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-129479/inside-out-project-retratos-em-espacos-publicos-que-expressam-a-identidade-das-comunidades>. Acessado em 01 de novembro de 2016.

político talvez seja apenas uma apreensão imagética do indivíduo dentro de um processo civilizatório, ou também pode ser uma maneira de divulgar a invisibilidade das atrocidades que ocorrem na favela através de um artista que tem a possibilidade de projetá-la na mídia internacional. O empoderamento do indivíduo dentro de um processo de politização é imprescindível, portanto o projeto artístico que a esta pesquisa se insere são ações dedicadas ao coletivo, que só é possível a partir da desconstrução do autor, ou realizado pelo oprimido:

Mais de 100 moradores do Morro da Providência participaram da intervenção do último sábado. Eles buscam chamar a atenção da sociedade para as remoções que estão ocorrendo por conta do projeto de renovação da área portuária do Rio de Janeiro. As fotos foram feitas pelo fotógrafo Maurício Hora, morador da comunidade. Apesar de a urbanização do morro estar sendo anunciada como parte do programa “Morar Carioca”, o projeto, assim como sua forma de implementação, parece não ter nada a ver com este programa, cuja metodologia pressupõe a participação dos moradores e a exigência de considerar, em seu ponto de partida, o patrimônio material e imaterial presente nas comunidades. (ROLNIK, 201)⁵⁰

Morro da Providência - 14

⁵⁰ Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2011/05/23/intervencao-artistica-chama-atencao-para-remocoes-no-morro-da-providencia-no-rio-de-janeiro/>. Open Access. Acessado em 23 de julho de 2018.

Morro da Providência. 2008. Foto: JR - 15

O artista já esteve anteriormente na favela realizando trabalhos como o último: *Women are Heroes*, 2008. O artista fotografou e imprimiu crianças no muro da favela:

A primeira foto com crianças da comunidade que JR colou num muro do morro da Providência foi arrancada logo em seguida. As crianças estavam testando o artista. Ele fingiu não se importar. "Aquilo era para eles, esse era o objetivo do projeto, eu não tinha como dizer nada. Sabia que era um teste", lembra o artista. Quase uma década depois, os meninos da imagem cresceram. Um morreu, outro virou traficante, mas outros trabalham e colaboram com o projeto do francês.⁵¹

Considerando a falta de visibilidade das favelas na cidade procuramos analisar dentro da metodologia:

Aspecto Geográfico: Morro da Providência, Rio de Janeiro.

Aspecto Aritmético: de acordo com pesquisa realizada o trabalho do fotógrafo é composto por trabalhos desenvolvidos na comunidade.

⁵¹ Disponível em: Jornal Digital El País.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/album/1509379270_746077.html#foto_gal_5. Open Access. Acessado em 23 de julho de 2018.

Aspecto Afetivo: não fica evidente, seria prudente conhecer a perspectiva de quem foi fotografado, entrevistar moradores de onde as fotos ficaram expostas e saber se exposição das fotos beneficiou a favela de alguma maneira.

Grafite denunciando os ataques realizados com aviões estadunidenses no Yemen. 09 de setembro de 2017. Foto: REUTERS (Khaled Abdullah) - 16

Nesta imagem observa-se a situação da criança, entretanto em um contexto diferente, na perspectiva de denúncia do oprimido.

Aspecto Geográfico: Yémen, região que sofre com os ataques Norte Americanos.

Aspecto Aritmético: provavelmente possui, cada país possui uma lei diferente, por exemplo na cidade de São Paulo o grafite é pensado e organizado previamente, para depois ser pintado. Grafites que têm cunho político, que promovem uma crítica normalmente são reprimidos como acontece com a pichação⁵².

Aspecto Afetivo: provavelmente possui, pelo fato de ser o oprimido o autor da obra, quanto ao coletivo existe uma possível relação afetiva, em uma situação de guerra todos se sentem ameaçados.

⁵² Informações adquiridas no Documentário: PIXO. Direção: João Wainer. Produção Roberto T. Oliveira, São Paulo, 61 min, 2009.

2.1. A arte denúncia na imagem do Brasil

Um exemplo do deslocamento de território que visa o mercado especulativo é o documentário “Domínio Público”⁵³, dirigido por Fausto Mota, Raoni Vidal e Henrique Ligeiro. Narra-se o episódio de várias comunidades que foram removidas ilegalmente das áreas de forte interesse imobiliário, transferindo-as para periferias distantes, sob o controle do Estado através do uso da força por milícias armadas. Trata-se de modelo higienista de controle nas favelas do Rio de Janeiro.

Especulação imobiliária, gentrificação, remoção, ações utilizadas pelo poder para atender a uma demanda que visa o acúmulo desmedido do capital em benefício de poucos. Além de ser conflituoso para quem sofre as implicações do que podemos chamar de uma corrupção desmedida, a cidade é vítima de um retalhamento irreparável.

No documentário, Raoní esclarece que um pouco antes dos dois maiores eventos esportivos mundiais estarem prestes a acontecer no Brasil, Olimpíadas e Copa do Mundo, nos noticiários não é esclarecido o que realmente acontecia nas favelas do Rio de Janeiro, que eram reorganizadas devido à valorização da área. Em um Dossiê da Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa – Megaeventos e Violações de Direitos Humanos no Brasil, é possível encontrar casos de impactos e violações de direitos humanos nas obras e transformações urbanas empreendidas para a Copa do Mundo e as Olimpíadas no Brasil.

Trata-se, via de regra, de comunidades localizadas em regiões que, ao longo do tempo, tiveram enormes valorizações e passaram a ser objeto da cobiça dos que fazem da valorização imobiliária a fonte de seus fabulosos lucros. Mas os motivos alegados para a remoção forçada são, evidentemente, outros: favorecer a mobilidade urbana, preservar as populações em questão de riscos ambientais e, mesmo, a melhoria de suas condições de vida. As estratégias utilizadas uniformemente em todo o território nacional se iniciam quase sempre pela produção sistemática da desinformação, que se alimenta de notícias truncadas ou falsas, a que se somam propaganda enganosa e boatos. Em seguida, começam a aparecer as ameaças. Caso se manifeste alguma resistência, mesmo que desorganizada, advém o recrudescimento da pressão política e psicológica. Ato final: a retirada dos serviços públicos e a remoção violenta. (DOSSIÊ DA ARTICULAÇÃO NACIONAL DOS COMITÊS POPULARES DA COPA, 2011, p. 14).⁵⁴

⁵³ DOMÍNIO Público. Direção: Fausto Mota, Raoni Vidal, Henrique Ligeiro. Produção: Katu Franco. Rio De Janeiro, 98 minutos 2014. Acesso em: 18 de Julho de 2016. Disponível no: Canal Youtube. Filme disponibilizado na internet, financiado através de *crowdfunding*.

⁵⁴ O dossiê produzido coletivamente pelos Comitês Populares da Copa, que reúnem acadêmicos, moradores de comunidades, movimentos e organizações sociais. Open Access. Disponível em: <http://consciencia.net/pelo-menos-170-mil-pessoas-estao-ameacadas-por-obras-da-copa-do-mundo-aponta-relatorio/>. Acessado em 28 de outubro de 2016.

Nesta pesquisa nos referimos a uma arte decorrente de movimentos até às consideradas práticas populares. Em um viés político, a arte que denuncia a injustiça social relaciona aspectos de subjetividade de um grupo específico que se manifesta através das multidões, como parte indissociável de uma organização. Como acontece no cinema:

Cenas do Filme Domínio Público - 17

Aspecto Geográfico: Rio de Janeiro

Aspecto Aritmético: para a realização do filme existiu uma interação local, desconstruindo a autoria do diretor e passando a ter uma visão do oprimido.

Aspecto Afetivo: todos envolvidos e quem não tinha ideia das mazelas implicadas pelos grandes eventos passou a ter à medida que assistiu ao documentário. Outra maneira de afetividade que atribuímos é a de como foi adquirido o orçamento para realização do filme: *crowdfunding*. Significa que foi realizada com contribuição participativa espontânea. Contendo tanto aspecto afetivo quando aspecto aritmético, concluímos que teve uma grande estrutura organizacional.

Outro exemplo nos mesmos moldes é a vídeo arte Projeto Favela Olímpica, que denuncia os efeitos das remoções realizadas no Rio de Janeiro para construção de instalações para as Olimpíadas em 2016. Além de um filme, foi apresentado o registro das imagens

captadas pelo fotógrafo alemão Marc Ohrem-Leclef⁵⁵. Entretanto neste formato nota-se que existe um olhar autoral de fora e não existe a participação de autoria coletiva, a não ser dos fotografados. A Afetividade não fica clara porque não é realizada pelo olhar do oprimido.

Olimpic Favela, Rio de Janeiro, foto do website do artista Marc Ohrem-Leclef - 18

⁵⁵Revista Eletronica Rio On Watch. Disponível em: <http://riononwatch.org.br/?p=18176>. *Open Access*. Acessado em 01 de novembro de 2016.

Olympic Favela, Rio de Janeiro, foto do website do artista Marc Ohrem-Leclef, - 19

Aspecto Geográfico: Rio de Janeiro.

Aspecto Aritmético: de acordo com pesquisa realizada o projeto é composto por trabalhos desenvolvidos na comunidade, incluindo também um filme.

Aspecto Afetivo: não fica evidente, seria prudente conhecer a perspectiva de quem se envolveu no processo e se o projeto beneficiou a favela de alguma maneira. Seria importante saber se foram de fato afetados também os que viram a obra.

2.1. A Arte e o Espaço Urbano

Tania Bruguera apresenta em seu trabalho a afetividade, na obra, e como movimento político: um exemplo é o *Immigrant Movement International* (2012). Bruguera é uma artista Cubana que capta em seu trabalho a atualidade sócio política. A artista passou um ano em uma comunidade de imigrantes em Corona, Queens, nos Estados Unidos. A vivência resultou por ela chamada de Arte Útil, oferecendo diversos programas sem custos, entre eles: educação em línguas, concertos de bicicletas, construção, leis, psicólogos para vítimas de violência

doméstica, computação, etc. O espaço também serve para representação política, nacional e global⁵⁶.

Immigrant Movement International Queens - 20

Aspecto Geográfico: Queens, nos Estados Unidos

Aspecto Aritmético: a autora organiza a obra para que tenha uma função social.

Aspecto Afetivo: a artista buscou o local onde o grupo de imigrantes sofre com a imposição das leis do Estado e o preconceito. Apesar da autoria ser da artista existiu uma interação possibilitando maior democracia nas escolhas.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.taniabruguera.com/cms/486-0-Immigrant+Movement+International.htm> Acessado em 05 de Novembro de 2016.

Surplus Value , TATE Gallery, 2012 - 21

O projeto, *Surplus Value*, foi apresentado na galeria TATE de 18 de julho a 28 de outubro de 2012. A artista fez uma provocação onde o público é convidado a participar: através de um polígrafo é feita a autenticação do visitante, ele passa pelo teste e recebe uma autorização de visto de entrada na galeria.

Conforme Bruguera (2012), em relato no website da artista⁵⁷, era fundamental considerar os acontecimentos da época para a realização da *performance*. Em 2012 os Jogos Olímpicos em Londres despertavam o nacionalismo inglês. Na ação atores recebiam os visitantes e um deles era responsável pelo controle de imigração. Na fila o público aguardava no mínimo 10 minutos, enquanto outro *performer* controlava o fluxo, privilegiando uns em relação aos outros, de maneira que os visitantes da galeria obrigatoriamente eram colocados no lugar de imigrantes que desembarcavam no país.

Aspecto Geográfico: Londres.

Aspecto Aritmético: a autora organiza a obra para que promova uma crítica social.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.taniabruguera.com/cms/462-0-Surplus+Value.htm>. *Open Access*. Acessado em 13 de Junho de 2018.

Aspecto Afetivo: a artista busca criar Afetos para caracterizar sua obra. Parte do olhar da autoria, existe uma interação, entretanto não é a realizado pelos oprimidos.

2.2. Intervenção, da Rua para o Museu

A artista Ana Tereza Fernández é nascida no México e vive atualmente em São Francisco. Ela realizou uma obra que contestava o muro que divide as fronteiras entre México e EUA. A ação que foi nomeada *Borrando la Frontera* aconteceu em 2011. Com tinta azul ela pintou o muro e, aos poucos, outras pessoas foram se unindo a ela. De longe, o muro se funde à paisagem e parece ter desaparecido.

Em 2015 coletivos se uniram à ideia e pintaram todo o muro⁵⁸.

Borrando la Frontera, foto: autor desconhecido, 2011 - 22

Aspecto Geográfico: divisa entre o México e os EUA.

Aspecto Aritmético: no início foi ideia da artista, à medida que coletivos se juntam a ela passa a ter uma organização de vários grupos, portanto existe.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/pgewvg/artistas-na-fronteira-eua-mexico>. Open Access. Acessado em 23 de julho de 2018.

Aspecto Afetivo: a autora busca criar Afetos para caracterizar sua obra, torna-se evidente pela participação espontânea de outros participantes.

O fotógrafo JR também criou recentemente uma intervenção na fronteira entre o México e os EUA, de acordo com o jornal EL País a intenção foi criticar as ações do atual governo Norte Americano, Donald Trump, que promulgou uma ordem de separação dos pais de crianças que estiverem ilegais no país, entretanto em 2018, ele decidiu rever:

Assolado por uma onda de repúdio internacional, Trump revogou em 20 de junho a política de ruptura de famílias, que havia começado em abril, quando a promotoria decidiu abrir processo criminal contra qualquer adulto que entrasse de forma ilegal nos EUA. Isso significava prender praticamente todos os pais que vinham acompanhados dos seus filhos e separá-los deles. Um juiz impôs um prazo rigoroso para a reunificação, até o final de julho, das cerca de 2.600 famílias separadas.⁵⁹

Foto JR - 23

⁵⁹ Jornal Digital El País:
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/19/internacional/1531961414_789237.html. Open Access.
Acessado em 23 de julho de 2018.

MOCAP, figura 24

Museu de Arte Contemporânea da Cracóvia – MOCAP, 2015

Artist: [Grzegorz Klaman](#)

Technique: object / steel, LED bulb

Measurement: 100 × 510 × 10 cm

Date: 2003

Uma obra crítica, recria o portal de entrada do campo de concentração Auschwitz, na Polônia, o original continha os dizeres: *Arbeit Macht Frei*, o trabalho liberta. Nesta outra versão para o Museu, o artista se apropria da frase que carrega a mesma simbologia, porém com os dizeres: *Kunst Macht Frei*, que significa: A arte liberta. São elementos utilizados em arquitetura construída para um fim, possuem uma identidade e carregam um significado pertinente ao ensino.

Aspecto Geográfico: Polônia

Aspecto Aritmético: a organização é autoral do artista, entretanto refere-se a um coletivo.

Aspecto Afetivo: o equipamento urbano representa o crime contra os poloneses, neste caso especificamente. Em conversa com o guia do Museu foi identificado que muitos se incomodam e preferem não ver.

O artista Paulo Bruscky insere em suas obras elementos próximos a ele. Em meados dos anos 60 no Brasil, o desafio enfrentado diariamente era ter uma vida comum diante da repressão. A solução encontrada foi a arte postal; a ação permitiu atravessar barreiras impostas pelos militares, garantindo a sobrevivência com a troca entre artes nesta época.

No começo dos anos 1970, Bruscky tornou-se um expoente da arte postal, que ele prefere chamar de Arte Correio e sempre defendeu como modalidade de arte “antiburguesia, anticomercial e antissistema”. Logo articulou-se com o movimento internacional de arte postal e manteve intensa correspondência com membros dos grupos Gutai e Fluxus. “Arte é feita para circular” é uma de suas máximas. (STRECKER, Márión. Revista Digital Select. **Paulo Bruscky: o artista que escreve**. São Paulo, nº edição: 37, publicado em: 12/12/2017. *Open Access*. Acessado em 26 de abril de 2018.)

Paulo Bruscky, Arte Postal, anos 70, imagem retirada do *website* do artista - 25

Aspecto Geográfico: de acordo com o Diagrama sim, é itinerante, nômade.

Aspecto Aritmético: a organização de realização da obra é digna da genialidade do artista, podemos considerar uma Máquina Abstrata⁶⁰ por se passar de maneira oculta diante da repressão.

Aspecto Afetivo: existe a possibilidade de afetar quem lê as cartas.

ZAT- Zona Autônoma Temporária

Ocupação Artística

Um exemplo de intervenção artística temporária foi a ocupação ZAT (Zona Autônoma Temporária) que aconteceu em 2016, em um antigo convento na cidade de São Paulo, atualmente intitulado Convento Warzone, um espaço de tiro de *airsoft*⁶¹ onde diversos praticantes se reúnem. O local, um edifício abandonado, foi cedido a artistas residentes que passaram 10 dias enclausurados no local.

A pesquisadora foi convidada para compor a mesa em um dos dias do evento, pelo pesquisador Ivi Brasil. O tema escolhido abordou a relação da clausura e da interação do coletivo com o resultado final da obra.

Conversamos sobre interferências relacionadas à vivência dos artistas nas obras: o coletivismo, aspecto físico do local, função do espaço atualmente, contexto geográfico e subjetividade do grupo.

O resultado foram obras que partiam do conhecimento empírico dos artistas, certamente continha traços de estudo prévio de cada um, entretanto carregava o espírito da Warzone e da interação com o coletivo.

⁶⁰ Explicaremos sobre a Máquina Abstrata no Capítulo 3, subcapítulo 1.

⁶¹ O Airsoft, também chamado de Softair, é um esporte de simulação de combate armado usado como treinamento policial, treinamento militar ou esporte recreativo, começou a ganhar força no Brasil em 2003. Revista online Casa do tiro, disponível em: <http://www.casadotiro.com.br/novidades-ver/o-que-e-airsoft/26/>. *Open Access*. Acessado em 13 de Junho de 2018.

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery - 27

ZAT, 2016, foto : Carolina Nery - 28

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery 29

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery - 26

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery - 31

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery - 32

ZAT, 2016, foto: Carolina Nery - 30

Aspecto Geográfico: Convento Warzone, refere-se à locais abandonados da cidade.

Aspecto Aritmético: apesar de possuir um autor, a autoria foi diluída no coletivo.

Aspecto Afetivo: para quem esteve no local ou leu sobre a intervenção nas mídias sociais e jornalismo digital.

As manifestações políticas ocorridas nos últimos anos, de 2013 a 2017, são eventos que procuramos incluir na agenda do arquiteto artista com o propósito de interferir e reorganizar o espaço urbano junto à sociedade. A Máquina Abstrata, por Deleuze sugere um modo de compreensão da cidade que proporciona uma ação política. Parte-se do princípio que a organização social primeiramente deve ser estudada, o grupo participante da ação deve compreender profundamente todos os aspectos que levam a realização do ato, para direcionar um apelo.

O arquiteto artista para colaborar com a reestruturação do espaço deve entender a Máquina Abstrata e promover a ação que só é compreendida por quem irá executar a obra. Dessa forma a abstração é uma maneira de camuflar a intenção que na maioria das vezes se refere a um ato falho do Estado que se omite e se sobrepõe a sociedade de maneira injusta.

Obras foram apresentadas nesse capítulo com o intuito de apontar modelos de ações que contribuíram para a afetividade de diferentes grupos sociais e apontar falhas na administração pública ou injustiças sociais: *Inside Out* apesar de apontar o desrespeito das crianças na favela é apresentado pelo olhar de quem não vive dentro do contexto. No caso do grafite do Yemen é como se a criança denunciasse o ato de violência nas ruas. Tania Bruguera cria obras que possuem caráter político social e transporta para o lugar do outro, criando troca de afetos. A intervenção *Borrando La Frontera* procura acabar com a divisão entre países. No Museu da Polônia o letreiro do campo de concentração alerta sobre como o trabalho pode escravizar e a arte sim pode esclarecer, como num processo menos industrial e mais cognitivo. A arte postal conseguiu furar o sistema e transpôs fronteiras diante da repressão militar. O apagamento mostra a importância da história contada pela arquitetura, torna-se evidente como a memória pode ser um espaço de resistência política.

Por fim apresentamos a ocupação artística num espaço que apesar de ter uma função, apresenta-se em estado de abandono, a vivência temporária dos artistas e as obras criaram outro contexto para o local. Edifícios abandonados na cidade podem ganhar uma conotação diferenciada se legislações estatais promovessem o uso do espaço tanto para moradia quanto para ocupações artísticas.

2.3. Ocupação Espontânea dos Espaços Urbanos

Neste capítulo fizemos um levantamento de diversas ações em diferentes culturas, como veremos as práticas constituem intenções que se relacionam com a identidade e contexto histórico. O uso dos espaços é interceptado pelo Desejo, através da manifestação, de expor um sentimento, uma tentativa de tentar se reconectar com o espaço urbano ou de monumentos que têm uma relação identitária. Algumas vezes por insatisfação política, outras vezes por necessidade, de alguma forma é impresso na cidade uma reação ao existente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, sem possibilidades de permanecerem imunes à violência, os italianos de Nápoles encontraram abrigo no subsolo a quarenta metros de profundidade, local onde até hoje permanecem vestígios de moradia temporária:

Corredores e galerias foram construídos no século 17 e serviram de abrigo antibomba durante a Segunda Guerra Mundial. A cidade de Nápoles, na Itália, foi construída sobre rochas vulcânicas, solo suave e fácil de ser cavado e explorado. Durante décadas, quando ainda não havia sistema de água e esgoto encanado, os napolitanos construíram uma série de cisternas e túneis para locomoção militar. Acreditava-se que o subterrâneo napolitano estava completamente mapeado, até que os geólogos Gianluca Minin e Enzo De Luzio receberam uma carta de um sobrevivente da II Guerra Mundial. Na mensagem escrita pelo senhor de 90 anos, teve a identidade resguardada pelos pesquisadores, uma série de túneis que supostamente estariam sob o bairro Monte di Dio foram revelados.⁶²

⁶² ALENCAR, Lucas. **Geólogos encontram túneis de 11 mil m² no subterrâneo de Nápoles**. São Paulo: Galileu, 2016. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/03/geologos-encontram-tuneis-de-11-mil-m-no-subterraneo-de-napoles.html>. *Open Access*. Acessado em 16 de Junho de 2016.

Nápoles Subterrânea, foto do *website* Guia de Milão - 33

Nápoles Subterrânea, 2015, foto: Carolina Nery - 34

Nápoles Subterrânea, foto do *website* Guia de Milão - 35

Os desenhos fotografados (abaixo) foram feitas nas paredes de um dos galpões que compõem o antigo Campo de Concentração, Auschwitz, hoje Museu. Em meio à conturbada rotina dos detidos dentro do Campo, a liberdade é retratada através de uma pintura realizada na parede.

Parede Auschwitz, 2015, foto: Carolina Nery - 37

Parede Auschwitz, 2015, foto: Carolina Nery - 36

Muros em Atenas:

Trem em Atenas pichado, 2015, foto: Carolina Nery - 38

Estação de trem pichada, 2015, foto: Carolina Nery 39

Muro grafitado em Atenas, 2015, foto: Carolina Nery - 40

Banheiro público na praia de Atenas que ocupada virou moradia, 2015, foto: Carolina Nery - 41

Grafite muro Cracóvia, 2015, foto: Carolina Nery - 42

A lendária história dos meninos da Rua Paulo se traduziu em estátuas no tamanho real, em Budapeste, na Hungria. As esculturas apesar de serem feitas pelo escultor Péter Szanyi representam um legado, de um momento histórico da Hungria, a identidade de um povo.

Publicado pela primeira vez em 1907, o romance “Os meninos da Rua Paulo”, do escritor e jornalista húngaro Ferenc Molnár, foi durante algum tempo leitura obrigatória em diversas escolas, encantando mais de uma geração de estudantes [...] o autor trata de temas bastante sérios, como a falta de espaço para os jovens na sociedade e a violência psicológica a que os meninos eram submetidos no contexto histórico na Hungria da época.⁶³

⁶³ TRIGO, Luciano. **'Os meninos da Rua Paulo': Os desafios da passagem para a vida adulta**. São Paulo: Revista Digital G1, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/os-meninos-da-rua-paulo-os-desafios-da-passagem-para-vida-adulta.html>. Open Access. Acessado em 07 de Maio de 2017.

Meninos da Rua Paulo, 2015, foto: Carolina Nery - 44

Meninos da Rua Paulo, 2015, foto: Carolina Nery - 43

Pest Boys, 2015, foto: Carolina Nery - 45

No coração do bairro de Corvin, em Budapeste, do lado de fora do cinema, está uma pequena estátua chocante de um menino de 8-9 anos de idade com um rifle nas mãos. Esta pequena figura comemora os Pest Boys (*Pesti srácok*), jovens - muitas vezes adolescentes - que não tinham medo de pegar em armas para lutar por sua liberdade e crenças. Eles estavam entre as meras 1.000 pessoas que estavam fortes mesmo contra os tanques soviéticos. Embora não fossem absolutamente páreo para as forças soviéticas de mão pesada, esses jovens lutaram sem medo. Mais tarde, a revista Time nomeou o *Hungarian Freedom Fighter* como o "Homem do Ano" em 1956. Muitos dos Pest Boys foram mortos em combate ou executados durante represálias subsequentes⁶⁴

⁶⁴ FÁRI, Kata. **3 STATUES HONORING HUNGARY'S 1956 REVOLUTION IN BUDAPEST. Budapest Guide**, 2017. Disponível em: <https://welovebudapest.com/en/2017/10/20/3-statues-honoring-hungarys-1956-revolution-in-budapest/>. Opne Access. Acessado em 07 de maio de 2018.

Fitas são colocadas na escultura por moradores locais que se identificam com a imagem e com a história.

Sinalização de tráfego em Budapeste, Hungria, com interferências visuais.

Ruas de Budapeste, 2015, foto: Carolina Nery - 46

Muros e Ruas de Munique, Alemanha, na foto da esquerda tapumes de uma obra recebem o picho autorizado, do lado direito um picho não autorizado.

Ruas de Munique, 2015, foto: Carolina Nery - 47

Ruas de Munique, 2015, foto: Carolina Nery - 48

Vulcão Vesúvio, Nápoles Itália, 2015, foto: Carolina Nery - 49

Conforme guia turístico local a maior densidade demográfica da Europa fica no trajeto que será traçado pelas lavas se houver uma erupção. No segundo país mais católico do mundo⁶⁵ a intervenção ocorre em nome da fé.

⁶⁵ OLIVON, Beatriz. **Onde estão os católicos do mundo?** 2013. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/onde-estao-os-catolicos-do-mundo/>. *Open Access*. Acessado em 07 de maio de 2018.

A ocupação do espaço pela sociedade de maneira espontânea permite uma leitura do desejo de grupos, pensamentos, e reflete como se dá a apropriação da cidade, explica as relações identitárias. Monumentos são colocados nos centros urbanos sem muita conexão com a história, como no caso dos bandeirantes e a cidade de São Paulo que são erguidos como heróis. Estas imagens criam uma percepção de como o cidadão vê o espaço urbano.

Em Nápoles, a necessidade de fugir da violência forçou moradores a criarem abrigo no subsolo, a sociedade não teve tempo de se organizar, precisou salvar o que lhes restava. A galeria conta a história daqueles anos de guerra. Em Auschwitz, no Museu de história congela no tempo o olhar de um artista em meio a um coletivo, registra sua obra na parede, o sentimento de sobrevivência no desenho do camelo no deserto. A pichação e grafites críticos demonstram a insatisfação com a política, repressão, quando realizado com permissão a intervenção têm uma natureza diferente da que não é permitida. Conclui-se que o desejo só é realizado quando não há ordens, delimitações, imposições ou opressão.

As esculturas-monumentos, fazem parte da realidade e criam laços afetivos, são parte da história da sociedade, da verdade daquele grupo.

Pelo vulcão existe o respeito de pessoas que convivem com a memória em museus que guardam o acidente de seus antepassados. Pompeia e Herculano representam o perigo latente de erupção, a santa representa a única força que pode detê-lo. A intervenção é necessária para se ter esperança.

Cap. 3. Arte a Arquitetura e a Política

O coletivo - a investigação de projetos artísticos com cunho político que proporcionam uma experiência cognitiva

Em uma entrevista que compõe a série “Incertezas Críticas”, Jacques Ranciere afirma que:

[...] antes do século XVIII, na Europa, as artes tinham apenas finalidades sociais. Eram divididas em: artes mecânicas, que eram realizadas por escravos e artesãos; artes liberais, realizadas por pessoas em condições livres e as belas artes que, diferente das artes aplicadas, ornamentavam castelos de senhores e eram realizadas por pintores que trabalhavam para os reis. Era a arte da imitação. Nas belas artes os artistas se dedicavam principalmente à celebração de seus soberanos, congregações religiosas e ilustração da fé. Depois do século XVIII passa-se a discutir o conceito da arte, o que antes não se fazia. A arte passa a ser uma experiência e a nos representar. (RANCIERE, 2018)⁶⁶

Quando Ranciere (2018) aponta a representatividade, ele dá significado político e social à arte contemporânea.

Dentro do contexto sugerido nesta dissertação apresentamos alguns caminhos de reflexão sobre a arte contemporânea. Um deles foi entender a arte que se relaciona com o coletivo. Nicolas Bourriaud (2009) elucida um tipo de arte que promove a interação. O autor, entretanto, se dedica ao embasamento do que para ele se legitima como Estética Relacional, seleciona e aponta alguns artistas, classificando-os. Pareceu-nos imprescindível nos aprofundar na questão e apontar Claire Bishop (2006). Bishop, em contraponto a Bourriaud desenvolve o tema definindo as obras como Arte Participativa, sustenta sua argumentação através de diversos teóricos relevantes que se dedicaram ao estudo da arte contemporânea.

Na publicação *Participation*⁶⁷, a autora inicia a discussão citando o teatro da crueldade de Antonin Artaud, que aproxima o expectador dos atores: “[...] o teatro de vanguarda dos anos 1960 foi paralelo às revoltas em artes visuais e pedagogia. Nesse contexto, o envolvimento físico é considerado um precursor essencial para a mudança social.” (BISHOP, 2005, p.11).⁶⁸

⁶⁶ INCERTEZAS Críticas. Episódio: Jaques Ranciere. Direção: Daniel Augusto. Produção executiva: Fernando Dias e Maurício Dias. Produção: Kênya Zanatta. São Paulo, Grifa Filmes, 27 min, 2015. Acesso em: arquivo do Canal Curta, 21 de janeiro de 2018.

⁶⁷ *Recommended Citation:*

Claire Bishop (ed.), *Participation*, London: Whitechapel/Cambridge: MIT Press, 2006. Disponível em: [https://academicworks.cuny.edu/gc_pubs/?utm_source=academicworks.cuny.edu%2Fgc_pubs%2F97&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages.Open Access](https://academicworks.cuny.edu/gc_pubs/?utm_source=academicworks.cuny.edu%2Fgc_pubs%2F97&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages.Open%20Access). Acessado em 10 de abril de 2018.

⁶⁸ Tradução nossa de: (...) the avant-garde theatre of the 1960s was paralleled by upheavals in visual art and pedagogy. In this framework, physical involvement is considered an essential precursor to social change.

Observa-se que existe um efeito didático separando-se o embasamento da teoria em três caminhos - Ativação, Autoria e Comunidade ⁶⁹ - eles estão integrados e têm a importante função de, através da pedagogia, promover uma mudança social. Uma arte de ativismo político⁷⁰ que tenha potência é caracterizada pela ação/ativação, autoria e coletivo.

Complementarmente, pode-se verificar que, com a discussão sobre a estética, (componente precioso e presente na ação, na autoria e significativo para a comunidade) o regime da arte passa a não mais delegar especificidades hierárquicas, porque considera a participação do espectador. O que passa a ser relevante é a maneira de fazê-la. Passa-se a definir o mundo não mais através do fazer, mas do ser. Argan elucidou sobre Kant:

(...) o belo é registrado pela apropriação, descaracterizando assim a hierarquia. Deve-se esclarecer que a hierarquização citada, que caracteriza o juízo do Belo, ainda de acordo com Kant, faz parte de um júri de elite. Portanto, quando se trata da comunidade como parte da arte contemporânea desconfigura-se o postulado da verdade sobre o Belo para criar uma abordagem democrática. Concluimos que não há uma real participação na arte contemporânea se nela não há uma democracia, se não há interação com a sociedade, se permanece no discurso o valor do Belo. (1790 appud Argan, 2018, p.18)

Diferentes grupos compreendem de diferentes formas. A emoção sentida pelo espectador se diferencia, dependendo da subjetividade, do universo de conhecimento e de captação de informações de grupos sociais, são: coletivos e de indivíduos que partilham de uma opinião em comum. O que Ranciere (2015), aponta no documentário como sendo Mundos⁷¹, são grupos criados dentro desses universos de emoção. O termo Mundo possui a mesma conotação dada ao que chamamos de grupos sociais.

Na análise sobre a relação entre política e arte, a teoria de Ranciere refere-se à política como uma questão estética: feita de palavras, imagens, maneiras de ocupar os espaços. Uma maneira de povoar esse mundo comum, bem como a arte. Cria-se a estética no sentido do espetáculo, como bem enfatiza Debord (2003), em sua obra sobre a Sociedade do Espetáculo. Assim criam-se Mundos, ou grupos:

As falsas lutas espetaculares das formas rivais do poder separado são, ao mesmo tempo, reais no que diz respeito ao desenvolvimento desigual e conflitual do sistema, aos interesses relativamente contraditórios das classes ou subdivisões de classes que

⁶⁹ Tradução Nossa: *activation, authorship and community*

⁷⁰ Político que segue a corrente do ativismo, doutrina que privilegia a prática efetiva de transformação em oposição à prática especulativa.

Em política, o termo ativismo pode ganhar ares de manifestação ou protesto. Referência: Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ativista%C3%ADtico/>. *Open Access*. Acessado em 09 de maio de 2018.

⁷¹ Expressão utilizada pelo filósofo Jacques Ranciere para designar um grupo, ou grupos.

reconhecem o sistema, e definem sua própria participação no seu poder. O desenvolvimento da economia mais avançada constitui o afrontamento de certas prioridades com outras. A gestão totalitária da economia por uma burocracia de Estado e a condição dos países que se encontram em esfera de colonização ou da semicolonização são consideráveis e particularmente definidas por modalidades da produção e do poder. Estas diversas oposições podem exprimir-se no espetáculo, segundo critérios completamente diferentes, como formas de sociedades absolutamente distintas. (DEBORD, 2003, p.40).

Importante observar que a relação de comunidade nem sempre deve ser observada como uma união de pessoas e ideias em comum. Ranciere (2015) explica que tanto na política quanto nas artes existe uma tendência para se construir mundos sensíveis, criam-se experiências. Compreende-se que existe uma complementação no processo de fazer arte quando se trata de uma realização prática, sendo possível estabelecer uma constatação da teoria, a auto-organização e intervenções em diferentes locais. Alguns processos artísticos agem diretamente na questão da política social. Se considerarmos a história dos movimentos artísticos compreende-se a relação entre teorias e políticas que convergem nas artes, resultando em movimentos artísticos.

3.1. A Arte que Afeta

Estes projetos de arte são entendidos como exemplo de projetos que contém aspectos do Diagrama, se dedicam à localização geográfica definida, o aspecto aritmético é desempenhado à medida que existe uma organização do autor, se dilui na organização coletiva passando a autoria para os grupos em sua organização. Afeta de forma interativa.

Muitos processos artísticos foram realizados fora do Museu para depois ocupá-lo, muitas destas obras de rua ocuparam as Bienais. O recorte se dá nas realizações de projetos que têm como preocupação uma arte que propicie uma luta política, promovendo a prática da reflexão. São estes projetos artísticos que em sua profundidade fazem uma leitura das principais vertentes intelectuais acadêmicas e políticas condizentes ao momento histórico vivido.

Uma exibição do MoMA de Nova York, nos EUA, nos traz um panorama desse quadro de relações, como arte engajada.

MoMA, considerado um dos Museus mais importantes dos EUA e do mundo se posicionou contra o atual (2017) presidente eleito Donald Trump. A curadoria elegeu obras de artistas mulçumanos que foram impedidos de ingressar no país. Entre os projetos exibidos estava o edifício *Contemporary Arts Center*, EUA. O projeto foi idealizado pela arquiteta

Iraniana Zaha Hadid que residiu nos EUA, até seu falecimento em 2016. O edifício é considerado a construção mais importante realizada desde a Guerra Fria nos Estados Unidos⁷².

Conforme a revista *Brasileiros*, o artista Shepard Fairey, que idealizou o pôster com o rosto de Barack Obama e a palavra *Hope*, recriou o mesmo cartaz com fotos de latinos, imigrantes e negros, os três grupos que o artista considera mais ameaçados após a vitória de Trump. Os cartazes foram espalhados por várias cidades no dia da posse do republicano. Em todos há a frase *We the people*, retirada da primeira linha da constituição norte-americana⁷³. No *website* do artista é possível fazer o download dos pôsteres criando uma interface entre a internet e os manifestos.

We the People, 2016, imagem retirada do *website* do artista - 49

We the People, 2016, imagem retirada do *website* do artista - 50

⁷² Disponível na Revista online "Urbancincy". <http://www.urbancincy.com/2010/02/shepard-fairey-debuts-exclusive-cincinnati-works-tonight/>. Open Access. Acessado em 21 de abril de 2018.

⁷³ Disponível em: Revista *Brasileiros*. <http://brasileiros.com.br/2017/02/arte-contra-donald-trump/>. Open Access. Acessado em 26 de Fevereiro de 2016.

3.2.1. Michel Tuffery

A intervenção como arte urbana, associada a uma política social pode estar envolvida com a afetividade local de diversas maneiras. Michel Tuffery promove aulas de artes, muitas vezes grupos de crianças, e a partir daí inicia uma investigação dos moradores do entorno do bairro para conhecer a problemática da região, seu trabalho visa promover a conscientização e interação da comunidade⁷⁴.

A prática do artista baseia-se na sua herança na polinésia e na sua relação com a região do Pacífico, a sociedade e o meio ambiente. Ele muitas vezes trabalha em colaboração com as comunidades e com crianças em idade escolar. Através da criação de esculturas propicia o engajamento em torno de problemas sociais e conflitos culturais.⁷⁵

Na apresentação do *workshop*, a pesquisadora presenciou a explicação do artista sobre o projeto *Transforma*. A idealização da obra contou com uma residência de sete semanas em Airds, cidade parte do município de Nova Gales em Sydney, Austrália. Assim, o artista explicou sobre a intervenção, inicialmente se aproxima de moradores de maneira informal, depois de aproximadamente três dias passa a compreender melhor a identidade da comunidade e por fim, procura interagir com escolas e entender os problemas locais.

Nesse projeto tiveram quatro pontos principais a serem explorados: a recuperação de carros despejados na área Woolwash do rio Upper Georges, um estúdio de esculturas ao ar livre localizado no estacionamento da Airds, oficinas e curso com jovens, além de uma série de programas públicos que culminaram em um grande evento. Conforme informações retiradas do website do Museu, o projeto foi comissionado pela prefeitura de Campbelltown e pelo Museu de Arte Contemporânea MCA.

O objetivo do projeto foi despertar a consciência local sobre o comprometimento da saúde dos rios, incêndios florestais, despejo da carcaça de veículos e lixo acumulado.

No dia 12 de abril de 2014 a escultura foi inaugurada no Parque, um canguru confeccionado a partir da carcaça de carros abandonados, continha uma churrasqueira na base. O churrasco é parte do evento, e a apresentação do processo de criação realizada com as crianças

⁷⁴ A partir da participação da pesquisadora no Congresso Civic Actions: Artists' practices beyond the museum'. foi possível uma interação com artistas e ações que estão sendo realizadas em Sydney. Uma parceria entre O MCA Museum of Contemporary Art of Sydney e Universidade de Nova Gales. Nos dias 10 e 12 de setembro de 2016.

⁷⁵ Disponível no website do MCA. <https://www.mca.com.au/artists-and-works/c3west/michel-tuffery/#galleryModal>. Acessado em 01 de março de 2017.

durante a estadia do artista em Airds também é apresentada, além do convite aos artistas locais⁷⁶.

Transforma, foto retira do *website* do artista - 51

Transforma, foto retira do *website* do artista 52

⁷⁶ Informações adquiridas pela pesquisadora no workshop realizado durante a Conferência.

Em suas obras o artista exprime a subjetividade de suas raízes das Ilhas de Samoa (Polinésia), como parte de movimento de resistência cultural e procura interagir com a herança cultural das comunidades locais, dando profundidade aos relacionamentos, entendendo os Afetos.

O evento não é apenas uma iniciativa do artista de maneira independente, é uma proposição que desloca a autoria do artista para o coletivo e trata de questões relacionadas às políticas públicas e sociais.

Tuffery (2015) expõe seu trabalho em Museus, nesse projeto ele desloca o trabalho do Museu para a comunidade. Cria desta forma uma aproximação com a arte engajada, busca em seus projetos uma relação de afetividade. A obra propõe um canal de troca como arte pedagógica fomentada pela identidade local.

3.2. A Artes e os Espaços Públicos

A edificação da interação, a cidade que abriga, que afeta.

MASP⁷⁷, o vão da expressão popular:

Quando o músico e poeta americano John Cage veio a São Paulo, de passagem pela Avenida Paulista, mandou parar o carro na frente do Masp, desceu e, andando de um lado para outro do Belvedere, os braços levantados, gritou: “É a arquitetura da liberdade! ”. Acostumada aos elogios pelo “maior vão livre do mundo, com carga permanente, coberto em plano”, achei que o julgamento do grande artista talvez estivesse conseguindo comunicar aquilo que queria dizer quando projetei o Masp: o museu era um “nada”, uma procura da liberdade, a eliminação de obstáculos, a capacidade de ser livre perante as coisas.⁷⁸

A cidade como espaço político culmina em uma interpretação diferenciada do uso da arquitetura pública. Torna-se uma edificação pensada para o público, com caráter crítico social. Lina Bo Bardi criou o maior vão livre do mundo para abrigar e dar voz à sociedade. Assim, a Arquitetura da Liberdade foi uma das mais importantes criações arquitetônicas da cidade, do Brasil e se inclui na participação política da cidade de São Paulo, desde as primeiras manifestações realizadas na Avenida Paulista, e ao mesmo tempo é um Museu.

⁷⁷ Museu de arte moderna de São Paulo

⁷⁸ Disponível em Revista Digital Serrote. A arquitetura dos Intervalos
<https://www.revistaserrote.com.br/2013/12/a-arquitetura-dos-intervalos-por-francesco-perrotta-bosch/>. *Open Access*. Acessado em 26 de abril de 2018.

O desenho da arquiteta expressa o desejo de uma arquitetura pensada para a ocupação pública, não manifesta a grandiosidade do edifício com seu pomposo vão livre, porém dignifica o Belvedere. Lina Bo Bardi buscava a simplicidade, a tradição e a essência da brasilidade.

Belvedere do MASP, imagem retirada da Revista Digital ArchDaily - 53

A figura acima é um famoso desenho da arquiteta, que reflete seu desejo de ocupação do vão: um parque itinerante para uso coletivo.

De acordo com uma publicação recente do Instituto Bardi existe uma preocupação com as condições físicas do Museu Assis Chateaubriand, o Museu de Arte Moderna de São Paulo. O vão livre se dedica à integração com a rua a seu entorno, à formação de artistas, à inclusão, ao público. Devido às manifestações públicas, o vão corre o risco de ser cercado⁷⁹.

O intervalo do vão livre, da música de John Cage, do liso caracterizado por Deleuze, interpretado como um momento de ocupação pública corre o risco de ser cercado. À medida

⁷⁹ Disponível no website Instituto Bardi. Manifestação do Instituto Lina Bo e PM Bardi sobre o vão livre do MASP. <http://www.institutobardi.com.br/noticia.asp?d=14>. *Open Access*. Acessado em 02 de março de 2017.

que a gestão brasileira privatiza os espaços públicos e repreende ações de liberdade de expressão, a arquitetura da liberdade corre o risco de ser cercada.

A arte de rua é cercada, as intervenções urbanas são cercadas, a escola pública ocupada pela militância de estudantes secundaristas é cercada. O controle cria maneiras de direcionar, panópticos são utilizados para censurar qualquer ato que não seja conivente com um neoliberalismo opressivo. A arquitetura é censurada tanto como edifício como espaço urbano.

As artes dos anos 1960, também censuradas na época, nos remetem à história vivida, à repressão, tudo clama por ações que interpretem os desejos abafados. O museu público é um desenho arquitetônico que foi pensado para também abrigar manifestações artísticas, portanto criar liberdade.

A memória é um espaço de resistência política

Um dos vieses da arte que emergiu da arte urbana dos anos 1960 é o grafite e a pichação. Hoje ocupa seu espaço no museu e nas galerias de arte. Entre os espaços mais conhecidos que comercializam a arte urbana estão: A7MA, Choque Cultural e Luis Maluf⁸⁰. O Professor Doutor Arthur Lara elucida em sua dissertação a importância do grafite em seu contexto histórico:

Vivendo à margem da sociedade e consumindo um lixo extremamente rico, o movimento de contracultura aproveitou também a técnica avançada para dar forma real à utopia hippie. Na arquitetura, esta forma foi a geodésica; na arte, o grafite. O sentimento anti-imperialista, a guerra fria e o desconforto dos jovens estudantes diante das guerras coloniais internacionalizaram rapidamente o movimento. A contracultura era uma maneira de se revoltar contra a ordem vigente; a anarquia e a revolta pacífica eram pregadas pelos movimentos dos estudantes contra o “sistema”; as armas eram as ideias, as atitudes, o grafite e as flores. O princípio da autogestão e a organização das comunidades desencadeavam o movimento do *flower power*, a cultura hippie. (LARA p.81, 1996)⁸¹

Há dúvidas sobre como esta arte é compreendida estando dentro de galerias de arte no ano de 2018, em outro contexto.

O grafite teve um papel importante na contracultura como arte de rua, e entrando para uma escala mercadológica, ganhou os moldes necessários para interagir com diversos estilos de arte já exibidos em Museus e vendidos em galerias.

⁸⁰ <https://a7ma.art.br/>, <https://www.choquecultural.com.br/pt/>, <http://luismaluf.com/>

⁸¹ LARA, Arthur Hunold. Grafite: Arte Urbana em Movimento. São Paulo, 1996. 130 páginas. Dissertação. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. Ano da Defesa: 1996.

Apesar de ter seu momento contracultura nos anos 60 e se tornar uma arte de rua apreciada nos dias de hoje em todo o mundo, permanecem resquícios da contracultura, de uma arte marginalizada. Isso acontece quando um prefeito por sua própria determinação decide pintar de cinza a arte realizada com o dinheiro da prefeitura anterior, selecionar espaços que considera adequado, criar uma galeria que levará o nome de sua gestão e valoriza seu gosto pessoal pelos artistas (2017)⁸².

SÃO PAULO - Em meio à guerra contra pichadores, o prefeito João Doria (PSDB) anunciou que vai criar um programa de grafite de rua para promover grafiteiros e muralistas na cidade. A ideia inicial é que cada ação tenha a duração de três meses e inclua 150 artistas a cada edição. Eles serão escolhidos por meio de uma comissão montada pela Secretaria Municipal de Cultura com artistas, críticos e especialistas no assunto.

Poderão ser grafitados imóveis públicos e privados, que serão procurados pela administração municipal para autorizar o uso do espaço. O primeiro ponto do programa, batizado de Museu de Arte de Rua (MAR), será no Baixo Augusta, na região central. A Prefeitura estima gastar R\$ 800 mil com o projeto na região.

Parede pintada de cinza - 54

O desenvolvimento das artes como parte do comportamento da sociedade, apresenta as intervenções urbanas como um processo de construção provisória como uma interferência, como um Não Lugar⁸³. As artes realizadas nas ruas seguem a mesma estrutura e misturam-se a uma ação política, porque interferem no cotidiano, através da arte urbana em um momento histórico em que o espaço urbano está sendo questionado. Centros urbanos são reformulados com o objetivo de constituir barreiras físicas e psicológicas, resultando em uma letargia profunda.

O Ossário de Alexandre Orion, por ele chamado de reverse Grafite, é uma arte realizada em locais de muita poluição. São camadas de fuligem que o artista limpa, tece desenhos negativos, denunciando o abandono e a poluição. Mesmo não sendo uma pichação, a

⁸² Disponível no jornal online Estadão. <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-anuncia-programa-de-grafite-no-baixo-augusta-apos-apagar-murais-da-23-de-maio,70001642437>. *Open Access*. Acessado em 25 de Agosto de 2017.

⁸³ Marc Augé (2012)

ação é interceptada por policiais que não conseguem determinar se é vandalismo ou não, mas reprimem. Em meio à controvérsia acontece uma subversão de valores.⁸⁴

O Ossário, foto retirada do website do artista - 55

O Ossário, foto retirada do website do artista - 56

Na corrida: mercado de artes x arte/política o Estado embarca no populismo e mais uma vez reorganiza a maneira de ver e pensar a arte urbana e sem nenhuma investigação mais aprofundada decide os rumos da cidade, como se o espaço urbano fosse uma propriedade privada. A cidade foi pintada de cinza.

Os pichadores que invadiram a Bienal de Artes de São Paulo em 2008, na época presos, foram condenados pela Justiça por dano ao patrimônio histórico e formação de quadrilha. Entre os quarenta pichadores que picharam a 28ª Bienal três foram convidados para expor na 29ª Bienal⁸⁵, dois anos depois.

O Ossário de Orion, como não é picho, não é pintado, é lavado. O grafite interpretado como sujeira é pintado. Intervenções de pichação são realizadas na Bienal de São Paulo. Esses acontecimentos nos fazem questionar a função dos espaços, da arte e como tudo relaciona-se com a sociedade. Do túnel que era limpo pelo artista que foi reprimido e da vivacidade do grafite que é apagado por ser considerado vandalismo. Torna-se confuso decifrar se é grafite ou é picho. Torna-se confuso saber se existe uma preocupação estética ou uma luta de classes.

⁸⁴ Disponível no website do artista. <http://www.alexandreorion.com/1814157-ossario> *Open Access*. Acessado em 02 de Março de 2017.

⁸⁵ Disponível na Revista Eletrônica O Globo. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>. *Open Access*. Acessado em 02 de Março de 2017.

3.3. A Arquitetura Museu

Espaço de Arte Cognitiva

Na representação de uma obra de arte para o público, de acordo com a Prof. Dra. Otília Arantes (1991) ⁸⁶, é possível desvincular uma possível conexão com a atualidade, à medida que o objeto é deslocado do espaço e de seu pertencimento como parte de um tempo, marcado por uma história. Muitas vezes esse objeto ganha uma conotação de ídolo, transformando-se em informação deslocada da contextualização. (ARANTES, 1991).

Marc Augé traz para a contemporaneidade esse discurso sobre as relações entre a sociedade e o espaço. Ao que se refere a deslocamento, entende-se o Lugar como local que possui uma conotação histórica, identitária e relacional (AUGÉ: 2014). Buscamos entender o Espaço Museu que abriga o objeto de arte no encontro com o receptor. Podemos fazer uma associação com o que ocorre atualmente em 2018, dando uma interpretação na relação do museu, da obra de arte com o público.

Dentro desse panorama existe uma necessidade de desconstrução de antigos hábitos. Hábitos esses que foram estabelecidos por um Estado oligárquico, com o intuito de monopolizar e despolitizar a esfera comum (RANCIERE: 2014). Nestes termos fica evidente a conexão da prática participativa com a política de democratização, tecendo a devida importância à arte latina, brasileira, propiciando uma descolonização eurocêntrica, politizando.

Domingos de Criação

Em 1971, Frederico Moraes convidou artistas para ocupar os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio De Janeiro. O evento aconteceu durante a ditadura militar, totalizando seis encontros que marcaram a arte brasileira.

O Museu era entendido como laboratório, rompendo um tabu intelectual, com experiências trazidas por Lygia Clark e Mario Pedrosa, conectando o público as artes:

Todas as pessoas são potencialmente criativas e poderão fazer isso se não forem impedidas por uma repressão, independentemente de onde venha, dos militares ou dos pais. A minha ideia era de criar uma escola museu, estimular o processo do fazer, mais do que o processo do consumo. Mostrar que as obras de arte não pertencem a ninguém, nem mesmo ao artista.

⁸⁶ Professora Dra. Otília Arantes - professora doutora do departamento de filosofia faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Um caminho para estabelecer com a obra é participar da experimentação, tentar realizar alguma coisa. E o caminho mais eficaz é a relação entre a ideia de lazer e trabalho, questionar o que é o domingo na vida de uma cidade. (MORAIS:2010)⁸⁷

Em uma das entrevistas Frederico pergunta se a criança está gostando de desenvolver um trabalho artístico no Museu, e ela diz que sim, e que não faz o mesmo em casa porque não tem espaço. (MORAIS: 2010).

O entorno, a cidade, é parte da rotina que nos exclui ou nos inclui na vida social. O museu também é parte dos espaços públicos da cidade. Podemos compará-lo a um quintal da cidade, ao analisar esse espaço com o olhar da criança. Entretanto, esbarramos nas questões mercadológicas que interferem nesse fluxo contínuo de interação social.

Obedecendo a um imperativo de "animação cultural", que alega em seu favor a regeneração de um combalido corpo social, os novos museus são de fato lugares públicos, mas cuja principal *performance* consiste em encenar a própria ideologia que os anima quando muito sucedâneos de uma sociabilidade fictícia e, por força dessa transposição, inteiramente estetizada e neutralizada. (ARANTES, 1991, p.196)

A cidade não pode ser compreendida sem as instituições. Estas pertencem ao Estado, à ideologia dominante, o que constitui o motivo de certas continuidades notáveis da sociedade. O museu, nesse contexto, dá sentido à cidade e o cidadão, como corpo político, à medida que se compõe aos espaços urbanos de forma democrática, reintegra as funções do espaço público, como foi proposto nos Domingos no MAM RJ.

De acordo com Henri Lefebvre, o espaço urbano precisa de interação social. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, necessidade de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas (LEFEBVRE, 2001, p.105).

JAC – Jovens artistas contemporâneos

Como toda proposta inovadora, abrir o espaço do MAC USP para jovens artistas teve seu caráter experimental, conforme a Professora Doutora Cristina Freire (2013). A experimentação carrega em si a descoberta, dado fundamental para abordagem interativa. O Prof. Dr. Walter Zanini (2013), tinha como intenção criar condições para ampliar a relação museu, artistas e público.

⁸⁷ Transcrição do áudio de Frederico Moraes do documentário: Um Domingo no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro). Direção: Letícia Simões. Produção: Mariana Ferraz, Guilherme Coelho. Rio De Janeiro, 20'14", 2011. Acesso em: arquivo do Canal Curta, 21 de janeiro de 2016. Também disponível em <https://vimeo.com/25518852>. *Open Access*. Acessado em 18 de julho de 2016.

Um dado importante a ser considerado é que também nesse projeto, a prioridade é o desenvolvimento pedagógico na sensibilização à arte contemporânea, o que caracteriza o Museu como escola, universidade.

Zanini (2013) vislumbra a aproximação das artes com o espectador, de forma política, através do conhecimento. O evento JAC compôs-se destas ações que tinham como meta democratizar o Museu, possibilitar acessos.

Citamos entre os trabalhos desenvolvidos pelo professor, inúmeras ações que despertaram o interesse de um público que muitas vezes não tinha interesse nem pelo Museu, nem pelas artes.

O evento JAC ilustrava a participação do público e dos artistas, que também eram expectadores. Lotear o museu foi uma reinvenção da Práxis Museológica ocorrida em 1972, conforme a Prof. Dra. Cristina Freire⁸⁸, lembrando que foi uma época que viviam uma forte repressão em função do golpe militar, assim como nos Domingos no MAM RJ.

Somos todos imigrantes, experiência prática da pesquisadora

Uma série de eventos marcou a Ação-Passeio, realizada pelo grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismo do Museu (GEACC), no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. A partir de encontros com pesquisadores, artistas e convidados, o público participava da vivência.

Entre as ações ocorridas durante o semestre de 2016, iremos ilustrar o evento datado de 11 de junho: presenciamos a experiência como parte da intenção da aproximação com a colonialidade, identidade e exílio⁸⁹. O evento compunha a exposição do Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP) na observação sobre fronteiras, nomeada Vizinhos Distantes.

Na ação realizada no MAC, no dia 11, famílias, crianças e jovens, vindos em sua maioria de Angola, foram convidados a irem ao museu para contar sobre a cultura deles e entender sobre a cultura Brasileira. Não havia melhor caminho senão o do Saber. Saber que a melhor história é aquela que nos toca e nos transforma, naquele dia éramos todos africanos e eles eram todos brasileiros. A troca estabeleceu uma proximidade para ambos os lados que possuem rotinas tão diferentes.

⁸⁸ Relatos retirados a partir das aulas ocorridas no programa Interunidades do MAC USP EHA5737 – América Latina - Laboratório de Pesquisas, com a participação das Profas. Dras. Maria Cristina Machado Freire, Vera Maria Pallamin e Maria Helena Capelato Início: 08.04.2016

⁸⁹ Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/atuais/masterpager.asp>. *Open Access*. Acessado em 23 de julho de 2016.

O distanciamento marca o esvaziamento contido no individualismo, a alteridade e a troca, carregam a possibilidade do conhecimento. Vemos nesse sentido uma forma de resistência política, de acordo Foucault (1987) todo tipo de esfacelamento do coletivo facilita o controle social que prevê a soberania nas mãos do poder.

Deleuze (2012), em sua teoria sobre o pensamento nômade, explica a conjectura ideal para se estabelecer autonomia sobre a imposição do Estado: compreender de que forma a política social trata das subjetividades priorizando as ações que tenham caráter libertário.

Poderia ser relacional, se não fosse em Tupi-Guarani⁹⁰.

Em primorosos trabalhos e projetos realizados no Brasil vemos a valorização das raízes brasileiras através de Mário Pedrosa, da paixão de Darcy Ribeiro. Da necessidade de trazer o Comum como protagonista por Oiticica e Lygia Clark. Da genialidade do olhar de fora para dentro e de dentro para fora na geografia de Milton Santos, a luta da arquiteta italiana Lina Bo Bardi para a validação das tradições nordestinas e sua importância na cultura brasileira, entre muitos outros.

Seria esse um possível caminho para uma discussão sobre como desconstruir a relação imagética pela qual fomos submetidos, se entendemos que a colonização de hábitos parte de uma visão estreita sobre o distanciamento da apreensão de conteúdo da maioria dos livros didáticos de história e do que realmente somos. A arte e a cultura nestes termos são definitivamente uma arma na luta a favor da emancipação.

Notamos a aproximação com assuntos tratados dentro da filosofia pós-estruturalista, da política social, sobre a Arte Participativa na arte contemporânea, que está no fortalecimento nas bases da sociabilidade, da política, dentro da subjetividade, na interação com o coletivo, de acordo com Bishop (2005).

O comportamento também é parte da linguagem, da decodificação, o gingado. Somos herdeiros das tribos indígenas, falamos uma língua própria, entre outras ramificações falamos o tupi guarani⁹¹.

⁹⁰ A língua guarani e suas variações dialetais como Kaiowá, mbyá e nhandewa pertencem à família Tupi-Guarani. Essa família, por sua vez é constituída de um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso, pré-colombiana e não documentada historicamente. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3247&secao=331. Acessada em 23 de julho de 2016.

⁹¹ A língua portuguesa que falamos é culturalmente negra. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/yeda-pessoa-de-castro>. *Open Access*. Acessado em 23 de julho de 2016.

Numa situação de diversidade, ou em um encontro de pessoas que estiverem dispostas a trocar, as fronteiras se esfacelam, o que sobra é a certeza de que somos todos iguais, temos os mesmos desejos, as diferentes subjetividades são a possibilidade de aprendizado, e de acessar o que antes era inacessível.

A busca por uma identidade na relação do coletivo com o indivíduo direciona-se para um processo criativo desprovido de metodologias pré-concebidas. Procura privilegiar as diferenças, resultando em um trabalho de desconstrução do espaço como território, como cultura policêntrica e nomadismo.

O entendimento da identidade como parte do conhecimento, principalmente do passado como história, privilegia o entendimento sobre as normas utilizadas como base de controle social que tem como objetivo desmontar uma ação libertária.

Conhecer as diferentes subjetividades permite intervenções sob um viés intrínseco, ou seja, pertinente às diversidades desfazendo o conceito de individualismo tão desejado pelo sistema que controla e integra imposições especulativas. Dessa maneira constitui-se a alteridade entendendo suas peculiaridades, compondo o corpo que respeita suas individualidades.

A arquitetura como abrigo, no caso o museu, como corpo interativo não delega fluxos. É comandada pelos desejos, alterada pelo intelecto que é desenvolvido através do conhecimento.

A arte é pensada a partir de uma desconstrução, a partir dos antigos hábitos e valores, através da construção adquirida e do conhecimento.

3.3.1. A Arte Participativa

Notam-se eminentes fluxos comerciais abrigados por uma arquitetura disciplinada para o seguinte fim: lojas com seus departamentos e propagandas que induzem ao consumo sem parâmetros, com o intuito de compactuar com um sistema persuasivo de controle social e mental.

O Desejo, é a exteriorização de ações que fazem parte de uma vontade maior, a realização de um desejo, da possibilidade de escolha e de discernimento, de experimentar um novo fluxo que não seja o fluxo criado para atender a um controle.

A arte performance propõe uma mudança da rotina, uma pausa para reflexão, um momento onde o relógio do dever congela-se para dar voz ao indivíduo como parte de um corpo coletivo. Em meio a uma conturbada urbanização povoada por informações rápidas somos forçados a nos disciplinar cooperando involuntariamente ao invés de criticamente.

Hoje os espaços são readequados a fim de atender às demandas do mercado e não mais à historicidade da vida urbana, que cria referências para entendimento sobre uma identidade sociocultural.

Henri Lefebvre (2001) faz uma observação sobre a malha urbana, sendo constituída por fragmentos que estabelecem relações, deslocam, classificam, elitizam e tornam impraticáveis qualquer chance de escolha. A urbanidade é conivente com a sobrevida da especulação, associada a uma exploração que vitimiza os mais pobres e prioriza os mais abastados.

Dentro desse paradigma é possível criar novos fluxos, com o intuito de desconstruir a indução, criar dispositivos para a constituição de novos espaços a partir de ações realizadas pela alteridade.

Resignificando a Arte Coletiva, o Afeto só acontece através do Sensível

Ranciere se antecipa esclarecendo que não nos cabe mais discutir o fim dos movimentos que nasceram de um contexto histórico. A análise hoje se dá sobre o Sensível, no qual a estética se relaciona com as artes, um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade e relações, que implica numa ideia de afetividade do pensamento. Assim seria determinado um modo específico de transformação.

O autor esclarece o sentido do repartir e compartilhar lugares e tempo com atividades onde o comum tome parte dessa partilha, governe e seja governado. De acordo com o autor a forma de pensar hoje se presta somente ao capitalismo de exploração, referindo-se à cooptação do tempo pelo sistema através do trabalho. Desta forma procura desconstruir a concepção da obra de arte como Belo para através de uma postura mais politizada, criar uma abordagem que captura um entendimento sobre partilhar como ação libertária, colocando o artista como um interlocutor do comum para democratizar os acessos.

Fizemos um paralelo ao que Augusto Boal (1980) procurava fazer com o teatro e Paulo Freire (2002) com a pedagogia do oprimido, do comum: A subversão e apropriação do tempo pela arte tornando-se política e necessária.

Augé (2014) aproxima-se desse princípio, através de pontos divergentes entre Lugares e Não Lugares e os classifica através de proposições que qualificam o espaço como parte da subjetividade do coletivo. Analisamos o que pode significar o Lugar entendendo-o como um Partilhamento que possui relações com a cultura (AUGÉ:2014). Portanto podemos concluir que

a partilha do Sensível nos espaços se dá em paralelo e podemos comparar com Afetos e Desejos a partir de uma visão Deleuziana.

Se aproximando da arquitetura, sobre os resultados do que foi o modernismo e o pós-modernismo, da era industrial e pós-industrial, hoje estaríamos próximos a uma reflexão que prioriza a afetividade. Ranciere exemplifica isto procurando estabelecer uma conexão através do que foi construído pelo poder, bem como: o individualismo, a permanência, o capital posto acima das relações, que são provenientes de um neoliberalismo que cria obstáculos na formação de um pensamento crítico. Seria então, o Afeto, a causa da ruptura destas prerrogativas.

As relações articulam uma autonomia e uma ordem geral na maneira de fazer ocupações políticas e sociais que entram em analogia com uma visão hierárquica da comunidade ou de maneira horizontal. Assim seriam criados modos específicos de habitação do Sensível que devem ser desenvolvidos pela educação estética, para formar homens capazes de viverem em uma comunidade política livre e que criem um novo paradigma de ativismo, um olhar sobre as necessidades dos diferentes grupos.

A explicação do autor para apresentar a arte como regime estético da política perpassa a literatura, o teatro e coloca a *performance* com status subversivo pelo contexto contestatório, porém a imagem com uma dupla questão que engloba efeitos que a induzem. Acreditamos que igualmente todas as artes em seu aspecto afetivo são, de fato uma mão dupla.

O que vemos é um Poder que se apropria do conhecimento como arma de guerra, enquanto poderia ser utilizada de forma construtiva em vez da destrutiva. Entretanto na Sociedade do Comum, como diria Ranciere, poucos tem acesso a esse conhecimento, assim muitos se submetem, refletindo em abuso e exploração social.

Na Partilha do Sensível o autor esclarece a relação na qual fomos submetidos; declara que a história é tratada como ficção, onde a nítida separação entre a realidade e a ficção impossibilita uma criação de uma racionalidade da história e de sua ciência, que se desdobra assim entre dois polos: a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação, distanciando o leitor do autor, modificando as relações entre o que se vê, o que se faz e o que se pode fazer.

Com a revogação das potências do Sensível existe um enraizamento da dominação, a supressão dos desejos da comunidade constitui o núcleo da política.

Concluimos que nos utilizando da *performance* como ação, como uma arte que promove uma interação tanto quanto inter-relacional quando participativa na ocupação dos espaços, criamos uma abordagem prática através de uma sequência de intervenções. Nesta sequência é propiciada uma interferência num fluxo já constituído dando lugar a um

pensamento nômade, de acordo com Deleuze (2012). Assim o artista/autor tem como tarefa ser o dispositivo desta interferência temporal, proporcionando uma abertura para dissolução da autoria. A ação poderá acontecer desde que exista uma pré-disposição do público para criação que parta de sua subjetividade, onde a partilha dos Afetos se movimenta para além do que entendemos como arte, como uma forma de ressignificar a função da arte, recriar os afetos e constantemente resistir. Seriam esses os principais pontos a serem desenvolvidos a partir desta prática Diagramática.

No estudo dos diferentes grupos na realização do desenvolvimento de projetos em comunidade, é possível reconfigurar o conceito de coletivismo. Dessa forma é propiciado um entendimento sobre as relações, procurando desvincular intenções individualistas, porém é preservando a individualidade.

A subjetividade como conhecimento sobre: a cultura, história e as relações que contribuem para desconstrução de antigos paradigmas. Reestabelece-se assim uma ligação identitária, descolonizando hábitos e costumes, enaltecendo a ação como meio de empoderamento. A subjetividade também é compreendida como a leitura cultural de diferentes grupos e de suas diferenças, incluindo a diversidade.

A desconstrução de duas formas, uma como desconstrução física do que anteriormente se entendia por espaço constituído, possibilitando uma interação que pode ser realizada em qualquer situação. Por esse motivo tratamos como uma ação desterritorializada a transformação do Não Lugar em Lugar. E a desconstrução do autor como meta autoria que possibilita a democratização de ações, assim o arquiteto/artista passa de autor para meta-autor, criando dispositivos para a realização da ação, o público que antes era apenas receptor passa a ser um autor, protagonista.

Cap. 4. O Diagrama

Estudo de metodologia

Conforme Gabriela Izar (2015):

O diagrama atravessa todos os processos culturais que envolvem o conhecimento – a experiência e a racionalidade – e abre fronteiras entre as disciplinas. Cada área do conhecimento formula problemas específicos sobre o diagrama e, em alguma medida, faz uso de diagramas para construir teorias e solucionar problemas [...] Como arquitetura o diagrama participa da representação, da construção de formas e das funções, sua utilização remonta aos primeiros estágios da civilização, como um recurso da linguagem para organizar e simbolizar, por meio do desenho, o espaço e o tempo [...] Na lógica e na matemática, o diagrama participa da abstração e da objetivação científica sobre ideias e fenômenos, o diagrama possibilita visualizá-lo em outros modos de estruturação e repeti-los em abstrações que os simulam, por programação ou parametrização, as construções algébricas em modelos gráficos. Nas disciplinas de exatas (física e matemática), o diagrama possibilitou a formulação de novas teorias e postulados científicos; na ciência da linguagem, é uma categoria dos sistemas de significados e das formas de representação da linguagem; na geografia, o diagrama permite a apreensão dos processos de transformação da paisagem, dos fluxos, das ocupações e dos posicionamentos: na pesquisa da cognição humana e nos estudos da percepção, o diagrama e a ação de diagramar são objeto de estudos da percepção e dos processos de aquisição do conhecimento.

Izar (2015) ilustra os trajetos percorridos em diversas áreas que tratam do diagrama. Diagnosticar os usos do diagrama como representação de um signo explica a predileção de Gilles Deleuze (2012) dado ao Diagrama. A teoria do filósofo é pautada metaforicamente em elementos retirados da natureza (platôs, estratos, rizomas), da linguística (o enunciado) e de territórios, que caracterizam relações da sociedade. O Diagrama designa um formato de enraizamento, ilustra um processo organizacional, pode ser direcionado pelas multiplicidades⁹², por isso remete obrigatoriamente ao devir, significa que, impulsiona a desconstrução de antigos valores e de novas percepções. Dignifica a constituição e desconstituição de territórios propiciam uma organização e reorganização de enraizamento de um diagrama.

A autora segue por um desenvolvimento de pesquisa sobre o Diagrama sendo uma maneira de inventar uma forma do processo, e de criar a forma da arquitetura. Por este viés, é norteado por uma base gerativa de um projeto, sua base formal conceitual é anterior à organização funcional do edifício. (IZAR, 2015).

Através de um sistema de modulação é possível customizar um desenho, uma planta, como num processo rizomático. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. ” (GUATARRI, DELEUZE, 2014).

⁹² Termos utilizado por Deleuze que significa singularidades.

Assim, compatibilizamos a organização de grupos e coletivos com a teoria de Deleuze sobre a leitura do Diagrama. A maneira de desenvolver a metodologia do Diagrama dá maior significado às relações, afetos, diversidade, cognição e desterritorialização. A investigação partindo de uma aproximação com esses elementos reinterpreta a maneira de realização de projeto do arquiteto, de ver e ler a cidade.

Como citado por Izar (2015), o modelo de compreensão do diagrama associado à interpretação coletiva, são práticas antigas. É o caso dos Quipos peruanos, aproximadamente século XVI, criados pela sociedade Inca. Caracteriza-se como diagramas que criam uma linguagem própria e possibilitam apenas a interpretação de um grupo, como um recurso de defesa interna e tinham importante papel na contabilidade:

Os Quipos foram o principal sistema de registro de informações do governo Inca. Nas cordas com nó que as formam, as informações contábeis foram registradas. As cores, nós e distâncias entre eles permitiram distinguir o tipo de objeto ou as características da população que foi registrada.

As cores das cordas e as estruturas dos fios e nós contêm as informações sobre a identidade das quais foram contabilizados e registrados. Era possível distinguir se se tratava de população, homens ou mulheres, tipo de trabalho ou produção. Os certos Quipos grandes parecem ter informações registradas das comunidades durante um certo período de tempo como um calendário. (Museu Arqueológico Rafael Larco Herrera, visita realizada 30 de julho de 2017)⁹³.

⁹³ Tradução Nossa - *Los quipos fueron el principal sistema de registro de información de la administración Inca. Em los cordeles anudados que los forman se registraba información contable. Los colores, nudos y distancias entre ellos permitían distinguir el tipo de objeto o las características de la población que se registraba. Los colores de los cordeles y las estructuras de los hilos y nudos contienen la información sobre la indentidad delo que era contabilizado y registrado. Era posible distinguir si se trataba de poblacion, de hombers, o mujeres, de tipo de trabajo o producción. Certos quipus de gran tamaño parecen haber registrado información de comunidades a lo largo de un certo lapso de tiempo a manera de calendario.*

Quipos, 2017, foto: Carolina Nery - 58

Quipos, 2017, foto: Carolina Nery - 57

O termo e o uso do Diagrama tanto na matemática quanto no processo organizacional de empresas remete-se a uma leitura diferente da conceptualização desenvolvida por Gilles Deleuze. Deleuze trata do Diagrama como sendo o conceito do interior das formas e das relações, uma co-extensiva a todo campo social, remete-se ao comportamento, às relações, à interação.

O Diagrama assim contextualizado apresenta-se de maneira diferente a qual o arquiteto está habituado a desenvolver tecnicamente; não mais se utilizando do diagrama como um levantamento técnico, mas como um método organizacional de multiplicidades, singularidades, hecidades, devires, de maneira rizomática, constituindo territórios e graus de desterritorialização⁹⁴.

4.1. Diagramas Conhecidos

O diagrama está presente no cotidiano através de representações gráficas que vão desde o sistema solar até as origens da vida, como as cadeias de DNA⁹⁵. Tem a função de simplificar ideias a partir de formas e mudar a percepção como entendemos as relações; um exemplo é o Disco de Isaac Newton (1664) e o Diagrama de Rosa de Florence Nightingale (1858) que revolucionaram áreas das artes, medicina, influenciando todas as outras áreas⁹⁶.

A intersecção apresenta um ponto de vista em comum de linguagem que caracteriza um diagrama, portanto o Diagrama só poderá se concretizar se houver uma interação. Assim é possível entender a escolha de Foucault e Deleuze para corresponder o estudo de relações rizomáticas na composição do Diagrama, ambos os autores se dedicaram à relação entre indivíduos.

O desenho de Leonardo da Vinci parte do estudo do arquiteto Marcos Vitruvio Polião conhecido como Vitruvius (sec. III d.C.). Por volta de 1500, Leonardo da Vinci (1452-1519) usou o que depois passaria a ser chamado de divina proporção em suas obras de arte. Em seus estudos de anatomia, ele descobriu que o corpo humano obedece a proporção áurea⁹⁷.

⁹⁴ Ver capítulo 3, sub. intitulado da Teoria para a prática.

⁹⁵ *The Beauty of Diagrams* - transcrição de narrativa (Referência abaixo)

⁹⁶ *The Beauty of Diagrams: Vitruvian Man* (BBC Four, 2010). Direção: Steven Clarke Produção: Michael Waterhouse, 2010. Acesso em: 07 de Agosto de 2016. Também disponível com o nome em português: A beleza dos diagramas. São Paulo: TV Escola e Youtube, 07 de Agosto de 2016. Programa de TV e Internet. Marcus du Sautoy discute diagramas científicos influentes, começando com o Homem Vitruviano, o desenho anatômico icônico de Leonardo da Vinci, que segue as idéias geométricas do arquiteto romano Vitruvius.

⁹⁷ Disponível em: <http://pre.univesp.br/o-numero-de-ouro-e-a-divina-proporcao#.WuTsq24vyM8>. *Open Access*. Acessado em 28 de Abril de 2018.

O Homem Vitruviano - 59

Alguns diagramas foram idealizados com o intuito de apresentar explicações sobre trabalhos científicos, facilitando a explicação metodológica do objeto:

Em um pedaço de papel preto eu desenhei uma linha, na qual a metade apresentava um bom azul e a outra metade apresentava um bom vermelho escuro (escolhidas pelos problemas de cores). [...]. Assim, os raios azuis sofrem uma refração maior do que os vermelhos. Note que esses raios que eu chamo de azuis, vermelhos, etc. são aqueles que produzem o espectro de tais cores. O mesmo experimento pode ser tentado com uma linha de duas cores mantida contra a escuridão.

Tomei um prisma, cujo ângulo era cerca de 60° , em um quarto escuro, no qual [a luz] do Sol adentrava apenas por um pequeno furo, e o coloquei próximo ao orifício de tal maneira que os raios eram igualmente refratados nos pontos *nn* e *hh* ao entrar e sair do prisma, sendo então projetadas as cores *rstv* na parede oposta. (NEWTON, 2017, P. e4604-4)

O resultado dos estudos Isaac Newton (2017), o Disco de Newton, nos apresenta um panorama das possíveis representações gráficas de um diagrama. Para se chegar nesta equação de cores o cientista precisou desenvolver diversos diagramas para equalizá-los e adequá-los à figura final.

Desenho de Newton - 60

As cores separadas foram novamente colocadas para serem refletidas em um segundo prisma e as cores permaneceram as mesmas. Esta descoberta permitiu entender o conceito básico da natureza; que o reflexo de cores não muda as cores. As cores que são vistas no arco íris vêm da luz branca e são múltiplas⁹⁸.

Disco de Newton - 61

⁹⁸ DIAGRAMAS. **A beleza dos diagramas**. São Paulo: TV Escola e Youtube, 07 de Agosto de 2016. Programa de TV e Internet.

Em 1857 Florence Nightingale através do Diagrama da Rosa esclareceu uma importante informação que fez o governo britânico limpar os hospitais militares: os pacientes estavam adoecendo devido à falta de higiene. Florence provou através do desenho gráfico que muitas mortes poderiam ser evitadas com a higienização dos hospitais⁹⁹. (Figura abaixo)

A representação das cidades através de mapas cria uma relação de diagramação, bem como uma planta de uma casa na arquitetura.

O Diagrama é uma representação e, como vimos, ganha uma função quando se aplica à prática.

Da mesma forma que pode ser uma representação gráfica de projetos e ideias, o Diagrama cria estratégias, aponta onde é possível haver convergências, união, diferença e complementação.

Alguns exemplos como esses são importantes modelos para ilustrar a função do diagrama e sua aplicação na prática.

⁹⁹ DIAGRAMAS. **A beleza dos diagramas**. São Paulo: TV Escola e Youtube, 07 de Agosto de 2016. Programa de TV e Internet.

Esta página irá receber uma imagem em A3 colorida

Diagrama da Rosa, figura 62

As intervenções artísticas realizadas dentro do espaço urbano no contexto devem ter uma ação de caráter político. Dentro da abordagem, procuramos algumas ações que norteiam um tipo específico de prática, estas poderão ser entendidas como ações políticas.

Diagrama como Máquina de Guerra

Diagrama 2, representação gráfica da organização metodológica - 64

Diagrama analítico do desenvolvimento da pesquisa

*Aplicação da metodologia como
Arctectura*

Diagrama 3, representação gráfica da organização metodológica - 65

4.3. Diagrama como Máquina de Guerra

Através da organização social desenvolvida pelo Diagrama para a realização de projetos, foram apontadas as relações como sendo prioridade na análise do objeto.

Entendemos que a possibilidade de se criar uma abordagem rizomática¹⁰¹ é parte da teoria Deleuziana, bem como se explicaria através do enunciado como diferentes possibilidades de composição ou de Platôs¹⁰². Entretanto, o que nossa investigação nos sinalizou foi que a teoria de Deleuze perpassa pela matemática e reorganiza os mesmos algoritmos com o intuito de se criar diversos resultados.

O simples fato de Deleuze reestabelecer conexões que são intuitivas ao leitor já possibilita uma concepção sobre como era por ele entendido o Diagrama. A linguagem do Diagrama apresentado é um esquema gráfico de representação que se alude a Deleuze, deve-se analisa-lo dentro do contexto de sua teoria. A filosofia do autor é pautada nas relações sociais e admite convenções nada tradicionais.

O leitor é autônomo, Deleuze cria bases de entendimento, porém democratiza as escolhas. Essas escolhas são parte do universo de compreensão do leitor, pode haver uma variação na leitura e alterar o resultado. Chamamos de democrática a abordagem porque dá a possibilidade de escolha, escolha que é realizada através das diferentes subjetividades: individual se se refere a um leitor, coletivas se for um desenvolvimento de projeto em conjunto, pode ser modificada a partir da cultura pessoal de cada um ou de cada grupo.

¹⁰¹ O rizoma é citado no livro Mil Platôs nº1, o autor explica que o rizoma é uma raiz que não se define como as outras, através da função rizomática são possíveis criar diversas interligações, justaposições, sobreposições, etc. Esta teoria de organização livre de predeterminação é pensada de diversas maneiras por Deleuze, ele compara o entendimento da organização social mais como um processo democrático do que um estrato pré-determinado, como nota-se no processo evolutivo na natureza.

¹⁰² Teoria de Deleuze e Guatarri que compõe a coleção de cinco livros nomeados: Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia. O desenvolvimento da ideia de platôs caracteriza a organização de camadas quais não importa a ordem na composição, assim é possível ler qualquer um dos livros sem que estejam na ordem numérica.

Aplicação da metodologia como Arctectura

Diagrama 4, representação gráfica da organização metodológica - 66

O professor Manuel de Landa (2000) escreveu¹⁰³: Há várias diferenças entre essas abordagens entre as questões sobre o diagrama e aquela defendida por Deleuze, o menos importante é que, para Deleuze, diagramas não têm nenhuma conexão intrínseca com representação visual.¹⁰⁴

De Landa (2000) traz em seu artigo uma reflexão sobre o seu entendimento a partir de uma visão de Deleuze. Ele explica que é possível se conectar não somente através de robôs e humanos, por qualquer material que produza energia como moléculas. De Landa (2000) nos faz observar que a filosofia de Deleuze nos remete além da reflexão da natureza da existência, mas se aprofunda na gênese da forma. O que nos mostra que o processo é mais importante do que o resultado, as composições partem de elementos semelhantes em biologia, mas se modificam à medida que se recompõem. Como é característica da teoria do filósofo, toda comparação à natureza das coisas é interpretada e levada para um panorama que retrata a sociedade.

O Professor nos faz compreender que apesar do diagrama ser uma representação de uma ideia, o Diagrama de Deleuze não possui uma real conexão com a representação visual.

¹⁰³ Artigo “Deleuze, Diagrams and the Genesis of Form.

¹⁰⁴ Tradução nossa: *There are several differences between these approaches to the questions of diagrams and the one advocated by Deleuze, the least important of which is that for Deleuze, diagrams have no intrinsic connection with visual representation*

Ele descreve o processo energético molecular que transforma e Atualiza as formas de acordo com o Tema não por uma substância, ou função, ou forma, por isso relaciona-se com um modelo diagramático. Apesar de parecer abstrato isso explica muito da relação molecular de agrupamento, de depender de outros corpos externos que não se classificam em um determinado modelo. O livro o qual o professor se baseia é *Diferença e Repetição* de Gilles Deleuze publicado em 1968.

O que Deleuze (1968) vem a explicar, elucidado por De Landa é que se mudarmos a maneira como entendemos a relação das moléculas, não como com um início e um fim, mas como um processo virtual, se tornaria atual.

A diferença entre o virtual e o real por outro lado é que não há necessidade de agrupamento ou relações, voltando nossas atenções para o que é a estrutura inicial, porque emerge da mesma tipológica estrutura. Isso torna a probabilidade, a atualização e a diferenciação mais importantes do que o resultado. (DE LANDA, p. 35: 2000).

De Landa (2000) explica que Deleuze deixa claro o significado entre Diferença e Diversidade, sendo a diversidade um fenômeno que nos é dado. A Diferença é algo que pode ser explicado pelo pensamento Kantiano de *Noumenon*, que seria o oposto do fenômeno porque é explicado pela intuição intelectual não pela intuição dos sentidos¹⁰⁵. A partir disso identificamos a Diferença explicada como diferenças de níveis, temperatura, pressão, tensão, potencial, intensidade. Ou seja, a ideia de Diversidade explicada através da morfogenética trata das relações sociais como uma cadeia, a formação a partir de combinações genéticas, que podem sofrer uma dramática alteração a menos que estejam consolidados juntos.

Explica-se também desta maneira a formação de classes sociais, chamado de Social Strata, no qual a sociedade possui uma variedade de diferenciação na formação, entretanto nem todos tem o mesmo acesso, acesso que envolve controle de fonte energética e pesquisa de materiais. Comparamos a segregação das diferentes classes sociais:

Explica-se a formação do Diagrama: uma composição de elementos heterogêneos é colocada junta através de uma articulação de superposições, o que significa interconexões de diversas sobreposições desses elementos. Um exemplo dado é o

¹⁰⁵ *Noumena in a positive sense are simply noumena as Kant originally defined that notion in the A edition: objects of an intellectual (non-sensible) intuition. The negative concept of noumena, however, is simply the concept of objects that are not spatiotemporal (not objects of our sensible intuition, namely space and time). But then it follows that things in themselves are noumena in the negative sense, retrospectively clarifying the passage from the A edition quoted immediately above, where Kant seems to draw from the "Transcendental Aesthetic" the conclusion that there are noumena: the concept of appearance requires that something appears, and this must be a negative noumena.*

(Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/kant-transcendental-idealism/#PhenNoum>. Acessado em 09 de Setembro de 2017).

diagrama em geologia, biologia e sociologia. O que seria o ecossistema. Explica-se a sedimentação do magma que naturalmente se liga a cristais heterogêneos entre líquidos e sólidos, formando diferentes resultados de elementos reestruturados de durezas e aspectos variados, criando malhas diversificadas (DELEUZE, 2006, p.39).

Entende-se que o que importa à máquina abstrata que pode ser formada pela sociedade, baseada nesta teoria das cadeias diagramáticas, não é a imposição da forma, mas construir um rico e consistente material aproveitando a heterogeneidade. Faz-se um contraste entre estruturas estratificadas e diagramadas, criando uma estrutura auto-organizacional para a participação na formação do projeto a ser desenvolvido. De acordo com De Landa (2000), Deleuze constrói um pensamento para soluções de possíveis problemas sociais que podem ser pensados de maneira diagramática.

Após entender a problemática analisada buscamos outras obras de Gilles Deleuze para melhor compreensão do que por ele é classificado como Diagrama. No livro *The Logic of Sensation*, o autor analisa o Diagrama através de pinturas de Francis Bacon (1909 -1992), a construção que o faz analisar a arte como diferenciada é o fato de não ser realista, ser figurativa: conjunto de combinações de traços e cores. Deleuze destaca sobre o Diagrama da pintura de Van Gogh; “[...] o que se destaca são os conjuntos de hachuras retas e curvas que nascem e morrem no chão, a torção das árvores, que faz o céu palpitar, isso assume particular intensidade”. (DELEUZE 2003, p.102). Caracteriza o Diagrama como caos, catástrofe, de maneira positiva, é como um germe de ordem e ritmo finaliza a preparação do trabalho e se inicia com a ação de pintar. Não é uma experiência psicológica, pode ter uma imensa influência na vida psíquica do pintor.

Partindo desta explicação, compreendemos que o Diagrama de Deleuze estende-se a uma análise pautada em psicologia e relações.

A filosofia de Gilles Deleuze percorre de maneira quase uníssona um caminho que mantém o leitor atualizado, através da percepção como uma apreensão cabível a todos¹⁰⁶. Apresenta uma realidade de distanciamentos das pessoas que estão muito mais ligadas aos objetos de consumo do que conectadas entre si. Nota-se também uma clara tentativa de aproximação da prática com a realidade. Ele quer que seus livros sejam lidos por pessoas

¹⁰⁶ A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, filmada nos anos 1988-1989. Como diz Deleuze, em sua primeira intervenção, o acordo era de que o filme só seria apresentado após sua morte. O filme acabou sendo apresentado, entretanto, com o assentimento de Deleuze, entre novembro de 1994 e maio de 1995, no canal (franco-alemão) de TV Arte.

simples, que se identifiquem com sua escrita. Associamos estas escolhas de Deleuze à sua própria prática, já que passou a vida se dedicando a alunos de diversos *backgrounds*, diferentes culturas.

Nos parece que existe duas vertentes inseparáveis que dá maior entendimento ao pensamento de Deleuze; a prática da sala de aula, como um processo pedagógico e a política como prática social.

No livro *A Arqueologia do Saber* (Foucault, 2005) é traçado o percurso para entender o Diagrama de Foucault que posteriormente inspira Deleuze a desenvolver sua teoria: o novo arquivista se desvincula de preposições e frases para dar espaço somente aos enunciados. “[...] negligencia a hierarquia vertical das preposições, que se dispõem uma sobre as outras, e também da lateralidade das frases, onde cada uma parece responder a outra.” (Deleuze, 2005, p. 13). O Enunciado é apresentado como uma maneira de desconstruir o modo convencional para dar lugar a uma nova percepção. A compreensão do antigo arquivista dará espaço para um novo pensamento:

[...] as comparações entre enunciados se referem a uma diagonal móvel que permite, neste espaço, confrontar diretamente um mesmo conjunto em níveis sem levar em conta outros que, no entanto, fazem parte dele (e que suporiam uma outra diagonal). É o espaço rarefeito que permite esses movimentos, esses transportes, essas dimensões e recortes inusitados. (DELEUZE, 2005, p. 15)

O desenho que imaginamos de liberdade dentro desta geometria de interposição sugere que o novo arquivista dê a chance de nos fazer refletir sobre o enunciado e não nos trazer de prontidão dados que poderão ser discutidos. Assemelha-se à interpretação sobre a biologia que foi feita por De Landa (2000): pensar em termos de população, não no indivíduo; em termos de diferença de intensidade (termodinâmica e entrópica) e em tipologia¹⁰⁷. Deleuze (2005) analisa outra possibilidade de desconstrução para reconstruir, desta vez dentro da linguística, com o uso da força do discurso, como uma prática revolucionária¹⁰⁸. Todas estas referências dão base para compreender o Diagrama.

Deleuze (2005) não vê na leitura de Foucault nenhuma razão para manter a ordem com que somos forçados a repetir palavras e preposições de maneira que se volta ao aprendizado na escola e explica como Foucault se relaciona com o enunciado, mas como se dá na formação de

¹⁰⁷ Tratamos deste assunto no capítulo 6, no subcapítulo: O interior do Diagrama.

¹⁰⁸ Deleuze, p.24: 2005

Os Corpus sendo uma função de frequência ou de constante linguísticas, independente da preocupação de classificar a qualidade de quem o opera.

4.4. Diagrama de Deleuze

O Professor Doutor Georges Teyssot (2012), Arquiteto e pesquisador explica sobre o desenvolvimento do Diagrama por Deleuze são práticas baseadas em um programa customizável, capaz de produzir modalidades de mudança de uma tipologia estrutural motivada pela *performance*.

O professor Doutor Manuel de Landa (2000) que propõe três pontos: pensar em termos de população, não no indivíduo, em termos de diferença de intensidade (termodinâmica e entrópica) e em tipologia.

Baseado na interpretação do professor Manuel De Landa (2000) utiliza-se três pontos principais como dispositivo para desenvolver ações no espaço urbano. Entre eles o panóptico¹⁰⁹ por Foucault - como vimos, uma prisão modelo utilizada como tipologia para a criação de instituições educacionais, manicômios e fábricas a fim de disciplinar o sujeito moderno. A multidão como coletivo, sociedade ou grupos. E a subjetividade como diferença de intensidade, de acordo com a lei de termodinâmica, quanto maior for a desordem de um sistema, maior será a sua entropia¹¹⁰, será o caos causado pela mudança proveniente das interações.

Entropia - 67

¹⁰⁹ Pan-óptico é um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

¹¹⁰ Revista digital dos Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/entropia/>. Open Access. Acessado em 01 de novembro de 2016.

Para definir a proposição Afeto procuramos entender a percepção da quando trata da cartografia dos afetos, Rolnik (1996). Diferentemente do mapa a cartografia é o desenho que acompanha as transformações da paisagem.

De acordo com Rolnik (1996) a afetividade está relacionada com o comportamento psicossocial, ao mesmo tempo em que existe o desmoronamento de antigos preceitos e outros paradigmas são construídos. Esses preceitos se aproximam da teoria do teórico Paulo Freire (1987) que resgata práticas cotidianas para desconstruí-las dando uma nova interpretação e significado. Nestes termos fica clara a noção de senso crítico adquirida e de descolonização de antigos hábitos, reintegrando possibilidades de se adquirir autoestima, confiança e empoderamento.

A palavra iconicidade é proveniente de ícone, na teoria semiótica de Pierce (1931-1958). Juntamente com os índices e os símbolos, forma três tipos de signos. Esta tricotomia sustenta-se na relação entre o referente, o objeto e o interpretante. Os ícones baseiam-se na existência de uma similitude com o objeto a que se referem; os índices na contiguidade ou existência de relação. Estão, portanto diretamente ligados ao objeto enquanto os símbolos estão desligados do objeto, sendo necessário estabelecer uma convenção para que possam ser interpretados, visto não existir semelhança entre o signo e o objeto. [...] Os diagramas representam o seu objeto ao estabelecer a representação através da analogia com o outro objeto. Uma ponte entre dois conceitos assenta no facto de que a ponte é uma edificação que liga duas margens separadas. (SIMÕES, 2010, p. 95)

Simões (2010) apresenta os Gráficos Existenciais de Pierce, citando o processo lógico que Leonard Euler, a intenção é apresentar um gráfico que simbolize as relações estabelecidas no raciocínio lógico.

4.4.1. O Diagrama de Foucault analisado por Deleuze

Deleuze explica o raciocínio do Diagrama¹¹¹, referindo-se às relações sociais:

[...] ao que nos fortifica quanto ao posicionamento de lados que “nos lançam uns aos outros [...] correspondendo ao diagrama de forças ou das singularidades tomadas nas relações: uma estratégia.” A estratégia atualiza-se no estrato, o diagrama no arquivo, atualizar-se significa integrar-se e diferenciar-se. (DELEUZE, 2005, p. 129)

O diagrama se funde às camadas que, apesar de se sobreporem, se reajustam de acordo com a incidência, criando uma relação de forças.

¹¹¹ Página 129 do livro Foucault

Evidencia-se a relação do Diagrama com as estratégias, estratos e enunciados, lembrando que esses termos são interpretados de maneira diferenciada por Deleuze e Foucault, que se distanciam da maneira convencional.

Depois de explicar o que pode representar sobre o *speech act*, tal como: juramento, prece, contrato, promessa e demonstração, Foucault afirma que seria difícil manter uma fórmula única porque depende de uma justaposição, constituindo um conjunto de Enunciados e de atos elocutórios. Entendendo o ato da fala, o autor explica o enunciado, que vai além do *Speech Act* porque não incorpora à gramática, à lógica ou à análise, e é possível encontrar enunciado sem estrutura proposicional legítima. Fato que demonstra a versatilidade do uso do enunciado, o que pode ser qualquer série de signos, figuras, de grafismos, ou de traços é o suficiente para constitui-lo. (FOUCAULT, 2008)

4.5. O Diagrama como relação de poder

O Diagrama, como organização do projeto do Panóptico, dentro de uma percepção da arquitetura, é compreendido como uma função de relações de forças que constituem o poder. A partir da representação, o panóptico vai muito além de uma força física, estabelece uma maneira de fazer funcionar relações de poder: “[...] É um mapa de intensidade, densidade, procede a ligações primárias não localizáveis que passa por todas as relações, ponto a ponto como a máquina abstrata porque se destaca de qualquer uso específico”. (Deleuze: 2007, p.46).

Uma apresentação do Diagrama que ilustra esse contexto é o conteúdo do site *Skyscraperpage*. No website é possível ver as relações de poder das empresas, de acordo com a grandiosidade da arquitetura nas cidades. Compreendemos a relação espacial, como escala urbana que defini, delinea, recorta e estabelece estas relações.

Diagrama de edifícios no mundo, classificados por altura, cidade, país e usos, figura 68

Edifícios na cidade de São Paulo, classificados por altura e usos -69

O diagrama ilustrado apresenta uma realidade que só poderia ser analisada nesse contexto. Descreve uma compreensão sobre relações de poder na cidade, criando um critério de leitura. A arquitetura se encarrega em criar uma disputa entre países que se evidencia no mapa da cartografia urbana ao mesmo tempo em que cria símbolos e movimenta o turismo.

No discurso: como citado, o enunciado, é parte da adequação de justaposição, sobreposição e recortes imprevisíveis, ou seja, uma relação diagramática, de relações da fala. Esse exemplo refere-se ao exercício da fala, da linguística na articulação das relações sociais, a uma realidade visível. Um diagrama é classificado como abstrato à medida que se abstrai do

que é entendido de maneira convencional. Como o estrato criado pelo poder dentro de um sistema governamental ganha força, ele pode se comportar de uma determinada maneira por um grupo. Ex:

Exemplo de estratégia

Diagrama 5, representação gráfica da organização metodológica - 70

Deleuze trata do estrato como sendo uma organização passível de ser lida, como no exemplo de como é organizado o poder judiciário:

ESTRUTURA DO PODER JUDICIÁRIO*

Diagrama 6, estrutura do Poder Judiciário - 71

Sabendo como o Estado é organizado é possível entendê-lo e assim possibilitar a criação de uma estratégia para se defender das injustiças sociais pelo poder imposto, se for o caso.

A criação da estratégia deve ser compreendida através da organização do Diagrama que deverá conter informações de organização estratégica. Entretanto deverá possuir a característica de uma máquina abstrata, ou seja, que seja possível entender o desenvolvimento da forma de desestratificá-la possibilitando a integração de um diagrama que só é entendido pelo coletivo, sem o conceito de estratos já delineado pelo Estado. Deleuze e Guatarri referem-se a construção desta estratégia, como foi visto no capítulo 1 subcapítulo 1.2.

Axioma II: A máquina de guerra é a invenção dos nômades (por ser exterior ao aparelho de Estado e distinta da instituição militar). A esse título, a máquina de guerra nômade tem três aspectos: um aspecto espacial-geográfico, um aspecto aritmético ou algébrico, um aspecto afectivo. (DELEUZE, GUATARRI, 2012, p.53).

Quando os autores apontam que existe uma relação entre estratégias, estratos e enunciados. Nota-se que a estratégia é a articulação da ideia a ser desenvolvida, tal como: focar no tema, organizar coletivos e o território que se dará. O desenho gráfico do diagrama seria a aplicação esquemática desta estratégia. O estrato seria a formação pré-concebida a qual estudamos para criar a estratégia, por fim o enunciado seria o ato da fala sem uma modulação pré-estipulada, construída através da participação. É a constituição da formação pensada do coletivo para reivindicar seus direitos, ou como estamos falando de não estratificar, seria uma maneira de organizar com eficácia um grupo que poderá atuar politicamente de diversas maneiras.

Se tratando da máquina de guerra nômade¹¹², o que sugere ser um exemplo do Diagrama, só é passível de ser lido por aqueles que estão nele envolvido. Devemos acrescentar que se destina a uma região determinada e bem recortada a qual se destinará o projeto (espacial geográfico). No aspecto matemático da organização, devemos determinar com o grupo, quantas e quais pessoas estarão envolvidas, entender os multiplicadores, como irão se dividir e definir funções (aspecto aritmético). Atender a uma expectativa do coletivo, apresentando o porquê da criação da organização estratégica, o que atinge a todos os integrantes dentro da perspectiva do

¹¹² Quando trata-se da nomenclatura máquina de guerra não se designa como guerra convencional, porém como uma maneira de se manifestar.

grupo, assim é criado um objetivo em comum, que define a importância da ação (aspecto afetivo). Veremos uma possível aplicação à prática no capítulo 5.

Os nômades não se deixam estratificar, porque não possuem permanência, não seguem as regras do sistema e não obedecem ao Estado, apenas ao que foi determinado pelo grupo. O exemplo citado por Deleuze são os Mongóis que organizados, invadiram as muralhas da China e conseguiram desestruturar um Estado autoritário e segregador. A história sempre enalteceu o Estado, entretanto o heroísmo do povo nômade é o fator predominante e que nunca é citado:

Os nômades inventaram uma máquina de guerra contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo, nunca o livro compreendeu o fora. Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o logos, o filósofo-rei, a transcendência da ideia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. (DELEUZE, GUATTARI, 2014, p. 47 e 48).

Por conseguinte, a relevância do Diagrama de Deleuze pode ser expressa de diversas maneiras. Neste caso nos aproximamos da política que é, de acordo com a análise realizada, o objetivo mais claro de Deleuze. Deve ser pensado como uma organização social democrática que tem como intenção desestruturar um estado. Ou seja, entender como o poder opressor, que é uma forma previamente pensada de organização, poderá ser desestruturado se houver uma criação de uma máquina abstrata da sociedade.

4.6. O Discurso e o Diagrama

Procuramos entender como se dá o Diagrama nesse contexto de relações discursivas, o Enunciado e chamado por Foucault de Espaço Complementar.

O discurso é entendido como sendo um meio de práticas revolucionárias capazes de exprimir mutações. Para existir uma linguagem a ser entendida em diferentes níveis é necessário que haja um determinado Enunciado:

[...] a fala e o texto, um conjunto de preposições. Dessa forma compreendemos que o Enunciado é relacional em sua essência, podemos dizer que é uma união de signos. Trata-se de uma descrição de diferentes posições que o indivíduo pode ocupar e não de encontrar a origem do autor. (DELEUZE, 2005, p. 24 e 25).

Verificamos que é uma forma de transpor diferentes níveis e justapô-los, como em um jogo que só se entende à medida que se produz. Quando se trata da fala e da escrita, o enunciado se aproxima da desconstrução do autor.

A relação da linguística é utilizada para designar e aproximar ao conceito diagramático, nesse caso, a relação complementa-se a um tratado que constitui a exposição das relações de forças do poder.

Para tanto o Diagrama só existe se se atualiza; a medida que se dissocia ou desdobra, se diverge ou se diferencia criando dualidades, na forma de expressão e na forma de conteúdo, na forma discursiva e não discursiva, da forma do visível e forma do enunciável. Nesta disjunção das formas é que se situa o lugar e o não lugar. (DELEUZE, 2005, p. 46 e 47).

A desconstrução de antigos hábitos e padrões proporciona um questionamento sobre o espaço como desenho urbano pré-concebido, para um determinado uso. Contrastando com o espaço desejado, sofre interferência do coletivo como uma alternativa. Na prática, pode funcionar como uma reapropriação de lugares, seja fisicamente, seja na busca de elementos, seja no modo organizacional.

A teoria vincula-se ao conhecimento numa Práxis aplicada ao cotidiano, fazendo com que a ação realizada pela alteridade seja um instrumento de interação com os espaços urbanos. São práticas coletivas que têm caráter político-social, culminando numa posição crítica através de ações.

A possibilidade de desenvolvimento da teoria baseada nesse pensamento reorganiza o modo de entender a cidade como corpo político, pensante, passível de opinar sobre valores próprios.

Marc Augé (2014) traz para a contemporaneidade o discurso sobre as relações entre a sociedade e o espaço, se refere ao deslocamento. Entende-se o espaço urbano como abrigo coletivo, espaço multiuso, que é desenhado para ter uma finalidade. Passível de ser remodelado, alterado, de sofrer interferências do autor, caracterizando uma identidade própria, dando uma reinterpretação aos significados.

A cidade contemporânea pode ser considerada como uma consolidação do desenho urbano, de acordo com a história datada de cada lugar que pode ter sido modificada ou não. Entende-se o coletivo, a sociedade como o autor dos espaços, reinserindo constantemente uma nova cultura e novos hábitos.

Na arquitetura, constroem-se espaços físicos, já o que seria a Arctectura pode-se construir de diversas maneiras desde que tenha como base o Diagrama de Deleuze. O técnico

instrutor, não mais autor responsável pela autoria, delegaria a tarefa de organizar o projeto ao grupo, a narrativa deve ser realizada pelo coletivo.

A construção teórica de Deleuze promove uma reflexão sobre as diferenças e o coletivismo a partir da subjetividade. Nessa construção transponível é possível realizar diferentes conexões que serão definidas de acordo com o grupo que será feita a interação.

Nesses termos de liberdade de conceito de organização e reorganização, o autor cita as diferenciações com o aparecimento de duplicidades, bem como o público e o privado: o público como sendo expressivo, discursivo, visível em oposição ao privado como sendo de conteúdo, não discursivo e anunciável, um representaria o Lugar e o outro o Não Lugar.

Atendemos a prioridade em manter as inovações em uso no cotidiano, porém com uma preocupação direcionada ao público, ao usuário do espaço. Dessa forma, é permitido maior acesso às reais necessidades desses grupos tais como o espaço, o entorno e, as relações.

Cap. 5. Levantamento apartir do Diagrama de Deleuze

Como vimos, a Máquina de Guerra Nômade tem três aspectos: um aspecto espacial-geográfico, um aspecto aritmético ou algébrico, um aspecto afetivo. (DELEUZE, GUATARRI, 2012).

Cartografia Macroeopolítica no Brasil - uma desconstrução do mapa para uma reconstrução cartográfica

Vemos que a cartografia atualizada, considerando as relações, facilita a compreensão sobre o levantamento local. Partiremos de uma visão ampla do mapa do Brasil para contextualizar o recorte até atingir a cidade de Jundiaí, cidade escolhida para a realização da arte *performance*.

Baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE foi realizado o levantamento sobre o acesso à Internet, à televisão, e posse de telefone móvel. Verificou-se que os cidadãos votantes consultam a mídia para pautar suas decisões (2014)¹¹³.

¹¹³ Dados colhidos no site do IBGE. *Open Access*. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/pnad/pnadtic.asp>. Acessado em 26 de outubro de 2016.

As informações fornecidas pelos órgãos responsáveis pelos levantamentos de dados encontram-se demasiadamente atrasadas em relação a atualidade. No Brasil, o levantamento aproximado em números da população, de acordo com informações obtidas no dia 26 de outubro de 2016, às 11h 32min 34 segundos é de aproximadamente de 210 391 361 ¹¹⁴.

¹¹⁴ Dados colhidos no site do Countrymeters, Brazil Population clock. *Open Access*. Disponível em: <http://countrymeters.info/en/Brazil>. *Open Access*. Acessado em 26 de outubro de 2016.

9

Frequências

Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Mil pessoas)

Nível Territorial = Grande Região

Grupo de idade = Total

Sexo = Total

Ano = 2014

Faixa	De	Até	Frequência	%
	13.087	14.188	1	20.0000
	14.189	25.492	1	20.0000
	25.493	47.858	1	20.0000
	47.859	74.606	1	20.0000
	74.607	74.607	1	20.0000
/////	Ausência de dados, (-) ou valor desidentificado		0	0.00

Mapa de Densidade Demográfica, figura 72

Tabela de Conteúdo

--

5.1. Cartografia Micro geopolítica da Cidade de Jundiaí

A cidade Jundiaí localizada no estado de São Paulo a 47.52 km da cidade de São Paulo, foi utilizada para ilustrar um modelo de sociedade de controle. Devemos elucidar que esse modelo se aplica a outras cidades.

A vida urbana segue sua rotina: as divisões de classes, segregações e espaços de compartilhamento através da cartografia do poder. Para ilustrar exemplificaremos com dados sobre a cidade de Jundiaí com 354,204 habitantes (de acordo com o último senso de 2010).

Sobre o Censo de 2010, último divulgado pelo Instituto no ano de 2016, a cidade de Jundiaí apresenta-se como um índice menor de pobreza comparado com as cidades de São Paulo e Campinas.

Como, por um levantamento desatualizado da situação econômica atual seria impossível acessar a realidade para entendê-la, nos deparamos com a falta da informação em sites de levantamento sócio econômico da prefeitura.

Outro dado que constata essa observação é como se encontra o centro e arredores. Nos centros comerciais existe a adequação de um desenvolvimento urbano muito semelhante à cidade de São Paulo, porém em uma escala menor: moradores de rua, pedintes e regiões de favelas com alto índice de pobreza. O planejamento urbano sofreu uma Invasão do comércio, fachadas foram modificadas a fim de receber lojas de departamentos, letreiros, propaganda, além da poluição auditiva de diversas lojas que anunciam ofertas.

É raro conseguir informações sobre os reais índices da cidade de Jundiaí, levantamento sobre área de favelas, violência, renda per capita etc. Considerando o tamanho da cidade, percebemos que os números tratam de uma macro abordagem, omitindo dados importantes de uma sociedade heterogênea. Uma análise mais aprofundada resultaria em um entendimento sobre a micropolítica, subjetividades, onde não há intenção em disponibilizar estas informações pelo Estado, para que não haja questionamento.

Através do contato com a secretaria das finanças da cidade de Jundiaí¹¹⁵ obtivemos a informação que os dados encontrados no site online são os únicos e o último realizados, datados em 2013. Esclarecemos que é parte da complementação desta pesquisa saber sobre as informações obtidas de maneira acessível, não nos convém investigar com mais profundidade em documentos de departamentos públicos. Informações são comumente cedidas à pesquisadora de uma Universidade, o objetivo foi realizar a pesquisa a partir do que chega diariamente aos cidadãos.

¹¹⁵ Dados colhidos com o organizador das informações do site “De Olho no Dinheiro Público”.

Foram consideradas no levantamento as classes: baixa, média e alta com acesso à internet, cidadãos alfabetizados, com conhecimento do acesso à internet.

Cartografia Afetiva do centro da Cidade de Jundiaí, região central, leitura realizada através do Diagrama de Deleuze

Cartografia Afetiva do centro da Cidade de Jundiaí - 73

1 – Persuasão – Apesar de haver uma intenção de preservação de alguns edifícios do centro o que predomina é o comércio intenso. Ao caminhar pelo centro de dia é impossível perceber a arquitetura. Os espaços destinados à interação são ocupados pela pressa em aproveitar as liquidações. O panóptico físico e mental estabelece uma ordem de consumo.

Centro Comercial da Cidade de Jundiaí

Centro de Jundiaí - 74

Centro de Jundiaí - 75

2 – Apagamento – A antiga Companhia Paulista de Ferrovia tem importância inestimável para a identidade, não apenas na história de Jundiaí, mas de todo o país. Apesar da relevância nacional enquanto fator identitário, o prédio hoje se encontra em situação de abandono, tendo diversos pontos em risco de desabamento. Não é só a estrutura física que corre esse risco, como também o desaparecimento de toda uma história, da memória de muitos imigrantes que na cidade se estabeleceram.

A pesquisadora contribuiu em 2007 com a restauração de um dos edifícios do complexo. Uma investigação sobre a história e simbologia como identidade do espaço, foi realizada com a ajuda de uma equipe formada por seis estagiários.

Atualmente um dos galpões está ocupado com o Poupatempo, CELMI, sendo esta uma organização que desenvolve atividades para a terceira idade, o Museu Ferroviário e a escola técnica FATEC. A maior parte do complexo encontra-se totalmente deteriorado.

3 – Exclusão e Segregação – Áreas com poder aquisitivo maior são estruturalmente mais organizadas, limpas e com menor densidade demográfica na cidade.

Os eventos citados acima nos fazem entender a formação da cidade, cria-se um panorama de descaso e interesses que mal chegam aos ouvidos da sociedade que carrega sem perceber a culpa de uma segregação que direciona e modela as relações e o desenho urbano, esfacelando a Afetividade.

A análise realizada pelo arquiteto leva à criação de projetos que beneficiam grupos sociais em diversos aspectos, se for realizada através de uma metodologia que considere as relações. Certamente a intervenção no espaço urbano terá uma nova abordagem.

Antiga Companhia Paulista de Ferrovias, 2014, foto: Carolina Nery - 78

Antiga Companhia Paulista de Ferrovias, 2014, foto:
Carolina Nery - 77

Antiga Companhia Paulista de Ferrovias, 2014, foto:
Carolina Nery - 76

5.2. A Aritmética da Ação

O projeto destinou-se à escolha do local, à história, às prioridades da comunidade, ao entendimento sobre o entorno, em como atua o comércio, o comportamento, os fluxos e as relações em função dessas interações em meio a todos esses elementos.

A análise comporta uma revisão sobre os documentos que contam a história do local, também sobre as histórias recentes conhecidas a partir da narrativa oral dos moradores. Um levantamento sobre os fluxos e acessos, do desenvolvimento e readequação do desenho urbano. Os elementos foram formados por coautores que colaboraram para a composição da narrativa. Os transeuntes desenvolveram a ideia com a própria participação e a partir disso surgiu a intervenção.

Uma experimentação foi realizada pela pesquisadora para entender como acontece a prática desse conceito.

O intuito da *performance* foi trazer fragmentos de um “lugar” para um “não lugar”. O músico se apresentou ao lado de uma loja de saldão¹¹⁶ para um público que não está habituado a frequentar shows e concertos.

A investigação realizada a partir dos fluxos recria a cada narrativa um novo olhar. O foco é a possibilidade de autocritica realizada pelo autor e finalmente a realização da ação-performativa que é o resultado do processo.

¹¹⁶ São lojas de departamentos localizadas em galpões construídos a partir da demolição de casas do século XVII.

5.3. Processos Investigativos realizados na cidade de Jundiaí

Levantamento das áreas de fluxos para desenvolvimento do projeto:

Mapa 1 - análise de fluxos¹¹⁷

Levantamento da área de fluxos - 79

¹¹⁷ Disponível em Google Maps.

Mapa 1 - análise de fluxos¹¹⁸

Fluxograma - 80

¹¹⁸ Disponível em Google Maps.

Cartaz do evento - 81

11h a 12h – Largo da Matriz – performance “Imagine-se”, de Carolina Nery e Felipe Antunes (Marquise da Casa da Cultura)

11h45 – Largo da Matriz – espetáculo de blues com Rafael Rosa Trio (praça Pedro de Toledo)

12h30 a 13h30 – Largo da Matriz – contação de histórias de “Quatro Vezes Grimm”, do Performático Éos (Marquise da Casa da Cultura)

Esse projeto realizado pela pesquisadora teve como base a desconstrução da autoria, criando uma abordagem diferenciada, transferindo para o público a possibilidade de uma narrativa autoral com ação realizada pela comunidade:

Pesquisadora – Olá, qual seu nome?

Karla – Meu nome é Karla.

Pesquisadora – Posso perguntar por que você parou aqui?

Karla – Sim, eu me encantei com a ação, a música, todos usando tinta, não é comum ver isso aqui no centro.

Pesquisadora – Você topa ficar mais um pouco conosco?

Karla – Não posso estou correndo, preciso fazer umas compras.

Pesquisadora – E se você desistir de fazer as compras?

Karla – Não posso, infelizmente.

Pesquisadora – O que você achou da realização desta ação?

Karla – Eu estou muito feliz, mudou a forma com que eu sempre faço o mesmo percurso sem reparar no que está em volta.

A Karla se manteve por mais meia hora no local, o mesmo aconteceu com várias pessoas, umas desistiram de comprar, outras compraram e ficaram por lá, muitas crianças chamaram os pais para participarem e eles se juntaram a eles, outro fator nada comum nos dias de hoje. (Karla, bancária, entrevista concedida para esta pesquisa, 2016).

5.4. O dispositivo

O dispositivo utilizado pela pesquisadora foram caixinhas de madeira, um material que pode ser reaproveitado, tinta látex e bisnagas para a pintura. Uma exposição no centro da cidade foi montada pelos autores. As caixinhas foram penduradas com linha colorida criando a expografia das pequenas telas compondo uma exposição de artes visuais em meio ao conturbado centro comercial.

A ação de amarrar as pessoas e as artes como em uma brincadeira foi para elucidar a função do sistema especulativo em cooptar pessoas para consumirem, na ação desconstruímos a mensagem subliminar através da interação, a fim de propiciar uma reflexão sobre como escapamos e como nos deixamos atar.

Performance Imagine Se, 2016, foto: Bárbara Trevisan - 82

Performance Imagine Se, 2016, foto: Bárbara Trevisan - 83

Performance Imagine Se, 2016, foto: Bárbara Trevisan - 84

Performance Imagine Se, 2016, foto: Bárbara Trevisan figura 85

Conclusão

Desenvolver um projeto de arquitetura refere-se a contribuir para a qualidade de vida nas cidades. Repensar o espaço urbano, como sabemos, na cidade atual, é trabalhar sobre uma base consolidada, utilizando-se de critérios para desempenhar uma função que é normalmente balizada por leis que deveriam priorizar os espaços públicos. Rever estes critérios resultou uma intervenção crítica realizada pelo coletivo em um processo que traz a arte como precursor. Através de uma abordagem pautada em aspectos ligadas ao: espaço, à organização e a afetividade. Buscamos valores que reintegram a possibilidade de restaurar estes aspectos no espaço urbano. Reintegrando-os foi possível criar uma máquina de guerra possibilitando uma auto-gestão de grupos que clamam pelo direito à cidade.

Com o uso do Diagrama de Deleuze é possível estabelecer estratégias para organização social, criar metodologias, transpor diagramas comumente utilizados na arquitetura com o intuito de repensa-lo. A partir disso há um entendimento sobre a identidade e diversidade. Adquire-se conhecimento. Alteram-se dessa maneira as normas utilizadas como base de controle social, resultando em uma ação libertária.

Conhecer as diferentes subjetividades desfaz o conceito de individualismo tão desejado pelo sistema que controla e integra imposições especulativas. Dessa maneira reconstitui-se a alteridade, entendendo suas peculiaridades, compondo um corpo político que respeita suas individualidades.

O espaço urbano como abrigo coletivo, como corpo interativo, delega fluxos, entretanto esses fluxos podem ser comandados pelos Desejos, através de práticas coletivas, da troca entre afetos.

A arte, acontece a partir da releitura do espaço, a partir da desconstrução de antigos hábitos e valores. A idealização de projetos baseados no Diagrama cria modelos democráticos de redes sociais, mapeadas cartograficamente pelo coletivo. São grupos nômades, autônomos, constituem uma máquina abstrata de guerra, passível de reivindicar pelos próprios direitos, com conhecimento aprofundado sobre as razões das decisões tomadas.

O repertório teórico é formado por uma reflexão sobre o controle social por Michel Foucault, estratégias de organização social por Gilles Deleuze e Félix Guatarri. É composto de soluções de como compor o corpo político através da Afetividade, do Sensível por Jacques Ranciere. A prática profissional da pesquisadora teve fundamental importância no desenvolvimento de projetos que culminaram em uma experiência com coletivos. Fator imprescindível para a compreensão dos resultados desta pesquisa:

O jogo - a pesquisadora organizou aulas de arte no ano de 2006 a partir do conceito *site specific* priorizando o espaço do Parque como local para uma interferência do coletivo. Através de aulas técnicas e práticas com bolsistas do Parque, entre eles; moradores da comunidade Santa Inês e moradores de rua da redondeza.

Festival da Primavera - evento idealizado pela pesquisadora no ano de 2007 no bairro do Tatuapé, no antigo TPC (Teatro Popular de Comedia). Um teatro que foi construído por um morador local e fechado anos depois pela ditadura militar. Pelo fato de ter tido um contexto histórico e identitário, o evento contou com a participação da comunidade, tanto na indicação de artistas, colaboração com mão de obra no dia do evento e contribuição com a divulgação do evento.

CAOScidade - arte instalação, realizada em 2013 com o intuito de criticar a poluição visual da fiação pela cidade. Além de causar uma monotonia estética torna-se perigoso por conter uma carga elétrica muito alta. A obra contou com a interação dos moradores locais que transitavam por dentro do “túnel” que foi confeccionado com materiais recicláveis.

Imagine Se - Arte Participativa; o projeto visava deslocar o tempo e espaço através de interferências na rotina, em um local que foi constituído por um fluxo comercial abrigado por uma arquitetura readequada para o fim: lojas de departamentos e propagandas que induzem e direcionam ao consumo. Ocorrido em 2016.

O muro - arte coletiva; esse projeto foi uma *performance* coletiva, criada pelos alunos durante as aulas: Coralidades e Arquiteturas do Corpo como parte da disciplina do Prof. Dr. Marcelo Denny e do Prof. Dr. Marcos Bullhões, ocorrido em 2017. A obra questionou a atual situação da sociedade de divisão e alienação. Foi realizado um percurso pela Avenida Paulista e arredores.

Robalo - escultura que fez parte da exposição Zoourbano, exposta na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, localizado no Parque do Ibirapuera, em 2017 A escultura era um peixe robalo que está ameaçado de extinção no Rio Doce. As escamas foram feitas de vidro reciclado e personalizadas pelas crianças da comunidade de Ermelino Matarazzo.

O arquiteto/artista como interventor do espaço urbano, coletor de experiências, é um profissional importante nas transformações do espaço urbano em espaços públicos ativos e críticos, em espaço cognitivo. Por isso, nesta pesquisa, o nome dado a este tipo de intervenção é Arctectura.

Entender a dinâmica da cidade é compartilhar das experiências para redesenhar a cidade junto com quem usufrui dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy Abreu. **Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Nobel, 1984.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte Como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a Uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo, Papirus, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BENTHAM, Jeremy. **Panóptico**. Minas Gerais: Autêntica, 2008.

BORRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

COUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia v. 1**. São Paulo: editora 34, 2014.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia v. 2**. São Paulo: editora 34, 2011.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia v. 5**. São Paulo: editora 34, 2012.

_____. **Que é a Filosofia?** São Paulo: editora 34, 2010.

ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. São Paulo: Edusp, 2015.

FREIRE, Cristina (org.). **Walter Zanini, Escrituras Críticas**. São Paulo: ANNABLUME/MAC USP, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia; Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FOULCALT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da Performance, do Futurismo ao Presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATARRI, Felix. **As Três Ecologias**. São Paulo: Papirus, 2013.

_____; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografia dos Desejos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; BRAGA, Ruy; ZIZEK, Slavoj, BRITO; Felipe; PESCHANSKI; João A., SAKAMOTO; Leonardo, SECCO; Lincoln, IASI; Mauro L., DAVIS; Mike, OLIVEIRA; Pedro R., VIANA; Silvia, LIMA; Venicio A., ROLNIK; Raquel. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações Que Tomaram as Ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: Arquitetura, Monumentos e Mídia**. Rio De Janeiro: Aeroplano, 2004.

IZAR, Gabriela. **Diagramática: Descrição e Criação das Formas na Arquitetura Seriada de Peter Eisenman**. São Paulo. 348 páginas. Tese de Doutorado. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. Ano da Defesa: 2015.

LARA, Arthur Hunold. **Grafite: Arte Urbana em Movimento**. São Paulo. 130 páginas. Dissertação. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. Ano da Defesa: 1996.

LEFEBVRE, Henri. **Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

_____; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo: Viver na Era do Capitalismo Artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. São Paulo: Editora 34, 2014.

OTILIA, Arantes. **A Sobrevida da Arquitetura Moderna Segundo Jurgen Habermas**. São Paulo: Edusp, 1998.

PERLBART, Peter Pál. **Vida Capital, Ensaios de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RANCIERE, Jacques. **O ódio à Democracia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **Sobre Políticas Estéticas**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona: Bellaterra, 2005.

_____. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Nelson F. dos Santos. **A Cidade Como um Jogo de Cartas**. Rio de Janeiro: EDUSFF, 1985.

SILVA, Ataiz Souza. **O Teorema de Euler e Algumas Aplicações**. Paraíba: 40 páginas. Tese de Doutorado. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. Ano da Defesa: 2015.

Publicações Eletrônicas

ARANTES, Otilia B.F. **Os Novos Museus**. Disponível em: http://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/65/20080624_os_novos_museus.pdf. *Open Access*. Acessado em 06 de junho de 2016.

BISHOP, Claire. **Participation**. London: Whitechapel/Cambridge: MIT Press, 2006. Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/gc_pubs/?utm_source=academicworks.cuny.edu%2Fgc_pubs%2F97&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. *Open Access*. Acessado em 10 de abril de 2018.

COLIN, Sílvia. **Para Entender o Desconstrutivismo: Estruturalismo, Pós-estruturalismo e Arquitetura**. Revista eletrônica Pini: Edição 181 - Abril/2009. Open Access. Disponível em: <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/181/artigo131095-2.aspx>. *Open Access*. Acessado em 06 de junho de 2016.

BEIGUELMAN, Giselle. **O Ovo da Serpente 2.0, Esvaziamento da Esfera Pública faz Parte da Cultura das Redes de Relacionamento na Internet**. Revista eletrônica Uol, tropico. Open Access. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2979,1.shl>. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

BISHOP, Claire. **Participation**. Massachusetts: The MIT Press, 2006. Disponível em: <http://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1096> HYPERLINK "http://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1096&context=gc_pubs"& HYPERLINK "http://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1096&context=gc_pubs" context=gc_pubs". *Open Access*. Acessado em 15 de julho de 2016.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. **Uma Possível Composição do Pensamento Arquitetônico Pós-moderno**. Revista eletrônica Vitruvius, resenhas online: Ano 05, Setembro de 2006. Open Access. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.057/3131>. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

DE LANDA, Manuel. **Deleuze, Diagrams, and the Genesis of Form**. *Amerikastudien / American Studies*, vol. 45, no. 1, 2000, pp. 33–41. JSTOR, JSTOR, www.jstor.org/stable/41157534.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e a Sociedade de Consumo**. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/46/20080623_pos_modernidade.pdf. Acessado em 06 de Junho de 2016.

HABERMAS, Juergen. **Arquitetura Moderna e Pós-moderna**. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/52/20080623_arquitetura_moderna.pdf. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

KITCHIN, Rob. **Big Data, new epistemologies and paradigm shifts**. Disponível em: https://people.cs.kuleuven.be/~bettina.berendt/teaching/ViennaDH15/kitchin_2014.pdf. *Open Access*. Acessado em 15 de Junho de 2017.

M, STEEL, M. SYMES **The Privatisation of Public Space? The American Experience of Business Improvement Districts and their Relationship to Local Governance**. Faculty of the Built Environment, University of West of England, Bristol, UK. Disponível em: http://www.mmg.mpg.de/fileadmin/user_upload/Subsites/Public_Space/privations_of_public_space.pdf. *Open Access*. Acessado em 07 de Fevereiro de 2018.

NEWTON, Isaac. **Sobre as cores**. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, vol. 39, nº 4, e4604 (2017). Instituto de Química, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Universidade de Brasília - Campus Darcy Ribeiro, Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbef/v39n4/1806-1117-rbef-39-04-e4604.pdf>. *Open Access*. Acessado em 21 de Março de 2018.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **Arte Relacional e Regime Estético: a Cultura das Atividades dos Anos 1990**. Disponível em: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Revista_cientifica_5/revista5_Ricardo_Fabbrini.pdf. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

FERRAZ, Marcelo. **Numa Velha Fábrica de Tambores. SESC-Pompéia Comemora 25 Anos**. 08 de Abril de 2008. *Open Access*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>. *Open Access*. Acessado em 17 de julho de 2016.

FOULCALT, Michel. **O Que é um Autor ?**. *Bulletin de la Societé Française de Philosophie*. 63º ano, número 3, julho-setembro de 1969. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/276782/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf. *Open Access*. Acessado em 25 de Fevereiro de 2016.

NOY, Darren. **Strategizing the Right to the City: Business Improvement Districts and Homeless People**. 2010. Western Regional Advocacy Project. Disponível em: <http://wraphome.org/wraparchives/downloads/strategizingright.pdf>. *Open Access*. Acessado em 12 de Abril de 2018.

ORCIUOLI, Affonso. **O Fracasso da Arquitetura do Controle**. Revista Eletrônica Vitruvius, Arquitectos: 02 de Outubro de 2001. Open Access. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.017/834>>. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

PELBART, Peter Pál. **Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica**. <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>>. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

_____. **Anota Aí: Eu Sou Ninguém**. Revista Eletrônica Observatório da Imprensa: 23 de Julho de 2013. Open Access. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed756_anota_ai__eu_sou_ninguem/>. *Open Access*. Acessado em 15 de julho de 2016.

SANTOS, Leandro. **Abandono do Centro Histórico de São Luís é discutido durante evento**. São Luís do Maranhão: 2016. Disponível em: <http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/06/26/abandono-do-centro-historico-de-sao-luis-e-discutido-durante-evento.shtml>. Open Access. Acessado em 25 de abril de 2018.

SANTOS, Milton. **O Espaço da Cidadania e Outras Reflexões**. Organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3). Disponível em: <<http://www.fundacaoulysses.org.br/uploads/acervos/15/pdf/1440003461-1398280172-vol-03-milton-santos.pdf>>. *Open Access*. Acessado em 06 de Julho de 2016.

SIMÕES, Paulo Jorge Alcobia. **DIDÁTICAS DE METODOLOGIAS PARA A FACILIDADE DE USO**. Design de diagramas e sua representação visual, 2011, 291 páginas. Doutorado. Doutoramento em Belas Artes (Especialidade em Design de Comunicação), Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011.

TRIGO, Luciano. **O Fim da Arte Segundo Arthur Danto**. Revista eletrônica Globo, Máquina de escrever: 14 de Dezembro de 2007. Open Access. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2007/12/14/o-fim-da-arte-segundo-arthur-danto/>>. *Open Access*. Acessado em 06 de Junho de 2016.

WEBSITES

ALBERTO, Rafael. Notas sobre o saber projetar. Revista Vitruvius em: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/843>. Open Access. Acessado em 09 de maio de 2018.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTOS HUMANOS GLOBAIS. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais> HYPERLINK "http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais" & HYPERLINK "http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais"li=li_RDHGlobais>. Acessado em 06 de Junho de 2016.

RÁDIO USP. Programa diversidade em ciência – 07 e 12/03/2016. Disponível em:<http://www.radio.usp.br/?page_id=7562>. Acessado em 06 de Junho de 2016.

ARQUIVOS DE LINA BO. O Estado de S.Paulo 14/02/2013. Disponível em: <http://www.institutobardi.com.br/noticia.asp?Noticia_Codigo=5&Idioma=pt>. Acessado em 17 de julho de 2016.

Revista Digital AU. *Open Access*. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/187/exercicio-profissional-como-apresentar-o-projeto-153337-1.aspx>. Acessado em 01 de Dezembro de 2016.

Website Logística Avançada. *Open Access*. Disponível em: <https://www.logisticaavancada.com/>. Acessado em 01 de Dezembro de 2016.

Jornal Folha ilustrada.. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1766271-guerra-fome-e-perseguiacao-aumentam-o-numero-de-imigrantes-no-pais.shtml> *Open Access* Acessado em 05 de Novembro de 2016.

Daniel McCallum - O nascimento do organograma. Disponível em: <https://www.borelliacademy.com.br/artigo/daniel-mccallum-organograma>. *Open Access*. Acessado em 12 de Novembro de 2017.

Jornal digital Jornalistas Livres. *Open Access*. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2016/05/secundaristas-sao-arrastados-pela-tropa-de-choque-de-dentro-de-escola-ocupada/>. Acessado em 01 de Novembro de 2016.

Archidaily:<http://www.archdaily.com.br/br/01-129479/inside-out-project-retratos-em-espacos-publicos-que-expressam-a-identidade-das-comunidades>. Acessado em 01 de Novembro de 2016.

Tania Bruguera: <http://www.taniabruguera.com/cms/486-0-Immigrant+Movement+International.htm> Acessado em 05 de Novembro de 2016.
<http://www.tate.org.uk/context-comment/video/tanks-tania-bruguera>

Exposição do Centro Cultural da Caixa em:

<http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Releases/Noticia.aspx?releID=1137>. *Open Access*. Acessado em 03 de Novembro de 2016

Airsoft: <http://www.casadotiro.com.br/novidades-ver/o-que-e-airsoft/26/>. *Open Access*. Acessado em 13 de Junho de 2018

Urbancincy. <http://www.urbancincy.com/2010/02/shepard-fairey-debuts-exclusive-cincinnati-works-tonight/>. *Open Access*. Acessado em 21 de abril de 2018.

Revista Brasileiros. <http://brasileiros.com.br/2017/02/arte-contradonald-trump/>. *Open Access*. Acessado em 26 de Fevereiro de 2016.

Instituto Bardi. Manifestação do Instituto Lina Bo e PM Bardi sobre o vão livre do MASP. <http://www.institutobardi.com.br/noticia.asp?d=14>. *Open Access*. Acessado em 02 de Março de 2017.

Revista Carta Capital: <https://www.cartacapital.com.br/revista/953/no-brasil-o-odio-aos-imigrantes>. *Open Access*. Acessado em 19 de Abril de 2018.

Revista Digital Serrote: A arquitetura dos Intervalos

<https://www.revistaserrote.com.br/2013/12/a-arquitetura-dos-intervalos-por-francesco-perrotta-bosch/>. *Open Access*. Acessado em 26 de abril de 2018.

Jornal online Estadão: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-anuncia-programa-de-grafite-no-baixo-augusta-apos-apagar-murais-da-23-de-maio,70001642437>. *Open Access*. Acessado em 25 de Agosto de 2017.

Alexandre Orion: <http://www.alexandrorion.com/1814157-ossario> *Open Access*. Acessado em 02 de Março de 2017.

O Globo. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>. *Open Access*. Acessado em 02 de Março de 2017.

MCA. <https://www.mca.com.au/artists-and-works/c3west/michel-tuffery/#galleryModal>. *Open Access*. Acessado em 01 de Março de 2017.

Jornal Digital da Folha: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1779293-assembleia-aprova-projeto-de-alckmin-para-privatizar-25-parques-no-estado.shtml>. *Open Access*. Acessado em 27 de Fevereiro de 2016.

EMBAP: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/IX_Forum_de_Pesquisa_em_Arte/Anais/010_Caroline_Staut_Schoeder.pdf. *Open Access*. Acessado em 27 de Fevereiro de 2016.

Revista EMPAB:

http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/IX_Forum_de_Pesquisa_em_Arte/Anais/010_Caroline_Staut_Schoeder.pdf. *Open Access*. Acessado em 27 de Fevereiro de 2016.

Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Disponível em:

<http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/exp/atuais/masterpager.asp>. *Open Access*. Acessado em 23 de julho de 2016.

Revista do Instituto Unisino:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3247&secao=331. *Open Access*. Acessado em 23 de julho de 2016.

Dossiê dos Comitês Populares da Copa. Disponível em: <http://consciencia.net/pelo-menos-170-mil-pessoas-estao-ameacadas-por-obras-da-copa-do-mundo-aponta-relatorio/>. *Open Access*. Acessado em 28 de outubro de 2016.

Revista Eletrônica Rio On Watch. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=18176>. *Open Access*. Acessado em 01 de novembro de 2016.

Revista Eletrônica Unesp: <http://pre.univesp.br/o-numero-de-ouro-e-a-divina-proporcao#.WuTsq24vyM8>. *Open Access*. Acessado em 28 de Abril de 2018.

Revista Digital do Departamento de Matemática da Universidade Beira Interior. *Open Access*. Disponível em: <http://www.mat.ubi.pt/2014/05/a-invenc%C3%A7%C3%A3o-do-modulo-corpo-humano-e-matematica/>. Acessado em 01 de Novembro de 2016.

Revista Digital Vírus. Disponível em:

<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07/?sec=3&item=1&lang=pt>. *Open Access*. Acessado em 01 de Novembro de 2016.

Stanford University: <https://plato.stanford.edu/entries/kant-transcendental-idealism/#PhenNoum>. Acessado em 09 de Setembro de 2017.

Filmes

CIDADANIA do Espaço, original: MAINMISE Sur Les Villes. Direção de Claire Laborey, Autoria: Claire Laborey, Marc Evreux. Produção : CHAMAEROPS PRODUCTIONS, ARTE FRANCE, 57 minutos, França, 2015. Acessado em: arquivo do Canal Curta, 12 de Março de 2018.

DOMÍNIO Público. Direção: Fausto Mota, Raoni Vidal, Henrique Ligeiro. Produção: Katu Franco. Rio De Janeiro, 98 minutos, 2014. Acesso em: 18 de Julho de 2016.

INCERTEZAS Críticas. Episódio: Jaques Ranciere. Direção: Daniel Augusto. Produção executiva: Fernando Dias e Maurício Dias. Produção: Kênya Zanatta. São Paulo, Grifa Filmes, 27 min, 2015. Acesso em: arquivo do Canal Curta, 21 de Janeiro de 2018.

O Guia Perverso da Ideologia. Direção: Sophie Fiennes. Produção: James Wilson. Irlanda, 134 minutos, 2012. Acesso em: 18 de Julho de 2016.

PAUL Virilio: Pensar a Velocidade, Título Original: PAUL Virilio : Penser la Vitesse. Direção: Stephane Paoli, Produção : La Generale de Production, ARTE FRANCE, França, 1h 31 minutos, 2009. Acessado em: arquivo Canal Curta, 18 de Janeiro de 2018.

PIXO. Direção: João Wainer. Produção Roberto T. Oliveira, São Paulo, 61 min, 2009. Acesso em: 22 de Julho de 2018.

THE Beauty of Diagrams: Vitruvian Man (BBC Four, 2010). Direção: Steven Clarke Produção: Michael Waterhouse, Primeiro episódio da série de seis episódios, Duração: 1h 54 minutos, 2010. Acesso em: 07 de Agosto de 2016.

THE Beauty of Diagrams: Copernicus (BBC Four, 2010). Direção: Steven Clarke Produção: Michael Waterhouse, Segundo episódio da série de seis episódios, Duração: 2h, 2010. Acesso em: 08 de Agosto de 2016.

THE Beauty of Diagrams: Newton's Prism (BBC Four, 2010). Direção: Steven Clarke Produção: Michael Waterhouse, Terceiro episódio da série de seis episódios, Duração: 2h e 3 minutos, 2010. Acesso em: 09 de Agosto de 2016.

THE Beauty of Diagrams: Florence Nightingale (BBC Four, 2010). Direção: Steven Clarke Produção: Michael Waterhouse, Terceiro episódio da série de seis episódios, Duração: 1h e 24 minutos, 2010. Acesso em: 10 de Agosto de 2016.

UM Domingo no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro). Direção: Letícia Simões. Produção: Mariana Ferraz, Guilherme Coelho. "Rio De Janeiro, 20'14", 2011. Acesso em: 18 de Julho de 2016.

Dicionários

Dicionário Informal. Disponível em:

<https://www.dicionarioinformal.com.br/ativista%20pol%C3%ADtico/>. Open Access.

Acessado em 09 de maio de 2018.

<https://www.dicio.com.br/rizoma/>. Open Access. Acessado em 09 de maio de 2018.

Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<https://www.priberam.pt/dlpo/territorializa%C3%A7%C3%A3o>.

Revista Digital dos Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/entropia/>.

Open Access. Acessado em 01 de novembro de 2016.

Anexo

Entrevista com Eduardo José dos Santos Dias

Cientista Social e estudante de Pedagogia

À época (2015): Professor de Sociologia e Filosofia na Escola Estadual Dr. Eloy de Miranda Chaves e da E. E. Cecília Rollenberg

Parece que, quanto mais o tempo passa, mais complexo é entender o movimento secundarista de ocupações escolares paulistas do ano de 2015. Mais complicado me parece porque esses foram movimentos estudantis; porque nós, professores, apoiávamos, mas não tínhamos os papéis de liderança e autoridade, inerentes à nossa profissão. Na ocupação, pelo menos na do Eloy, os estudantes realmente foram os idealizadores e os realizadores de tudo: desde a decisão por ocupar, até a última – e dramática – escolha por entregar às chaves da escola à direção, depois de mais de 40 dias.

É óbvio que, quando eu insisto na centralidade estudantil nos processos de luta, não é querendo tirar o corpo fora. Eu sei que tive uma importância grande nas ocupações do Eloy. Primeiro, porque as próprias discussões nas aulas de sociologia e de filosofia davam instrumentos para a reflexão e atuação dos jovens na vida social; isso não é à toa, é uma escolha pedagógica, um direcionamento político do meu fazer profissional. Segundo, teve a influência da greve dos professores de 2015, que tinha durado 92 dias. Do Eloy, só eu e um colega participamos, mas nossa volta teve recepção acalorada dos alunos e a – exaustiva – reposição de aulas estreitou ainda mais nossos vínculos com eles.

Pois bem, quando o Alckmin anunciou a reorganização escolar e a lista de escolas que estariam no meio, o Eloy era uma delas. Isso significava que a escola passaria a oferecer só o Ensino Fundamental e outra escola da região, o Maria de Lourdes, ofereceria o Ensino Médio. Na prática, sem qualquer diálogo com a comunidade, os alunos seriam remanejados de escola, o que, para muitos, dificultaria ainda mais o acesso à educação. No dia do anúncio, a diretora reuniu todo mundo no pátio e fez uma declaração emocionada, praticamente chamando as pessoas para se mobilizar contra esse projeto. Acontece que, um mês antes mais ou menos, o pessoal de uma outra escola pública de Jundiaí – o Bispo – tinha tido acesso a essa lista e conseguiu mobilizar o então deputado estadual – hoje prefeito – Luiz Fernando Machado a mexer os pauzinhos e tirá-los da reorganização. A diretora do Eloy, que é tucana, desejava fazer um movimento parecido, mas dessa vez através do deputado federal Miguel Haddad (PSDB), que é amigo dela. A ideia era fazer barulho e acumular capital político pro Miguel no São Camilo e, para isso, ela me incentivou a agitar alguns atos públicos. Eu já tinha clareza, na

época, do que ela pretendia mas, da minha parte, o mais importante era oferecer as ferramentas necessárias para que os alunos pudessem se mobilizar politicamente, não apenas na escola, mas para além dela. Meu compromisso, político e pedagógico, era com os estudantes e a comunidade, mas não com a atuação política dos deputados tucanos.

Nos dias que se seguiram, foram feitos atos públicos, com alunos e professores, na Av. Nove de Julho, no centro da cidade e na câmara municipal de Jundiaí enquanto, na cidade de São Paulo e região metropolitana, as escolas já vinham sendo ocupadas. A ideia de ocupar o Eloy ocorreu por parte dos estudantes, em reunião sigilosa. Eu mesmo só soube da ideia quando ela já estava acontecendo. Foi numa terça de manhã, em que eu estava na outra escola em que lecionava (Cecília Rollemberg). Depois, soube que os alunos preferiram ocupar a escola quando eu não estivesse, justamente para que não me compromettesse.

Essa guinada do movimento, a da ocupação, colocou diretora e professores contra os alunos. Como eu já disse, a diretora tinha um compromisso com representantes do partido do então governador; já os professores, não tinham coragem ou disposição de comprar a briga, mesmo que defendessem a ideia. Da minha parte, mantendo a coerência na minha atuação, só restava o apoio à radicalização estudantil.

Os dias de ocupação foram especiais. De uma disputa política pontual, contra o projeto de reorganização, novos questionamentos começaram a despontar: o que fazer com a escola, já que agora o espaço estava nas mãos dos estudantes? A necessidade de serem propositivos, inclusive, era urgente no sentido de disputar o imaginário popular contra as narrativas conservadoras de que os secundaristas eram “vagabundos que não queriam estudar” ou que “os estudantes fizeram da escola uma colônia de férias”.

A partir daí a parceria entre os alunos e os professores da região que apoiavam o movimento foi fundamental. Organizamos oficinas de diversos temas, trazendo pessoas e coletivos que já vinham atuando, principalmente na cena artística da cidade. Um dia, que considero o mais representativo, o ponto alto da Ocupação Eloy, foi o dia da consciência negra, em que a escola se abriu aos membros da comunidade. Começamos com um arrastão pelo bairro, com o grupo Maracatu Jundiaí, lecionei minha oficina teatral, como era costume aos sábados, houve oficinas de maracatu e silk em camisetas, além de um sarau memorável do Coletivo Coisarada. Confluía um espírito de liberdade e participação, contra uma educação autoritária, algo que logo se tornaria lema do movimento no Eloy: “por uma educação que nos ensine a pensar e não a obedecer”.

Hoje, olhando para trás, fica muito evidente que faltava a nós, professores, clareza conceitual para que orientássemos o movimento no sentido de uma formulação político-

pedagógica efetiva. Muitas vertentes da pedagogia misturavam-se no nosso imaginário, sem que tivéssemos as ferramentas adequadas para formularmos um projeto consistente. Mais importante do que isso, não tínhamos condições reais de levar à frente uma organização docente por uma educação libertadora, já que éramos minoria na região e uma minoria heterogênea, com visões políticas muito diversas.

Os resultados reais do processo de ocupação podem, dessa forma, ser relativizados. A batalha contra o projeto de reorganização foi, em partes, vitoriosa. O governador suspendeu a medida, mas, mais uma vez, olhando em retrospectiva, vemos que vem realizando uma reorganização silenciosa, fechando e lotando salas de aula e escolas. Mas, entendendo que o movimento secundarista de ocupações excedeu, em muito, a luta contra a reorganização, acho que é pertinente refletir também nas vitórias e limites do processo em termos de legado enquanto cultura educacional.

A direção autoritária do Eloy, ao fim da ocupação, foi rápida em construir uma narrativa avessa à ocupação. Convocou o conselho de escola (coisa que jamais tinha feito antes) para disseminar uma ideia de que o movimento estudantil era um antro de sexo e drogas. Além disso, mandou pintar de cinza chumbo os dois grafites deixados nas paredes da escola (e eles eram magníficos) e utilizou da sua influência para que eu não pudesse atribuir aulas no Eloy em 2016, visto que eu não era efetivo, mas contratado (o famigerado Categoria O). Em outras palavras, a direção foi eficaz em apagar da cultura escolar qualquer resquício da ocupação. Creio que a única grande vitória posterior dos alunos foi a instituição de eleições para o Grêmio Estudantil, visto que antes os alunos do grêmio eram “escolhidos por comportamento”.

A Ocupação Eloy teve uma “irmã”: a Ocupação da E. E. Frei Dagoberto Romag. Enquanto a Eloy é uma escola de Jundiaí reconhecida por fazer “seleção de alunos” e, mesmo estando próxima ao São Camilo, contar majoritariamente com alunos de classe média, o Romag é uma escola imensa no coração do Bairro São José, na cidade de Campo Limpo Paulista. É uma escola de pessoas de baixa renda, uma típica escola de periferia com todas as tensões e conflitos inerentes a essa realidade. O Romag não passaria pela reorganização, mas seus estudantes entenderam que a ocupação era necessária, tanto como um incentivo à mobilização estadual, como para que chamassem atenção para os problemas específicos dali, que eram muitos.

A Ocupação Romag, por si só, já foi um legado importantíssimo da Ocupação Eloy. Dali, jovens que antes eram desacreditados estabeleceram escolhas profissionais que iam além da perspectiva rápida do tráfico de drogas. Esses jovens reconhecem até hoje o que a ocupação significou em termos de perspectiva de vida. Da mesma forma, os estudantes da Ocupação Eloy

partiram para escolhas profissionais (pedagogia, arquitetura, psicologia, ciências sociais...) com foco no enfrentamento das injustiças sociais.

Finalizo, então, afirmando que, apesar de eu não ser um entusiasta das perspectivas pós-críticas em educação – essas que se orientam por subjetividades, narrativas e discursos – tenho que reconhecer que o maior legado deixado pela ocupação foi justamente nas trajetórias individuais dos sujeitos envolvidos. Não conseguimos vencer, a longo prazo, a reorganização escolar, não conseguimos alterar a cultura autoritária da escola, não conseguimos uma organização efetiva de professores em torno de uma bandeira comum. Mas é um fato incontestável que a ocupação, enquanto vivência e experiência, afetou profundamente a vida de todos nós que nela estivemos, professores e alunos. Da minha parte, eu não estaria em Recife, estudando pedagogia, se não estivesse, desde então, tocado pelos questionamentos despertados pela mobilização: Quais os sentidos de uma gestão democrática efetivamente emancipadora? Quais são as formulações pedagógicas verdadeiramente contra hegemônicas? Como garantir ao aluno trabalhador, ou filho de trabalhador, as ferramentas necessárias para o engajamento em sua própria libertação?

Às vezes, erramos o alvo e temos de nos repensar. Às vezes, ao errarmos o alvo, temos de reconhecer que acertamos em cheio ao mudarmos algumas vidas, dentre elas, a nossa própria.